

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO**

**MAIARA DALLAGNOL**

**E SE TODA A SUA INFÂNCIA ESTIVESSE VISÍVEL NA INTERNET?  
AS MOTIVAÇÕES DO *SHARENTING* E A EXPOSIÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DO  
COMPARTILHAMENTO DA PARENTALIDADE NO INSTAGRAM**

PORTO ALEGRE

2022

MAIARA DALLAGNOL

**E SE TODA A SUA INFÂNCIA ESTIVESSE VISÍVEL NA INTERNET?**  
AS MOTIVAÇÕES DO *SHARENTING* E A EXPOSIÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DO  
COMPARTILHAMENTO DA PARENTALIDADE NO INSTAGRAM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Thais Helena Furtado

PORTO ALEGRE

2022

**E SE TODA A SUA INFÂNCIA ESTIVESSE VISÍVEL NA INTERNET?**  
AS MOTIVAÇÕES DO *SHARENTING* E A EXPOSIÇÃO INFANTIL ATRAVÉS DO  
COMPARTILHAMENTO DA PARENTALIDADE NO INSTAGRAM

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul como  
requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em  
Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Thais Helena Furtado – UFRGS  
Orientadora

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Cláudia Gruszynski – UFRGS  
Examinadora

---

Prof. Dr. Felipe Moura de Oliveira – UFRGS  
Examinador

*Ao Lulu, que me permitiu viver a infância  
novamente.*

## AGRADECIMENTOS

Desde sempre sinto que é na comunicação com o outro que encontro e amplio as minhas próprias potencialidades - e percebo que isso se deve principalmente às influências que tive desde a infância. A minha mãe, Edair Rosa Dallagnol, e o meu pai, Aldoir Dallagnol, são as pessoas mais simpáticas e conversadeiras que conheço e, como a fruta não cai longe do pé, deles herdei o interesse em ouvir com afeto e em compartilhar histórias. Por isso, agradeço a eles por transmitirem a mim a sua sensibilidade e, sobretudo, a sua coragem. A coragem de buscar pelas suas metas, pelos seus sonhos, e, agora, também pelas suas curas. São eles os meus grandes exemplos para seguir em frente sem nunca esquecer de espalhar sorrisos calorosos que alcançam os nossos próprios olhos. São eles que me inspiram e que me apoiam a buscar o que acredito e o que tem sentido para mim. São eles que me ajudam a encontrar o que me faz feliz. Obrigada, mãe, e obrigada, pai, por me permitirem ser quem sou e por me ajudarem a chegar até aqui, com a intenção de continuar seguindo. Com amor, sou muito de vocês.

Obrigada também à minha irmã, Marina Dallagnol, que foi fundamental para a construção do que sou hoje, sendo a irmã mais velha que ajuda a moldar o senso crítico, o pensar e o agir. Te ter como um espelho de futuro e como uma fonte inesgotável de conselhos é a melhor coisa que uma maninha poderia desejar. Com orgulho, sou muito de ti.

Além disso, carrego comigo a certeza de que são muitas as pessoas que compartilharam seus pedacinhos comigo. Aqui, agradeço à minha melhor amiga de infância (e de vida), Júlia Camassola, pelas tantas descobertas que fizemos juntas, sempre ao lado de risadas altas e de olhares cúmplices - e irônicos. Com vários anos nas nossas bagagens, sinto que também sou muito de ti.

Obrigada às minhas amigas que experienciaram a adolescência e cresceram junto comigo: Amanda Noya, Hannah Wolmeister, Júlia Marca, Natália Bitencourt e Sarah Cristina da Silva. Obrigada especialmente aos - agora - amigos jornalistas: Caroline Oliveira, Daniel Giussani, Isabel Gomes, Heloíse Bordin, Luísa Tessuto, Rafaela Frison e Taciana Farias. Agradeço por compartilharem a jornada acadêmica comigo, em momentos bons e não tão bons, e por termos vindo juntos até aqui - passinho a passinho, mas tendo registrado as pegadas de todos eles lado a lado. Meu obrigada extra à Rafa, que me contou sobre o fenômeno “*sharenting*” e,

assim, me entregou a chave para esse portal de pesquisa - estando sempre bem pertinho da minha jornada.

Em especial, agradeço à minha orientadora, Thais Helena Furtado, por relacionar a infância e a Comunicação com intensidade e brilho nos olhos. Muito obrigada por compartilhar os teus saberes e as tuas experiências comigo. Obrigada essencialmente por estar ao meu lado nesse processo. Também agradeço à Antonia Wallig e à Carolina Ribeiro por embarcarem nos encantos das vivências infantis em suas trajetórias pessoais e por trazerem as suas percepções para o nosso cotidiano.

Por fim, obrigada ao Vila Flores e à toda a sua comunidade criativa por demonstrar na prática a potência das conexões e do coletivo. Obrigada a cada uma e a cada um que dá forma a esse oásis mágico de carinho, de cuidado, de convívio e de trabalho em busca das transformações sociais que tanto sonhamos. Ser parte desse espaço de tantas trocas desde que estou no 2º semestre de faculdade me constituiu como profissional, mas sobretudo como ser - brincante, pensante e pulsante. Isso é muito do que sou.

*“Alice perguntou: Gato Cheshire... pode me  
dizer qual o caminho que eu devo seguir?  
Isso depende muito do lugar para onde  
você quer ir — disse o Gato.”*

- Lewis Carroll, em Alice no País das Maravilhas

*“Viver é isto: ficar o tempo todo se equilibrando  
entre escolhas e consequências.”*

- Jean-Paul Sartre

## RESUMO

Este trabalho aborda a prática do *sharenting*, ou seja, a partilha parental realizada principalmente através do compartilhamento de fotos e vídeos das crianças na internet. O objetivo geral da pesquisa é conhecer as motivações de mães e pais nativos digitais para a publicação de tais conteúdos no Instagram, relacionando as transformações sociais fomentadas pelo ciberespaço com as características dessa geração. Além do levantamento bibliográfico acerca da cibercultura e dos conceitos de natividade digital e *sharenting*, a pesquisa teve como processo metodológico de embasamento a realização de entrevistas fundamentadas em duas técnicas: a pesquisa de opinião, para a obtenção de resultados quantitativos, e o grupo focal, para o aprofundamento da temática em análises qualitativas. Como resultado, foi constatado que os nativos digitais praticam o *sharenting* com a intenção de registrar as vivências de filhas e filhos em um ambiente de fácil acesso. Além disso, mães e pais são motivados também pela vontade de aproximar as crianças de familiares e de amigos e de compartilhar com eles o seu orgulho parental. Isso mostra que as crianças não são as reais protagonistas do *sharenting*, mas sim as próprias mães e pais.

**Palavras-chave:** *Sharenting*, cibercultura, natividade digital, pais e mães, infância

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### GRÁFICOS

Gráfico 1 - Ano de nascimento dos entrevistados.....	36
Gráfico 2 - Renda familiar mensal dos entrevistados.....	37
Gráfico 3 - Número de seguidores dos entrevistados na rede social Instagram.....	39
Gráfico 4 - Frequência de compartilhamentos dos entrevistados sobre assuntos gerais.....	40
Gráfico 5 - Frequência de compartilhamentos dos entrevistados de registros da própria imagem.....	40
Gráfico 6 - Frequência de compartilhamentos dos entrevistados de registros da imagem de suas filhas ou de seus filhos.....	41
Gráfico 7 - Solicitação de permissão da filha ou filho para publicar as suas imagens no Instagram.....	44
Gráfico 9 - Riscos do <i>sharenting</i> .....	47

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. CIBERCULTURA E GERAÇÃO Y: O ESPAÇO E OS SUJEITOS DO SHARENTING.....</b>	<b>14</b>
2.1 Cibercultura.....	14
2.1 Geração Y e a Natividade Digital.....	17
<b>3. O COMPARTILHAMENTO DAS VIVÊNCIAS PESSOAIS NA INTERNET.....</b>	<b>20</b>
3.1 As relações mediadas pela internet.....	20
3.2 Instagram: a rede para quem quer ser visto.....	21
3.3 <i>Sharenting</i> : a parentalidade exposta.....	23
<b>4. METODOLOGIAS: ENTREVISTAS QUANTITATIVA E QUALITATIVA.....</b>	<b>28</b>
4.1 Método quantitativo: a pesquisa de opinião.....	28
4.2 Método qualitativo: o grupo focal.....	31
4.3 Procedimentos metodológicos.....	33
<b>5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>39</b>
5.1 Pesquisa de opinião: resultados quantitativos.....	39
5.2 Grupo focal: resultados qualitativos.....	52
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>65</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE OPINIÃO.....</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTA EM GRUPO FOCAL.....</b>	<b>81</b>
<b>APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM GRUPO FOCAL.....</b>	<b>83</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Os avanços das tecnologias e a popularização das redes sociais possibilitaram que pessoas não-famosos pudessem tornar público o que antes era privado. Assim, é cada vez mais habitual que compartilhem as nossas imagens na internet e, sobretudo, os registros das nossas vivências cotidianas com um amplo grupo - que, muitas vezes, não se limita apenas aos seguidores que selecionamos.

Conforme a Constituição Federal de 1988, todos os cidadãos têm assegurados os direitos à honra, imagem, privacidade e intimidade. Acontece que, com a falta de consciência sobre os termos de uso que aceitamos para utilizar as plataformas digitais e, principalmente, pela familiaridade que temos desenvolvido com as redes sociais, passamos a atribuir menos importância aos cuidados com as nossas informações pessoais e o mundo online torna-se um espaço de ameaças potenciais.

Assim, ao criarmos contas em sites da internet, concedemos acesso a dados que atravessam tais direitos, culminando em uma série de riscos, tanto no ambiente virtual, quanto nas nossas vidas reais. Por esse motivo e por estarem sob legislações como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), crianças e pré-adolescentes são orientados a não possuir perfis pessoais nesses sites. Inclusive, as principais plataformas instituem uma idade mínima para a criação de contas pelo usuário. No Instagram, rede social central de estudo desta pesquisa, é permitida a presença apenas de maiores de 13 anos. No entanto, essa medida não evita que a imagem e a vida privada das crianças cheguem até à internet.

Para refletir sobre o crescimento desse fenômeno de exposição infantil, podemos buscar estabelecer relações geracionais. Em 2001, o pesquisador em educação Marc Prensky desenvolveu o conceito “nativos digitais” para referir-se às pessoas nascidas após 1980 e que cresceram entendendo que as interações virtuais são parte natural da vida. Hoje, esses jovens adultos que estão em contato com as mídias sociais desde a adolescência estão tornando-se mães e pais e, dessa forma, passam a compartilhar na internet não apenas as suas experiências pessoais, como também as das crianças.

Esse comportamento de expor, muitas vezes de maneira excessiva, suas filhas e filhos tem nome: *sharenting* - que pode ser definido como partilha parental, em português. Apesar do termo ainda ser pouco conhecido, esse fenômeno tem se

apresentado de maneira cada vez mais frequente no nosso cotidiano, portanto, percebi ser fundamental o seu estudo.

Sensibilizada pelos crescentes dados sobre a exposição da infância na internet e por perceber esse crescimento nas minhas próprias relações pessoais, produzi, em grupo, uma reportagem sobre a prática do *sharenting*. A matéria “E se toda a sua infância estivesse visível na internet?”<sup>1</sup> foi desenvolvida em 2020, durante a disciplina de Ciberjornalismo III, junto de minhas colegas Luara Rodrigues e Rafaela Frison. Por meio dela, buscamos compreender como a publicação excessiva das imagens de filhas e filhos nas redes sociais pode interferir na vida dessas crianças. A partir de entrevistas com pesquisadoras das áreas do Direito e da Comunicação e também através de conversas com responsáveis por menores de idade, abordamos de forma jornalística as diversas nuances que envolvem essa prática.

Além disso, como o intuito da reportagem era apresentar ao público também conteúdos multimídia, elaboramos um formulário<sup>2</sup> em que mães e pais de menores de idade puderam compartilhar as suas opiniões sobre o assunto. O formulário foi divulgado de forma online e obteve 172 respostas. Por meio delas, constatamos que 85% das pessoas participantes nunca tiveram contato com o termo “*sharenting*”, embora 83% afirmaram compartilhar fotos de suas filhas ou filhos nas redes sociais. Além disso, mais da metade dos respondentes incluíram no formulário os seus emails para que pudéssemos enviar o link da matéria finalizada.

Após a publicação da reportagem, recebemos vários retornos positivos e notamos o quanto essa questão é importante para o cotidiano das famílias. Sobretudo, me encantei ao notar o quanto há interesse público em conhecer melhor as dimensões do seu impacto dessa prática. A partir desse reconhecimento da relevância social da temática, me senti mobilizada a continuar pensando no assunto e abordá-lo de forma científica no meu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por conta disso, este trabalho tem como intuito principal responder ao seguinte problema de pesquisa: **O que motiva mães e pais nativos digitais a compartilhar as experiências de suas filhas e filhos e as vivências da parentalidade por meio do *sharenting*?** Para encontrar essa resposta, o objetivo

---

<sup>1</sup> Disponível em:

<https://reportagemciberjornal.medium.com/e-se-toda-a-sua-infancia-estivesse-visivel-na-internet-dfd051a81e>

<sup>2</sup> Disponível em:

<https://reportagemciberjornal.medium.com/resultados-da-pesquisa-sobre-sharenting-2a3cfa58af9b>

geral do trabalho é conhecer as motivações de mães e pais nativos digitais para o compartilhamento de conteúdos sobre suas filhas e filhos de até 12 anos no Instagram, partindo dos seguintes objetivos específicos: a) discutir o conceito de *sharenting*; b) identificar as características de pessoas nativas digitais em relação à exposição de crianças no Instagram; e c) investigar quais conteúdos sobre filhas e filhos de até 12 anos são compartilhados por mães e pais nativos digitais no Instagram.

Dessa forma, abordaremos aqui os conceitos de ciberespaço e de cibercultura para compreender as formas de uso da internet na contemporaneidade e as suas influências na nossa vida. Para isso, serão desenvolvidas reflexões sobre as mudanças no cotidiano e nas experiências sociais através do uso da internet, com foco nas interações que acontecem nas redes sociais e, sobretudo, nas formas de exposição infantil.

Os recursos metodológicos utilizados como forma de coleta de dados para o desenvolvimento desta pesquisa enquadram-se na metodologia da entrevista. As técnicas utilizadas são a pesquisa de opinião, que tem uma abordagem quantitativa, e o grupo focal, que contempla resultados qualitativos e, portanto, trazem visões mais aprofundadas sobre o *sharenting*.

## **2. CIBERCULTURA E GERAÇÃO Y: O ESPAÇO E OS SUJEITOS DO SHARENTING**

Neste capítulo, serão abordados os conceitos de ciberespaço e cibercultura para compreender as formas de uso da internet na contemporaneidade e as suas influências no dia a dia dos indivíduos. Também serão apresentados o termo “*Millennials*”, cunhado por Neil Howe e William Strauss (1991); e o conceito de Natividade Digital, desenvolvido por Marc Prensky (2001).

### **2.1 Cibercultura**

A disseminação das tecnologias de informação impulsionaram o desenvolvimento de novos sistemas de comunicação, construindo o ciberespaço, denominado também como rede. Segundo Pierre Lévy (1999), esse é um novo espaço de comunicação fomentado pela interconexão de computadores e também de suas memórias, que estabelecem relações entre si mesmo estando em diferentes lugares do globo. É um espaço de “sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LÉVY, 1999, p. 31). Assim, o autor afirma que, através do ciberespaço, foram desenvolvidos dois dispositivos informacionais. São eles, o mundo virtual, baseado na imersão dos indivíduos em uma realidade digital, e a informação em fluxo, que possibilita o estabelecimento de relações entre pessoas em seus diferentes contextos.

O mundo virtual dispõe as informações em um espaço contínuo [...] A informação em fluxo designa dados em estado contínuo de modificação, dispersos entre memórias e canais interconectados que podem ser percorridos, filtrados e apresentados ao cibernauta de acordo com suas instruções, graças a programas, sistemas de cartografia dinâmica de dados ou outras ferramentas de auxílio à navegação. (LÉVY, 1999, p. 63).

Nesta pesquisa, serão abordadas as informações de fluxo, devido ao fato de serem as relações estabelecidas em seu âmbito que constituem o regime da cibercultura. Conforme Francisco Rüdiger (2011), essa nomenclatura é resultado da fusão dos termos “cultura” e “cibernética” e surgiu junto da popularização da internet. Através de suas definições, é possível compreender que os fenômenos sociais são gerados pelos próprios indivíduos que relacionam-se com eles, de modo que tais conceitos passam por mutações ao longo do tempo.

Para Pierre Lévy (1999), o ciberespaço tem na sua amplitude o espaço necessário para promover a “virtualização geral da economia, da comunicação e da sociedade” (LÉVY, 1999, p. 50). O sociólogo afirma que o processo de interconexão afeta as informações sobre a realidade e ocasiona impactos frequentes nas diversas atividades sociais.

Este acontecimento transforma, efetivamente, as condições de vida em sociedade. Contudo, trata-se de um universo indeterminado e que tende a manter sua indeterminação, pois cada novo nó da rede de redes em expansão constante pode tornar-se produtor ou emissor de novas informações, imprevisíveis, e reorganizar uma parte da conectividade global por sua própria conta. (LÉVY, 1999, p. 110).

A partir desse conhecimento, é possível reconhecer também o impacto da evolução tecnológica nos processos de sociabilidade. Conforme Helena Abramo (2014, p. 81), o termo sociabilidade refere-se ao “conjunto de relacionamentos que o indivíduo reúne em sua trajetória [...] caracterizada pelo prazer e pelo estímulo agradável de se estar em companhia dos outros”. Assim, apresenta-se como uma tendência natural para integrar-se à coletividade e também, ao passo que surgem novos ambientes de convivência, esses relacionamentos adquirem novos formatos, indo também para o universo online.

Dessa forma, o antropólogo Arturo Escobar (1994, apud Ribeiro, 2022) reflete que as tecnologias criam novos tipos de sociabilidade: a tecnossociabilidade e a biossociabilidade, as quais formam a base do regime da cibercultura. Elas referem-se, respectivamente, ao processo de construção sociocultural incentivado por ferramentas tecnológicas inovadoras, que produzem novas concepções de vida, natureza e corpo. O autor Pierre Lévy (1999) compartilha dessa percepção:

O ciberespaço dissolve a pragmática da comunicação que, desde a invenção da escrita, havia reunido o universal e a totalidade. Ele nos leva, de fato, à situação existente antes da escrita — mas em outra escala e em outra órbita — na medida em que a interconexão e o dinamismo em tempo real das memórias online tornam novamente possível, para os parceiros da comunicação, compartilhar o mesmo contexto, o mesmo imenso hipertexto vivo. (LÉVY, 1999, p. 118).

Para Manuel Castells (2007, apud Abramo, 2014), a tecnossociabilidade enfatiza as tecnologias de comunicação como contexto. Dessa forma, elas impulsionam modos diferentes de ser e agir, propondo novos valores e

sociabilidades. Assim, as vivências individuais são diretamente influenciadas, inclusive na infância, conforme propõe a análise dos processos de *sharenting*, abordada nos capítulos seguintes.

Através da tecnossociabilidade são adquiridas competências específicas que contribuem para que o indivíduo reconheça as diferentes formas de utilização das tecnologias e sinta como se estivesse cada vez mais simples utilizar os meios digitais. Além disso, as suas formas de agir virtualmente e de reagir aos estímulos online são adaptadas para os diversos formatos possibilitados pela interação virtual.

No entanto, é importante levar em consideração os entendimentos de Jacob Burckhardt (1973, apud Rüdiger, 2011), que aborda a temática da inteligência coletiva. Para ele, quando são apresentadas informações em demasia, não é possível que os indivíduos assimilem todas elas. Portanto, há tendência de que isso aconteça no ciberespaço porque, apesar de a inteligência artificial estar progredindo, a inteligência humana, em geral, mantém-se no mesmo patamar. Assim, Rüdiger (2011) reconhece que a conexão com outras pessoas e culturas diferentes é capaz de ampliar a criatividade dos indivíduos, mas isso não torna a sociedade mais inteligente. Dessa maneira, as pessoas continuam a ter a mesma intelectualidade que possuíam antes das facilidades do uso das tecnologias para a comunicação.

Lévy (1999) também defende essa ideia. Para ele, o ciberespaço beneficia os processos de produção da inteligência coletiva por prover um ambiente favorável para tal. Entretanto, o autor aborda que:

Nos casos em que processos de inteligência coletiva desenvolvem-se de forma eficaz graças ao ciberespaço, um de seus principais efeitos é o de acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecnossocial, o que torna ainda mais necessária a participação ativa na cibercultura, e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e apropriação. (LÉVY, 1999, p. 27).

É por essa alteração tecnossocial e pela criação de novas formas de compreensão e de apropriação - estimuladas pelo crescimento do domínio técnico e pela adaptação à comunicação através de dispositivos digitais - que as diferenças geracionais são intensificadas.

No contexto da “Geração da Internet” estão os “*Millenials*”, também conhecidos como “Geração Y”.

## 2.2 Geração Y e a Natividade Digital

Atribuído aos autores Neil Howe e William Strauss (1991), o termo “*Millenials*” abrange pessoas nascidas entre os anos 1980 e início dos 1990 e que apresentam diferenças em seus comportamentos sociais, econômicos e tecnológicos, conforme discorre Galindo (2016):

[...] de forma evolutiva vem proporcionando uma nova sociedade baseada em novos padrões de relacionamentos sociais, uma nova psicologia, uma nova economia e uma nova relação geopolítica pois as fronteiras aparentam ter significados meramente demarcatórios uma vez que adentramos em uma sociedade em rede ou conectada. (GALINDO, 2016, p. 1).

Ainda conforme Galindo (2016), essa condição tecnossocial é compreendida por meio de delimitações temporais que partem das manifestações tecnológicas, políticas e culturais.

Esta geração configura-se por um novo momento seja na economia, no social, na cultura, no tecnológico e no comportamento advindo de um novo self, apontado por Kerckhove (2009) como uma tecnopsicologia, ou seja, vive-se intensamente sob a influência das inovações tecnológicas. Acreditamos que tal configuração reflete esta geração que compreende o período de 1978 a 1990, ou com variações de alguns autores entre 1980 a 2000, que de forma sintética alinham as seguintes características atribuídas a essa geração: 1) estão conectados permanentemente; 2) compartilham o seu mundo com todos, seja por fotos, relatos, hábitos etc.; 3) buscam informação fácil, rápida e em quantidades; 4) substituem sua presença física pela onipresença virtual; 5) estabelecem, mantêm e vivem em redes de relacionamentos online; 6) realizam-se pela contínua renovação da tecnologia, daí a busca pelas inovações tanto de hardwares como de softwares e mais ainda por aplicativos. (GALINDO, 2016, p. 3).

Embora não seja uma teoria comprovada por métodos científicos, esse intervalo geracional também abrange pessoas consideradas “nativas digitais”. Por meio da publicação do artigo “*Digital natives, digital immigrants*”, o pesquisador em educação Marc Prensky (2001) cunhou o termo “Nativos Digitais”, buscando representar a primeira geração que cresceu cercada pelas tecnologias da computação. Segundo ele, as pessoas nascidas após 1980 tiveram o seu desenvolvimento biológico e social mediado pelo uso das tecnologias, afirmando que “jogos de computadores, a Internet, os telefones celulares e as mensagens instantâneas são partes integrais de suas vidas” (PRENSKY, 2001, p. 1). Esses indivíduos já estão habituados a receber informações de maneira mais ágil, além de serem capazes de assimilar informações e atividades diversas em simultâneo.

Nesse aspecto, Silvana Lemos (2009) também desenvolve a seguinte reflexão, em seu artigo “Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola”:

Os jovens de hoje fazem parte da primeira geração imersa quase que totalmente na tecnologia, na mais efetiva tese McLuhaniana de que os meios são extensões do homem. Pelo mundo eles interagem, reagem, divertem-se com os jogos, não desgrudam dos seus celulares, elemento que compõe sua identidade, começam e terminam namoros pelo MSN, contam detalhes de sua intimidade no Orkut, baixam música, aprendem a fazer música, filmam, reproduzem, trocam e criam um olhar sobre o outro frente às inúmeras janelas que se abrem em tamanhos e dimensões diversas. Esta geração que nasceu entre 1980 e 1994 foi caracterizada pelo pesquisador americano Prensky (2001) como “nativos digitais”. (LE MOS, 2009, p. 39)

Para aprofundar essa discussão, Don Tapscott (1998) desenvolveu uma pesquisa com pessoas que nasceram entre janeiro de 1977 e 1997. Conforme explicam Silva e Ribeiro (2013), a equipe do pesquisador manteve contato com indivíduos de diferentes idades e residentes de países como Brasil, Estados Unidos, México, Espanha e China. Ao todo, mais de dez mil pessoas participaram das entrevistas propostas.

A intenção era descobrir como essa geração funcionava e como elas se diferenciavam de seus antecessores, os Baby boomers. Suas conclusões formam a imagem da geração de partida dos nativos digitais, pela primeira vez uma geração inteira nascia imersa em bits, respirando tecnologia. (SILVA; Ribeiro, 2013, p. 17).

Como resultado, Tapscott percebeu um ambiente tecnológico em que as novidades eram absorvidas de forma mais ágil. No entanto, a definição de que tal geração é naturalmente apta ao uso das tecnologias é considerada equivocada por muitos pesquisadores, como apresenta o artigo “Letramento digital: uma reflexão sobre o mito dos ‘nativos digitais’”, de Azevedo et al. (2018):

A potência dessa categoria é indubitável: ela encapsulou três fenômenos que estavam afetando cada vez mais o imaginário coletivo do Ocidente, gerando um ardor e, em muitos, abertamente o medo. Em primeiro lugar, a extrema velocidade com a qual o digital filtrou nossa vida diária; segundo, a facilidade com que aparentemente os jovens lidaram com isso, bem como o papel preponderante disso em suas vidas; e, terceiro, o inegável impacto do primeiro nos processos educacionais. No entanto, a fragmentação da sociedade em nativos e imigrantes serviu para apontar outro capítulo no proverbial pânico social contra a tecnologia, que então seria, como seria de esperar, estimulado, hiperbolizado e dramatizado pela mídia e por certos autores insidiosos. (SILVA; ARTURO, 2016, p. 472, apud AZEVEDO et al., 2018).

Apesar das observações contrárias, esta pesquisa busca compreender padrões de comportamento - mais especificamente relacionados ao *sharenting* - de pessoas que possuem vivências tecnológicas similares, ancorada no conceito de "natividade digital", que abrange uma faixa etária similar à Geração Y, mas levando em conta o fato de que essas definições não são rígidas.

Conforme aponta Vermelho et al. (2014), as pessoas desse recorte geracional vivenciam um formato de comunicação que apresenta ferramentas que promovem a conexão entre mídias, culminando na tecnocultura. Para Lopes (2014), essa ambiência tecnocultural é utilizada como forma de referir-se a "um contexto dinâmico, sempre em mutação, que surge das tensões e dos atravessamentos provocados pelas práticas sociais que se efetuam sobre os meios técnicos de uma dada cultura" (p. 33).

Assim, é reconhecido que a popularização da internet, a disseminação de eletrônicos e o desenvolvimento de plataformas digitais provocaram importantes mudanças no cotidiano e nas experiências sociais, sobretudo para os jovens que estiveram próximos desse avanço a partir dos anos 1990. Dessa forma, compreende-se que os indivíduos considerados nativos digitais iniciaram a sua fase adulta relacionando-se com o que se tornaria, então, as redes sociais. Os processos e fenômenos impulsionados por essas plataformas de relacionamento digital serão apresentados no próximo capítulo.

### **3. O COMPARTILHAMENTO DAS VIVÊNCIAS PESSOAIS NA INTERNET**

Neste capítulo, serão aprofundadas as reflexões sobre as mudanças no cotidiano e nas experiências sociais influenciadas pela cibercultura, com foco nas interações por meio das redes sociais e, sobretudo, nas formas de exposição pessoal e de exposição infantil.

#### **3.1 As relações mediadas pela internet**

A utilização das plataformas digitais como forma de desenvolvimento das relações interpessoais e expositoras das práticas rotineiras fez com que a sociedade passasse a vivenciar um processo que, conforme Sandoval da Silva Júnior (2018), pode ser chamado de midiatização - um fenômeno envolto pelas tecnologias e fomentado pela necessidade do indivíduo de representar a si mesmo para os outros. O autor apresenta também o conceito de Sodré (2002, apud Silva Júnior, 2018, p. 37), que define a midiatização como “a virtualização das relações humanas inseridas na cibercultura”, consistindo em alterações dos formatos de interação social e no papel social de cada um.

Ainda sob a ótica de Silva Júnior (2018), essa midiatização fomentada pelos espaços virtuais transformou as maneiras com que os indivíduos relacionam-se e, a partir das interações online, a organização social foi reconfigurada. Dessa forma, a necessidade constante de contato com o outro - mesmo que mediado pelo contexto online - promove também “o paradoxo humano dos tempos atuais” (SILVA JÚNIOR, 2018, p. 35): a liquidez das relações. Assim, para ele, as tecnologias midiáticas não representam apenas a ferramenta técnica para a comunicação, mas também representam o modo com que são desenvolvidas as relações comunicacionais.

Para Raquel Recuero (2010), tais interações envoltas pela virtualidade também podem contribuir para a criação de laços sociais, que representam o fortalecimento das conexões interpessoais. Na intenção de sustentar esses laços, os indivíduos podem adaptar as suas ações no ambiente virtual e realizar mudanças em seu “modo de ser, ver, comunicar, consumir, interagir e existir em sociedade” (RIBEIRO et al, 2016, p. 165).

Há um apelo iconográfico constantemente estimulado pelos usos que fazemos das redes sociais que transmutam as relações, espetacularizam a vida, favorecem a interação, a troca de informações e ideias numa

comunicação incessante e infinita. Cada sujeito conectado à rede ‘vive’ o seu espetáculo, se reinventa, apresenta-se como gostaria de ser visto, se expressa através de selfies ou de códigos hipermídias, como os emojis, e ‘sobrevive’ em perfis que são visíveis a partir da quantidade dos Likes. (RIBEIRO et al., 2016, p. 165).

As novas dinâmicas adotadas ao tentar encaixar-se no que se imagina ser a forma de interação ideal torna explícita a necessidade de aprovação e do retorno positivo de quem integra as redes sociais digitais. Como aponta Silva Júnior (2018), é uma busca contínua pela aceitação e pela conquista de capital social atribuído a ela. Assim, é constituído um potencial bios midiático, definido pelo autor como uma “ambiência capaz de transformar, criar e ressignificar valores sociais” (p. 24).

É intrínseca a busca pelo olhar avaliador quando se refere ao “eu” no bios midiático. A fragilidade da busca pela avaliação externa transborda e negligencia a auto avaliação, pois é humano desejar o outro para a aprovação de suas necessidades e carências. (SILVA JÚNIOR, 2018, p. 34).

Essa necessidade por aprovação pode ser relacionada com o que Illouz (2011) chama de “competência afetiva”, presente na lógica do capitalismo neoliberal, em que os sujeitos precisam provar a todo instante que são bons profissionais, mas não apenas a partir da sua capacidade técnica. Os trabalhadores são provocados a também gerir sua vida social e seus relacionamentos, dentro e fora do ambiente de trabalho, para provar seu bom desempenho em qualquer lugar, realizando uma espécie de “boa gestão de si mesmo”. A autora chama esse movimento de “capitalismo afetivo”, em que o sujeito, além de ser produtivo e competente no seu trabalho, precisa demonstrar uma boa performance também na sua vida pessoal, o que seria sinônimo de felicidade.

Todo esse contexto é que faz com que os indivíduos busquem exibir vidas divertidas, cenários bonitos e momentos “invejáveis”, principalmente através do Instagram, uma rede social criada para o compartilhamento de fotos, vídeos e breves textos, com demonstração de aprovação através de curtidas e de comentários dos demais usuários.

### **3.2 Instagram: a rede para quem quer ser visto**

O Instagram é uma plataforma desenvolvida pelo estadunidense Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger e lançada como aplicativo para *smartphones*

em outubro de 2010. Em formato de rede social, os conteúdos do ambiente virtual são criados pelos próprios usuários. Conforme Cardoso e Lamy (2011, apud Brito, 2017), a disponibilização de conteúdos desenvolvidos pelos usuários nas redes sociais torna-os “*prosumers*”, ou seja, ao mesmo tempo, os indivíduos são reconhecidos como produtores e consumidores de informações, fomentando uma comunicação em rede.

Através de espaços pessoais, indivíduos podem criar contas e manter perfis com as informações que desejarem, compartilhando fotos, vídeos e pequenos textos. Além disso, também são geradas e compartilhadas informações por meio de interações com quem compõe a rede - sejam estes conhecidos ou desconhecidos. Segundo Silva Júnior (2008, p. 21), tais atores sociais utilizam esse meio para além da interatividade, buscando também por “liberdade de expressão, popularidade, laços sociais, visibilidade, reputação e fortalecimento de autoridade (influência)” no ciberespaço.

O uso massivo da mídia social torna as conexões entre as pessoas mais visíveis e mais facilmente coletáveis, revelando um panorama de associações humanas. Esse panorama não é simples. As redes sociais humanas tomam formas variadas, cada uma refletindo um tipo de processo social gerador diferente. [...] Assim, saber em qual tipo de rede você está e onde você se posiciona nessa estrutura é essencial para a performance organizacional e para as carreiras individuais. (SMITH, 2015, p. 10).

O Relatório de Visão Geral Global Digital 2022<sup>3</sup>, publicado em abril de 2022 pelas agências de marketing digital *We Are Social* e *Hootsuite*, afirma que estão ativas 1.45 bilhão de contas no Instagram. No Brasil, conforme a pesquisa, a plataforma é a terceira<sup>4</sup> rede social mais utilizada, possuindo 122.5 milhões de contas ativas no país. A quantidade crescente de perfis aponta o quanto a sociedade contemporânea encontra-se absorvida na necessidade da exposição pessoal, com atualizações a todo o momento, já que, de acordo com Silva Júnior (2018), apoiado no “imperativo de visibilidade” abordado por Recuero (2010), há a “imprescindibilidade do ‘ser visto’ para ‘ser lembrado’ (SILVA JÚNIOR, 2018, p. 36).

---

<sup>3</sup> <https://www.slideshare.net/DataReportal/digital-2022-april-global-statshot-report-apr-2022-v01>. Acesso em: 31 de agosto de 2022.

<sup>4</sup> Redes sociais mais utilizadas conforme o Ranking do Relatório de Visão Geral Global Digital 2022: WhatsApp (165 milhões de contas ativas), YouTube (138 milhões de contas ativas) e Instagram (122 milhões de contas ativas).

Nesse contexto, é possível pensar na adaptação que Martha Medeiros fez da frase “penso, logo existo”, de autoria do filósofo francês René Descartes, transformando-a em “posto, logo existo”, em uma de suas crônicas para o jornal Zero Hora. Assim, compreende-se que para cada vez mais pessoas é necessário nutrir uma presença online para, através de sua virtualidade, comprovar a sua materialidade. E, nesse sentido, é legítimo que as crianças e jovens também estejam presentes no universo virtual, já que são tão parte da sociedade quanto os adultos e devem integrar as dinâmicas sociais assimiladas aos espaços de conectividade. E mais: crianças e adolescentes já nasceram em uma sociedade midiaticizada, como foi visto no capítulo anterior. O *sharenting* é uma das formas que usuários das redes encontraram para dar visibilidade às crianças de suas famílias e à sua forma de ser pai, mãe ou responsável por elas.

### **3.3 *Sharenting*: a parentalidade exposta**

Para Iuri Bolesina e Talita Faccin (2020, p. 210), “uma das características da cultura contemporânea é a prática da revelação voluntária de informações pertencentes à intimidade pessoal e à identidade pessoal, sobretudo no ciberespaço”. A familiaridade com as redes sociais contribui para que os indivíduos compartilhem cada vez mais as suas experiências pessoais na internet e, à medida que essas pessoas se tornam mães e pais, naturalmente são publicadas também as suas vivências no âmbito da parentalidade. Dessa forma, pode-se dizer que, atualmente, a vivência parental também é desenvolvida nos espaços virtuais.

Conforme Fernando Eberlin (2017), os pais divulgam informações de caráter pessoal dos filhos, como “fotografias, informações de localização, colégio onde estudam, rede de amigos, questões de saúde, dentre outras” (EBERLIN, 2017, p. 256), e essa prática constrói um rastro digital que acompanhará a criança durante a sua vida. Por suas características, a principal rede social utilizada para esses compartilhamentos é o Instagram.

Segundo Inês Brito (2019), essas transformações nos modos de agir resultaram em uma prática popular, estabelecida pelas relações entre as redes sociais e a exposição: o *sharenting*. Do ponto de vista de Marasli et al. (2016, apud Brito, 2019), o conceito é uma união dos termos em inglês “*sharing*” (compartilhar, em tradução livre) e “*parenting*” (exercer a função parental, em tradução livre).

Assim, o fenômeno relaciona-se à partilha online da parentalidade, que apresenta ações principalmente a partir do compartilhamento de registros pessoais de filhas e filhos menores de idade.

Acontece que tal comportamento, mesmo que acarretado pelos responsáveis dos menores, pode representar um impacto direto na percepção que as crianças e jovens terão sobre si mesmos. Pelo Instagram ser uma rede social destinada ao compartilhamento de imagens, o cotidiano - que antes da disseminação das redes sociais era "acessado" por familiares, amigos próximos e vizinhos - acaba tendo o seu alcance ampliado, não parecendo mais possuir barreiras limitantes tão presentes. Como reflete Stacey B. Steinberg (2017), enquanto as mães e pais sempre trocaram histórias da parentalidade com outras pessoas, as vivências compartilhadas na internet estão avançando com grande agilidade.

O *sharenting* é "um dos fenômenos comunicativos contemporâneos que conferem visibilidade às crianças", afirma Renata Tomaz (2020, p. 1). Sobre isso, Eberlin (2017) pondera que as mães e pais têm o direito-dever de proteger suas filhas e filhos, mas que podem definir quais atitudes são mais adequadas para a sua família - tanto no âmbito offline quanto no online. Entretanto, conforme o autor, as manifestações públicas que realizarem com referência às suas vivências parentais podem ser consideradas como a sua própria liberdade de expressão, mesmo que isso implique na divulgação de dados pessoais das crianças.

Além disso, segundo Steinberg (2017), a mídia social oferece aos pais uma série de benefícios positivos, conectando-os a familiares e a amigos e oferecendo a possibilidade de receber validações de suas atitudes. São esses estímulos positivos, entregues em formato de curtidas ou comentários, que mães e pais sentem-se apoiados em sua decisão de compartilhar informações sobre as suas vidas junto das crianças. É essa troca que os incentiva a continuar disponibilizando momentos privados em domínio público.

Não obstante presuma-se a boa-fé das postagens, não se olvida casos de "negociação da intimidade" (ou economia da privacidade). Nestes casos, os pais, valendo-se de mecanismos no bojo da internet, utilizam a intimidade familiar ou mesmo apenas imagem dos filhos para com elas obter benefícios diretos ou indiretos". Não se trata necessariamente de benefícios financeiros, pois os afagos ao ego, recebidos por pais/mães ao verem sua intimidade e/ou seu filho elogiados por meio de comentários ou curtidas, também são valiosos. É o que se chama de narcisismo digital. Neste

sentido, a exposição da intimidade familiar atende, ao mesmo tempo, aos desejos de exibicionismo e de voyeurismo, gerando um "show do eu" (SIBILIA, 2013) e, no caso, um "show do nós". (BOLESINA e FACCIN, 2020, p. 210).

Isso caracteriza, portanto, a exposição da extimidade, conceituada por Bolesina e Faccin (2020) como a revelação voluntária de si em ambientes de sociabilidade ou perante terceiros, como nas redes sociais, expondo dados da intimidade e da identidade pessoal.

Nessa mesma linha, Oliveira Júnior (2021) afirma que a construção da infância, ao passar também para o ambiente virtual, tem as suas subjetividades transformadas em espetáculo, desde o seu nascimento até os seus hábitos cotidianos.

Como regra, a conduta dos pais é realizada de boa-fé e aproxima-se da ideia de extimidade quando a informação compartilhada veicula, ao mesmo tempo, questão íntima ou identitária do pai/mãe. Longe de ser algo raro ou estranho, trata-se de situação cotidiana e compreensível, pois, é uma forma contemporânea e importante de relacionamento social. Ela se realiza a partir do legítimo interesse dos responsáveis de narrar a sua própria vida, na qual os filhos são um elemento central ou de protagonismo (EBERLIN, 2017, p. 258). Ao mesmo tempo, pode justificar-se no orgulho parental (parental pride), isto é, uma espécie de orgulho muito próprio dos pais para com os filhos e as suas conquistas, a qual é externada socialmente como forma de validar a ideia de boa parentalidade diante das expectativas socioculturais, como esclareceu a pesquisa de Lisa Lazard (2018). (BOLESINA e FACCIN, 2020, p. 210).

Para Steinberg (2017), as mães e pais atuam como tutores da identidade online das crianças e nutrem preocupações em âmbitos variados proporcionados pela virtualidade, principalmente ao envolver a mediação de terceiros na realização dos compartilhamentos. Segundo a autora, a maioria dos pais espera que as instituições que a criança acessa obtenham permissão dos responsáveis antes de publicar as suas fotos na internet. No entanto, ao se tratar de suas próprias ações, as percepções mudam, já que muitos são iludidos por uma falsa sensação de segurança ao pensar que os dados que compartilham serão vistos apenas por um público selecionado, ou seja, seus seguidores.

De fato, os pais são aparentemente os protetores naturais da identidade digital de seus filhos. No entanto, os pais nem sempre são protetores; suas divulgações online podem prejudicar seus filhos, seja intencionalmente ou não. A própria decisão dos pais de compartilhar as informações pessoais de uma criança online é uma fonte potencial de danos que não foram resolvidos. As crianças não apenas têm interesse em proteger informações

negativas sobre si mesmas no perfil de seus pais, mas também podem não concordar com a decisão dos pais de compartilhar quaisquer informações pessoais - negativas ou positivas - sobre eles no mundo online. (STEINBERG, 2017, p. 843<sup>5</sup>).

É por isso que Eberlin (2017) pondera que, mesmo não havendo a intenção explícita de expor os filhos em demasia, ou mesmo que os pais tentem proteger os dados das crianças em certo grau, a observação da rotina familiar através das redes sociais pode permitir associações como a localização de uma criança por registros de passeios, a instituição de ensino que frequenta baseada em seu uniforme escolar, a sua data de nascimento e idade em felicitações pela passagem do aniversário ou até mesmo a sua religião.

Assim, conforme Steinberg (2017, apud Bolesina e Faccin, 2020, p. 214), “quem deveria proteger, acaba expondo e/ou violando” os direitos das crianças. Eberlin (2017, p. 259) frisa que “a exposição exagerada de informações sobre menores pode representar ameaça à intimidade, vida privada e direito à imagem das crianças”. Esses interesses são expressamente protegidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Além disso, o autor acredita ser provável que o critério utilizado pelos pais ao definir o que é privacidade seja diferente daquele que a criança vá definir para si na vida adulta. Ou seja, pode haver desaprovação da conduta que a família teve durante a sua infância, compreendendo que a sua vida privada foi exposta indevidamente.

Para Bolesina e Faccin (2020), é preciso notar que cenas de crianças em situações engraçadas costumam obter mais engajamento nas redes sociais. No entanto, como os “minutos de fama” são efêmeros, os responsáveis pelas publicações acabam por gerar conteúdos constantes, contribuindo para a geração de um círculo vicioso de exploração da imagem de terceiros.

Nestes casos, como destacou a filósofa Stine Jensen (2011), os pais exploram um “capital íntimo”, isto é, informações pessoais íntimas valiosas que também servem para gerar influência e poder nas tramas sociais, que

---

<sup>5</sup> Tradução livre. Texto original: Indeed, parents are seemingly the natural protector of their child’s digital identity. However, parents are not always protectors; their disclosures online may harm their children, whether intentionally or not. A parent’s own decision to share a child’s personal information online is a potential source of harm that has gone largely unaddressed. Children not only have interests in protecting negative information about themselves on their parent’s newsfeed, but also may not agree with a parent’s decision to share any personal information—negative or positive—about them in the online world.

não lhes pertence (pois dos filhos) (SOL; ANKEREN, 2011, apud BOLESINA E FACCIN, 2020, p. 214).

Contudo, Eberlin (2017) acredita que os poucos cuidados perante às consequências da exposição de dados acontece porque os indivíduos não percebem ou não compreendem como funcionam agressivamente as tecnologias que fazem coletas de dados na internet. Portanto, para ele, “a falta de conhecimento e de meios práticos para limitar a coleta de dados dificulta o argumento de que os pais seriam responsáveis pela excessiva exposição de informações de seus filhos” (EBERLIN, 2017, p. 259).

Dessa forma, o autor defende que isso não representa que as mães e os pais devam ser impedidos de publicar informações referentes às suas filhas e filhos nas redes sociais. Até porque as crianças fazem parte do mundo contemporâneo. De igual forma, Steinberg (2017) conclui ser uma tarefa intensa e desafiadora possibilitar que as crianças possam criar as suas próprias pegadas digitais apenas ao chegarem na fase adulta, já que não é possível desconectar o direito dos pais de compartilharem suas vivências ao lado delas.

No próximo capítulo, apresentaremos a metodologia utilizada nesta pesquisa para compreendermos quais são as motivações de mães e pais nativos digitais para o compartilhamento de sua parentalidade através de conteúdos sobre suas filhas e filhos de até 12 anos na rede social Instagram.

## 4. METODOLOGIAS: ENTREVISTAS QUANTITATIVA E QUALITATIVA

Neste capítulo, serão abordadas as técnicas metodológicas que foram utilizadas nesta pesquisa para atender o objetivo geral de analisar as percepções de mães e pais nativos digitais ao compartilharem imagens e relatos sobre as suas filhas e filhos de até 12 anos no Instagram. Os dois recursos metodológicos mobilizados enquadram-se na metodologia da entrevista. De acordo com Duarte (2014, p. 63), “o uso da entrevista permite identificar as diferentes maneiras de perceber e descrever os fenômenos”. Existem várias técnicas de entrevista, e cada uma delas é adequada para um tipo de estudo. A primeira técnica utilizada neste trabalho foi a pesquisa de opinião, que tem uma abordagem quantitativa. Em seguida, foi realizado um grupo focal, que é uma ferramenta de pesquisa qualitativa. A aplicação das duas técnicas, que são complementares, foi importante para alcançar o aprofundamento desejado neste trabalho.

### 4.1 Método quantitativo: a pesquisa de opinião

Conforme Ana Lucia Romero Novelli (2014), a pesquisa de opinião é um ferramenta importante para a sociedade contemporânea, já que a sua aplicação - que iniciou no campo político - hoje é reconhecida como um relevante método de investigação científica para a maioria dos campos de conhecimento, inclusive para a Comunicação Social.

Esse método possibilita a coleta de vasta quantidade de dados originados por um grande número de entrevistados, muitas vezes ultrapassando barreiras geográficas e de custo de aplicação, principalmente ao considerar a quantidade das informações coletadas. Para a autora, as metas da pesquisa podem ser atingidas por meio de aplicação de entrevista pessoal, por telefone ou por correio, com algumas variações possíveis.

Devido ao seu formato, o método de aplicação por correio assemelha-se ao que hoje é possível realizar através do envio de formulários online, distribuídos à amostra de participantes por meio da internet.

Percebemos, entretanto, que nas pesquisas do tipo quantitativa baseadas em questionários ou entrevistas (*Survey*), mesmo com o crescente uso de tecnologias pelas instituições de ensino, poucas mudanças ocorreram na elaboração, disponibilização e avaliação desses questionários. É feito o uso de papel com os questionamentos escritos ou digitados, e somente no

tratamento dos dados coletados que se emprega algum tipo de tecnologia diferenciada. Dessa forma, o uso superficial das tecnologias prevalece e passamos a perceber que poucas mudanças aconteceram, a não ser a transição do manual para o digital com relação à elaboração dos questionários. (SILVA et al., 2011, p. 2).

Assim, o instrumento de pesquisa desse método geralmente é o questionário, utilizado com o objetivo de fazer descrições quantitativas. Para Novelli (2014), a pesquisa de opinião, dentre outras coisas, garante análises estatísticas de variáveis de atitude. Silva et al. (2011) declaram que com esse tipo de pesquisa pretende-se estudar algo que está acontecendo ou que aconteceu recentemente.

É recomendada a prática dessa metodologia quando: o pesquisador busca responder às perguntas, “o que?”, “por que?”, “como?” e “quanto?”, isto é, o importante é entender como e porque algo está acontecendo. (SILVA et al., 2011, p. 4).

Segundo Novelli (2014), as vantagens da realização da pesquisa por correio são o baixo custo, por não precisar da contratação de entrevistadores, e a economia de tempo, já que não exige a disponibilidade de uma pessoa física para fazer o recolhimento dos dados de maneira presencial. A falta de necessidade de contato com o entrevistador também permite que não haja a interferência de seu viés pessoal. Ainda como ponto positivo, é apresentada a possibilidade de alcançar amostras inacessíveis a outros métodos, como em locais distantes da região de desenvolvimento do projeto. Além disso, os participantes têm permissão para utilizar respostas complexas, bem como podem ser inseridas no questionário formatações que apresentem baterias de respostas similares. Por fim, o entrevistado pode ter uma experiência melhor ao responder no horário em que lhe for mais conveniente e tem a garantia de preservação do seu anonimato, já que não é necessário ter contato direto com pessoas envolvidas com a coleta de respostas.

Silva et al. (2011) também observam como um processo facilitador da pesquisa online a falta de necessidade de transferir os dados coletados pelo questionário - que aconteceria caso fosse impresso - para um dispositivo de armazenamento, que geralmente é mediado por um computador. No recolhimento de informações realizado de forma virtual, os dados são transferidos automaticamente para ferramentas virtuais, que permitem, inclusive, a observação

da tendência de resultados antes mesmo do término da pesquisa e proporcionam aos pesquisadores a obtenção de informações relevantes em tempo real.

Ainda assim, Novelli (2014) aponta algumas desvantagens que permeiam o envio do questionário através de correio, as quais podem impactar também a aplicação de formulários online. Para a autora, a falta de contato direto com o entrevistador pode fazer com que haja insegurança quanto à cooperação do entrevistado perante à veracidade de suas respostas. Ainda, caso o formulário virtual não seja elaborado de forma eficaz, o público pode ter dúvidas que não poderão ser resolvidas de forma imediata. Contudo, a aplicação via internet tem se mostrado vantajosa em comparação ao envio por correio por não exigir um tempo tão longo para o processo de desenvolvimento da pesquisa e de recebimento das respostas.

No entanto, Silva et al. (2011) notam que tanto a precisão quanto a confiabilidade nos resultados podem aumentar exatamente por não haver contato humano e nem haver a necessidade do transporte das informações em pen drives ou discos rígidos. Dessa maneira, o público visado insere as suas informações diretamente no formulário enviado e seus dados são incluídos em uma planilha que beneficia a análise, ou seja, é realizado um procedimento único. Além disso, os pesquisadores abordam a segurança da coleta de informações pelo armazenamento em servidores virtuais.

Tratando de segurança, todos os dados inseridos no formulário são armazenados em servidores virtuais, e não em dispositivos físicos como pendrive ou disco rígido. Acentua, neste caso, a segurança das informações e como consequência a da pesquisa, visto que os dados coletados são valiosos para o pesquisador. É de se atentar, no entanto, às vulnerabilidades que existem nos meios virtuais, como possíveis falhas nos servidores, perdas de credenciamento, manutenções dos serviços, entre outras. (SILVA et al., 2011, p. 9).

Para Silva et al. (2011), a conclusão é de que a transição dos questionários impressos para os meios digitais produz uma economia coletiva, podendo ser relacionada à economia de recursos financeiros, ao menor desgaste humano no desenvolvimento e coleta de dados, à menor preocupação com o tempo de planejamento, além da resolução mais eficaz de possíveis imprevistos que podem surgir ao longo do processo de aplicação.

## 4.2 Método qualitativo: o grupo focal

A pesquisadora Maria Eugênia Belczac Costa (2014) aponta o potencial complementar do método de grupo focal para trazer dados qualitativos a pesquisas quantitativas. Conforme Ruediger e Riccio (2004), enquanto a argumentação da análise quantitativa é baseada na busca por relações medianas e na descoberta de regularidades estatísticas, as metodologias qualitativas podem ser utilizadas para colaborar com a compreensão de fenômenos que não são limitados à tendência de generalização estatística e que merecem ter as suas singularidades abordadas.

Segundo Costa (2014), o grupo focal obtém informações através de depoimentos de um grupo de indivíduos pré-determinados. Assim, a pesquisadora define o método como uma ferramenta de pesquisa que contribui para a identificação de tendências, desvendando problemas e buscando a agenda oculta de problemas.

Para a autora, o grupo focal traz vantagens a partir da sinergia impulsionada pelas relações entre o coletivo de entrevistados, já que a interação entre os participantes enriquece as respostas obtidas. Conforme Morgan (1998, apud Costa, 2014), a realização do grupo focal é recomendada quando há a intenção de ouvir pessoas para aprofundar o conhecimento sobre um tema, fazendo com que a troca de impressões incremente o resultado alcançado. Para isso, os participantes devem possuir similaridades que evitem possíveis inibições ou constrangimentos durante o compartilhamento de suas respostas.

Costa (2014) aponta que um dos objetivos do grupo focal é estimular as discussões do grupo e o modelo de entrevista oferece flexibilidade ao moderador para a condução do roteiro, adaptando-o conforme os tópicos da conversa avançam. Dessa maneira, o moderador deve estar atento às deixas que permitem que a discussão siga um ritmo natural, mas não perdendo de vista seu foco e objetivos.

Ruediger e Riccio (2004) defendem que essa metodologia abrange a elaboração de perguntas abertas para explorar e entender atitudes, opiniões, percepções e comportamentos dos segmentos estudados, por meio de um questionário semi-estruturado, vinculado a um grupo de hipótese inicial.

Enfatizamos que, em se tratando de percepções, não há resultados "certos" ou "errados", mas sim resultados adequados ou não ao esclarecimento do problema analítico. Nesse sentido, não se procura projetar estatisticamente as informações, mas apenas estar atento à autenticidade das opiniões emitidas durante a discussão, com atenção especial em evitar os

mecanismos de persuasão e constrangimento entre os participantes e na tendência que entrevistados eventualmente apresentam em dar respostas atípicas. (RUEDIGER e RICCIO, 2004, p. 155).

Dessa maneira, o moderador deve atuar também como o facilitador da conversa, fazendo com que o maior número possível dos participantes apresente as suas opiniões na conversa e interaja com os outros membros do grupo. Um bom moderador é aquele que não induz às respostas aos participantes e outras características também são elencadas por Costa (2014):

As competências recomendáveis do moderador/facilitador são: conhecimento geral do tema que vai ser alvo da pesquisa, noção dos principais conceitos e clareza dos objetivos, habilidade de integrar os participantes, de interromper com delicadeza e objetividade os que estão monopolizando a entrevista coletiva, atitude discreta, *low profile*, sem manifestar sua posição, isto é, aprovando ou reprovando algumas falas; capacidade de assegurar que todos participem, flexibilidade e atenção para redirecionar o tema. (COSTA, 2014, p. 186).

O moderador não deve demonstrar nenhuma manifestação de parcialidade, já que, segundo Costa (2014), a sua presença é reconhecida como a autoridade da conversa, podendo gerar nos entrevistados a tendência de buscar agradar o moderador. Tal reação, muitas vezes inconsciente, pode levar a uniformidade nos resultados. Também é papel do moderador administrar o tempo das questões, buscando ao mesmo tempo manter a informalidade e a descontração da conversa.

O moderador deve também estimular os participantes a interagir; ouvir aberta e profundamente; usar bem o silêncio, manter-se completamente não autoritário e sem fazer juízo. Além disso, o moderador deve ficar atento ao movimento de conformidade dentro do grupo, em que o participante procura dar a resposta socialmente aceitável ou aquela que pensa que é correta, como se houvesse uma avaliação envolvida. (COSTA, 2014, p. 186).

Os autores Ruediger e Riccio (2004) definem a utilização dos grupos focais como instrumentos de análise qualitativa de “alto poder analítico” (p. 189). Para eles, esse método é caracterizado pela possibilidade de realizar intervenções durante o desenvolvimento da conversa e de encontrar as semelhanças e contradições que os participantes têm perante o objeto de pesquisa.

### 4.3 Procedimentos metodológicos

Segundo Silva et al. (2011), para efetivar uma pesquisa quantitativa, os pesquisadores devem passar por algumas etapas, que envolvem elaborar as questões que contribuem para a resolução do problema de pesquisa, escrever ou digitar o questionário, fazer com que os formulários alcancem o grupo visado - seja de modo presencial ou virtual -, aplicar o questionário informando as devidas orientações, aguardar que os participantes finalizem as suas respostas e, por fim, fazer o recolhimento das informações.

Para o desenvolvimento do questionário aplicado para a coleta de dados quantitativos utilizado na análise desta pesquisa, os passos citados por Silva et al. (2011) foram seguidos, após a definição do público-alvo a ser pesquisado. O recorte de perfil determinado foi de mulheres e homens nascidos entre 1980 e 1994, com ao menos uma filha ou filho de até 12 anos e que possuísem uma conta pessoal ativa na rede social Instagram.

Com o intuito de garantir o enquadramento da pesquisa, com o avanço apenas de participantes que se encaixassem no recorte a ser analisado, foram criadas perguntas filtro em que, a depender da resposta, levavam o participante diretamente ao final do questionário, solicitando seu envio sem passar pelas questões de aprofundamento.

O formulário foi montado com 30 perguntas, todas com alternativas pré-definidas e listadas (APÊNDICE A). As questões tinham como opção de resposta a múltipla escolha, para a marcação de apenas um item da lista, ou a caixa de seleção, que permitia marcar o número de itens desejado. Neste último, também foi incluída a opção “outro”, que acrescentava a possibilidade do participante contribuir de forma descritiva completando a sua resposta com opções que não estavam apresentadas na questão.

A plataforma escolhida para a montagem do questionário foi o *Google Docs*, que possui uma ferramenta específica para o desenvolvimento e análise de formulários. As perguntas foram inseridas diretamente no site e salvas em um servidor virtual da Google. Segundo Silva et al. (2011), é nessa etapa que o pesquisador orienta o público visado sobre como responder aos questionamentos, por isso, é a etapa que exige mais tempo de trabalho.

É necessário um bom planejamento e um uso de estratégias eficazes para que o questionário cumpra seu papel mesmo que de forma autônoma. O formulário desenvolvido possuía orientações compreensíveis sobre a sua forma de preenchimento e perguntas que filtravam os participantes. Assim, o compartilhamento ocorreu através do envio, por parte da pesquisadora, para grupos de pessoas que pudessem encaminhá-lo para pessoas que se encaixassem no perfil visado. O disparo aconteceu principalmente através das redes sociais WhatsApp e Instagram, chegando a pessoas de outras regiões do país e até mesmo de fora do Brasil.

Para Silva et al. (2011), a plataforma do *Google Docs* traz consigo uma bagagem de recursos que possibilitam estratégias de análise pelo pesquisador impossíveis até então (SILVA ET AL., 2011, p. 7). Tais recursos permitidos pela virtualidade refletem na disponibilização e na avaliação das respostas fornecidas.

Como as informações adquiridas nesse processo inicial são transferidas automaticamente a equipamentos tecnológicos, foi possível acompanhar o desenvolvimento de gráficos estatísticos desde o início de coleta das respostas. A pesquisa contou com a participação de 153 pessoas, sendo que 143 participantes corresponderam ao perfil visado.

No início do questionário, havia um texto que explicava que a pesquisa integrava este Trabalho de Conclusão de Curso e que tinha como objetivo a análise do fenômeno *sharenting* - que aborda a partilha parental, sobretudo através do compartilhamento de fotos e vídeos de filhas e filhos nas redes sociais. Além disso, apontava especificamente que todas as respostas ao formulário teriam seus dados registrados de forma anônima.

No entanto, como a aplicação do formulário foi pensada inclusive como método de seleção de amostra para o aprofundamento qualitativo, foi inserida a possibilidade de incluir informações de contato para que as pessoas interessadas em contribuir para o desenvolvimento da pesquisa pudessem ser contatadas. Dos respondentes no perfil de enfoque, 53 demonstraram interesse em participar de uma conversa posterior com a pesquisadora.

Dessa forma, para a escolha dos participantes que integrariam o grupo focal, todas as pessoas que responderam positivamente e disponibilizaram seu email e/ou telefone foram contatadas para avaliarem se gostariam de participar de um grupo focal e questionadas sobre o melhor horário para realização de um encontro virtual.

Assim, a reunião por videoconferência aconteceu no dia 10 de setembro de 2022, das 10h às 11h30, com todas as pessoas que se mostraram disponíveis na data e horário proposto. O grupo focal foi realizado com oito mulheres que atendiam ao perfil de recorte da pesquisa e apenas uma delas não abriu a sua câmera de vídeo, mas com o motivo de falhas técnicas. Nenhum homem contatado mostrou-se disponível no horário determinado pela maioria, o que parece ser significativo, já que o cuidado com as crianças é socialmente considerado como uma função da maternidade.

A definição sobre a duração do encontro baseou-se nas orientações de Ruediger e Riccio (2004), que afirmam que o grupo focal deve ter tempo estimado entre uma e duas horas. Já a quantidade de participantes foi determinada conforme as orientações de Costa (2014), que traz como ideal para validação da metodologia a presença de 8 a 12 participantes. A condução do encontro teve como base os procedimentos de Ruediger e Riccio (2004), que indicam que a sessão deve começar pela breve explicação do método de grupo focal e, de forma transparente, explicitar que a reunião é gravada para que a conversa possa ser retomada e analisada com atenção posteriormente. Para eles, tais atitudes são formas de ganhar a confiança dos pesquisados.

Ruediger e Riccio (2004) abordam que o passo seguinte deve traçar os contornos mais genéricos sobre o contexto da pesquisa. A discussão começou de forma leve e teve a sua precisão aumentada progressivamente.

A montagem do roteiro considerou os direcionamentos indicados por Costa (2014). Os princípios gerais definidos pela autora são evitar questões longas, complexas ou que requerem respostas curtas demais e ordenar as questões das mais gerais para as mais específicas e de acordo com a importância relativa à agenda da pesquisa. Segundo ela, a pergunta mais relevante para atender o objetivo do encontro deve ser deixada para o final. Assim, os participantes acabam mencionando outros aspectos relacionados à temática, para que o próprio pesquisador possa comparar as respostas desses itens com a resposta à pergunta focal (COSTA, 2014).

Costa (2014) recomenda que o roteiro comece com perguntas amplas e desestruturadas, indo em direção às perguntas focais e sendo finalizado com perguntas genéricas ou mais amplas. Dessa maneira, o grupo focal realizado iniciou com questões que abordavam os sentimentos e sensações ao utilizar as redes

sociais - as quais permitiram que as entrevistadas fizessem referências a qualquer aspecto dos estímulos apresentados na questão, mas que também trouxeram a possibilidade de observar a congruência e a consistência das respostas obtidas.

A autora também ressalta que temas que possam limitar a participação plena dos entrevistados por potenciais constrangimentos sobre os relatos de experiências podem ter suas questões reformuladas estrategicamente. A metodologia do grupo focal não precisa prender-se à autoria da experiência, sendo uma prática benéfica elaborar perguntas de contexto mais delicado como se estivesse referindo-se a terceiros. Esse procedimento é utilizado para evitar respostas socialmente aceitas, que não necessariamente corresponderão à realidade ou à opinião verdadeira do participante. Assim, mesmo que a resposta reflita a vivência pessoal, não há problema se o participante expressar sua opinião usando a autoria de terceiros (COSTA, 2014).

Portanto, o roteiro teve como continuidade perguntas estruturadas, mas que fizessem alusão aos pensamentos e atitudes de outras pessoas com quem as entrevistadas mantêm contato. Conforme Costa (2014), as perguntas estruturadas prevêm informações sobre aspectos ou dimensões do objeto de estímulo no qual quem responde deve estar focado.

Questões mais estruturadas tendem a ser mais direcionadas e estabelecer direções para as respostas. Apesar de as questões mais estruturadas não sugerirem respostas específicas, elas tendem a mover a discussão para direções particulares e promover um estreitamento da discussão. São questões que devem ser reservadas para a metade do roteiro, quando o tema já foi abordado de forma tangencial ou mais genérica e permitiu a observação das respostas, a existência de um padrão ou tendência ou, ao contrário, de discrepâncias entre os participantes ou na fala de alguns. No roteiro, esse é o momento da convergência da busca pela focalização do tema. (COSTA, 2014, p. 186).

Por fim, as participantes responderam questões similares refletindo sobre as suas próprias ações. Com base nas orientações de Costa (2014), foram elaboradas 12 questões (APÊNDICE B), número máximo indicado pela autora. Segundo ela, grupos homogêneos passariam mais rapidamente por várias questões e grupos heterogêneos poderiam trabalhar mais sobre um número pequeno de questões.

O roteiro não deve funcionar como uma camisa-de-força; há ocasiões em que os participantes respondem, com uma pergunta, duas ou três questões programadas para mais adiante. Ou algumas respostas podem suscitar perguntas de desdobramento, e cabe ao moderador flexibilizar o roteiro para

atender ao movimento do grupo. Deve-se ter flexibilidade para mudar a ordem das perguntas/temas propostos no roteiro e mesmo para introduzir novos temas, de acordo com a fala dos participantes. (COSTA, 2014, p. 183).

Dessa forma, o roteiro manteve-se flexível para corresponder ao fluxo da conversa em grupo. Algumas das questões acabaram sendo suprimidas pela pesquisadora, por terem sido contempladas nas falas do coletivo de forma espontânea, ou acabaram conectando-se no mesmo enunciado para otimizar o tempo de resposta de cada participante.

Assim, foi considerada a defesa de Ruediger e Riccio (2004) de que o questionário não deve ser rigidamente estruturado, mas sim deve ser construído de acordo com os objetivos da pesquisa. Segundo eles, as perguntas podem inclusive ser adaptadas relacionando-se ao direcionamento da conversa, com o objetivo de elucidar e aprofundar o curso da investigação, em uma dialética com as respostas e opiniões omitidas.

Conforme orientado por Costa (2014), o encontro focal contou com a presença de uma documentadora<sup>6</sup>, responsável por anotar observações relevantes e contribuir com a facilitação da análise dos dados. A autora descreve as funções do documentador:

Na planilha de respostas, deve identificar os que respondem por números ou letras e não pelo nome. Não deve interpretar o que eles quiseram dizer. Na transcrição, o documentador deve tomar o cuidado de não acrescentar falas que “acha” terem sido ditas durante a aplicação, mas que não foram anotadas. (COSTA, 2014, p. 187).

Após a realização do grupo focal, a videoconferência gravada teve o seu áudio transcrito na íntegra, para beneficiar a busca por informações, pontuadas pelo documentador. O texto também foi utilizado para mapear as respostas similares e integrar o relatório de resultados do encontro.

No próximo capítulo, serão apresentadas as análises desenvolvidas através das duas técnicas de pesquisa conceituadas e desenvolvidas no presente capítulo. Primeiro, serão expostos os dados quantitativos obtidos por meio do questionário

---

<sup>6</sup> O trabalho de documentação foi realizado em simultâneo por Rafaela Gregianin Frison, também estudante do curso de Jornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS). Ela participava do encontro online com a câmera fechada e estava no mesmo ambiente que a mediadora. A escolha da colega como documentadora do grupo focal também baseou-se em sua relação com a temática, já que foi uma das autoras da reportagem coletiva que motivou a elaboração do presente projeto.

divulgado virtualmente e respondido por 143 pessoas que se encaixam no recorte de perfil desta pesquisa. Depois, será apresentada a análise das falas e respostas das participantes do grupo focal realizado com oito mulheres nativas digitais que são mães de crianças de até 12 anos e que compartilham fotos das crianças em suas contas pessoais no Instagram.

## 5. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Neste capítulo, serão analisadas as entrevistas realizadas para a elaboração desta pesquisa, apresentando os resultados da coleta de dados com o intuito de trazer respostas à pergunta central deste trabalho: “Como pessoas nativas digitais compartilham na internet as vivências da parentalidade e as experiências de suas filhas e filhos por meio do *sharenting*?”.

Para tanto, serão apresentados os resultados da pesquisa de opinião (metodologia quantitativa) e, em seguida, a análise do grupo focal (metodologia qualitativa).

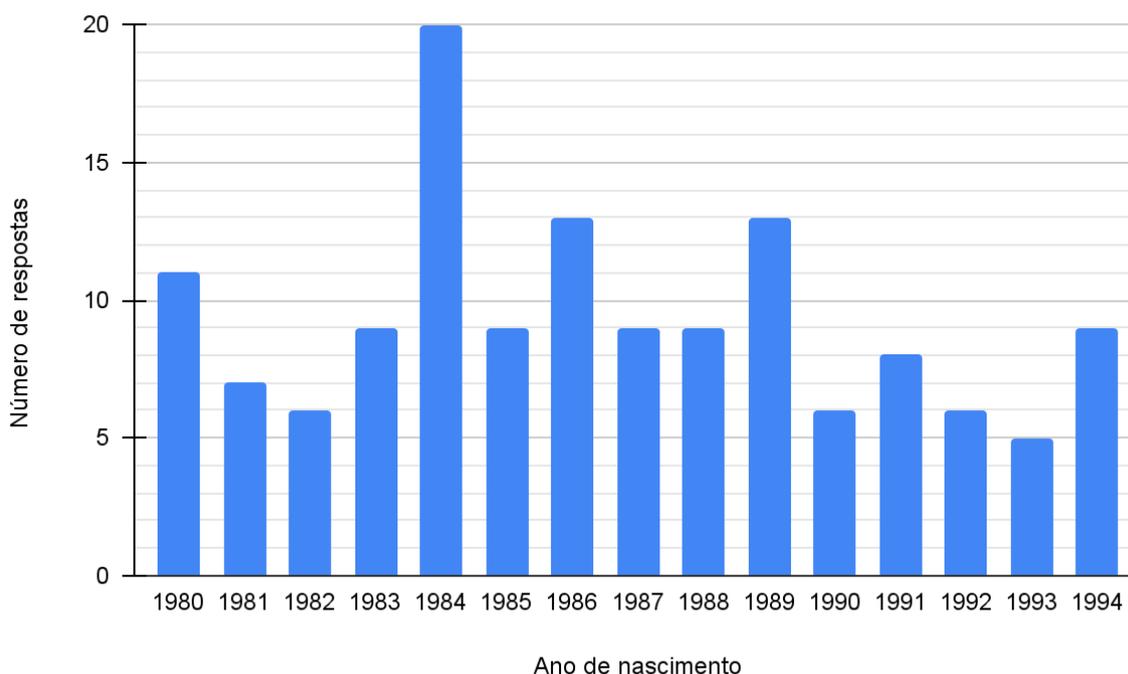
### 5.1 Pesquisa de opinião: resultados quantitativos

A análise quantitativa da presente pesquisa foi desenvolvida através de uma pesquisa de opinião, aplicada por meio de um questionário online com 30 perguntas, como já apresentado. O formulário obteve 153 respostas, de modo que 140 pessoas ultrapassaram as questões filtro e avançaram para responder aos questionamentos sobre os seus hábitos ao utilizar as redes sociais e as suas motivações para publicar fotos e vídeos de suas filhas e filhos na internet. Dessa forma, o público visado compartilhou as suas percepções sobre o fenômeno *sharenting* de forma anônima. Esse grupo foi composto por todos os indivíduos que, no decorrer do questionário, afirmaram ter nascido entre os anos de 1980 e 1994, ser mães ou pais de crianças de até 12 anos e possuir uma conta pessoal ativa na plataforma Instagram.

Conforme apresentado nos capítulos anteriores, o intervalo geracional definido abrange pessoas consideradas “nativas digitais” - termo desenvolvido por Marc Prensky (2001). A classificação busca representar a primeira geração que teve o seu desenvolvimento biológico e social mediado pelo uso das tecnologias. Assim, esta pesquisa busca reconhecer as ações de pessoas que, segundo Prensky (2001), estão acostumadas a receber informações rapidamente e têm maior fluência no uso das plataformas digitais.

A partir do intervalo geracional definido pela natividade digital e também pelo conceito de *Millenials*, de Neil Howe e William Strauss (1991), a pesquisa obteve respostas de um público com idades bem distribuídas, como ilustra o gráfico a seguir.

Gráfico 1: Ano de nascimento dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O gráfico 1 mostra a distribuição das idades do público participante da pesquisa de opinião. A maioria das respostas foi de pessoas nascidas em 1984, seguidas por quem nasceu nos anos de 1986 e 1989. Já o menor número de respostas foi de indivíduos nascidos em 1993, sendo estes apenas 5 pessoas.

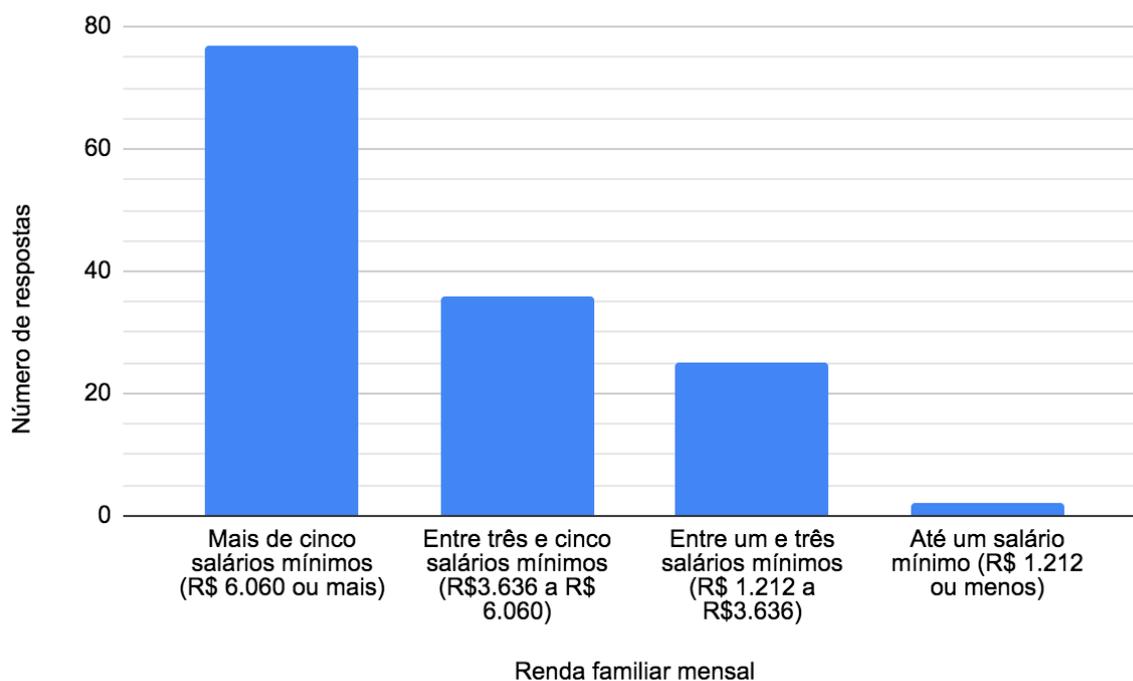
As pessoas entrevistadas correspondem a 126 mulheres cisgênero, 12 homens cisgênero, 1 homem trans e 1 pessoa não-binária. Dessa forma, as mulheres correspondem a 90% das pessoas que responderam a esta pesquisa de opinião. Aliás, esse dado mostra-se relevante para a percepção de que as mães demonstram uma tendência maior em envolverem-se nos processos de criação das crianças e na reflexão perante ao exercício da maternidade.

Quanto à localização, 72,85% dos respondentes residem no estado do Rio Grande do Sul, sendo que 50 pessoas moram na capital Porto Alegre e 52 que moram em cidades do interior. O questionário também contou com respostas de 17 residentes de outros estados do Brasil e de 21 brasileiros que residem em outros países.

Quanto à renda familiar mensal, 98,57% dos questionados afirmaram receber ao menos um salário mínimo, sendo que 55% recebem mais de cinco

salários mínimos, ou seja, mais de R\$6.060,00. Tal informação pode significar a maior possibilidade de acesso à internet, além do acesso a ferramentas adequadas - tanto para o recebimento e aplicação da pesquisa de opinião quanto para o registro e publicação de fotos e vídeos nas redes sociais.

Gráfico 2: Renda familiar mensal dos entrevistados



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Sobre a quantidade de filhas ou filhos de até 12 anos, 100 pessoas afirmaram ter apenas 1 filho ou filha, 37 afirmaram ter 2 e 3 pessoas afirmaram ter 3. Nenhum respondente possui mais de 3 filhos. Esse dado está em sintonia com a realidade de queda da natalidade que o Brasil apresenta nos últimos seis anos, conforme dados apresentados pela matéria “Pandemia intensifica tendência e taxa de natalidade segue em queda no Brasil”<sup>7</sup>, publicada em abril de 2022 pela CNN Brasil. Além disso, em 2018, o portal jornalístico G1 noticiou<sup>8</sup> a publicação de um estudo realizado pelo Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA), agência de

<sup>7</sup> Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pandemia-intensifica-tendencia-e-taxa-de-natalidade-segue-em-queda-no-brasil/>. Acesso em set. 2022.

<sup>8</sup> Disponível em:

<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2018/10/17/estudo-da-onu-aponta-que-tamanho-das-familias-no-brasil-esta-abaixo-da-media-mundial.ghtml>. Acesso em set. 2022.

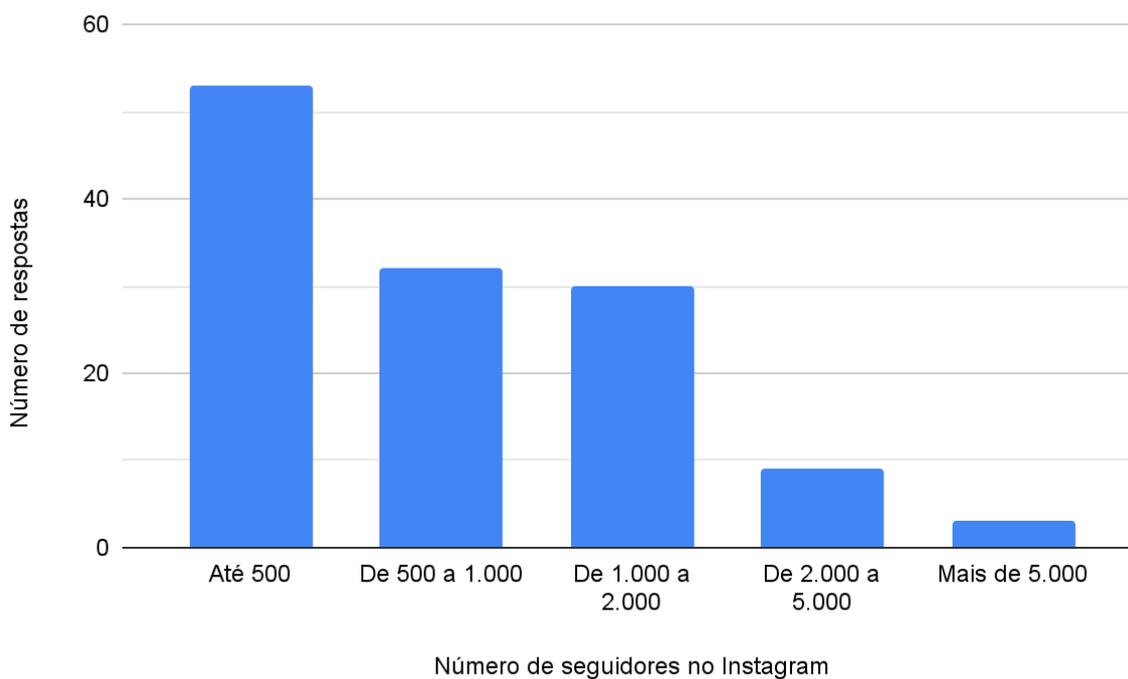
saúde sexual e reprodutiva das Organização da Nações Unidas (ONU), em que a taxa de fecundidade brasileira é de 1,7 filho por mulher. Tais dados reforçam que a tendência é de que as famílias do país estejam passando, progressivamente, a ter apenas um filho. Além disso, 70,86% responderam a pesquisa conforme as suas atitudes referentes às crianças de até 4 anos.

Destes, 90,71% afirmaram já ter postado ao menos uma foto de sua filha ou de seu filho na rede social Instagram. Esse dado é relevante, sobretudo baseado na percepção de Iuri Bolesina e Talita Faccin (2020) sobre a intensificação da escolha de tornar públicas informações e situações privadas. Ainda, reforça a ideia de que as experiências parentais também têm sido desenvolvidas nos espaços virtuais, entrando em contato com benefícios positivos citados por Steinberg (2017), como o fortalecimento dos vínculos com terceiros e os retornos positivos recebidos em validação à família.

Após terem confirmado realizar as publicações, 127 pessoas avançaram para as questões de aprofundamento sobre as suas ações quanto ao *sharenting*. Dessas pessoas, 119 afirmaram já ter postado fotos ou vídeos de suas filhas ou filhos no feed ou nos stories do Instagram, enquanto 7 disseram ter compartilhado apenas nos stories e 1 disse ter compartilhado apenas no feed.

Os entrevistados também responderam quantos seguidores possuem em seus perfis pessoais no Instagram, conforme apresentado no gráfico a seguir.

Gráfico 3: Número de seguidores dos entrevistados na rede social Instagram

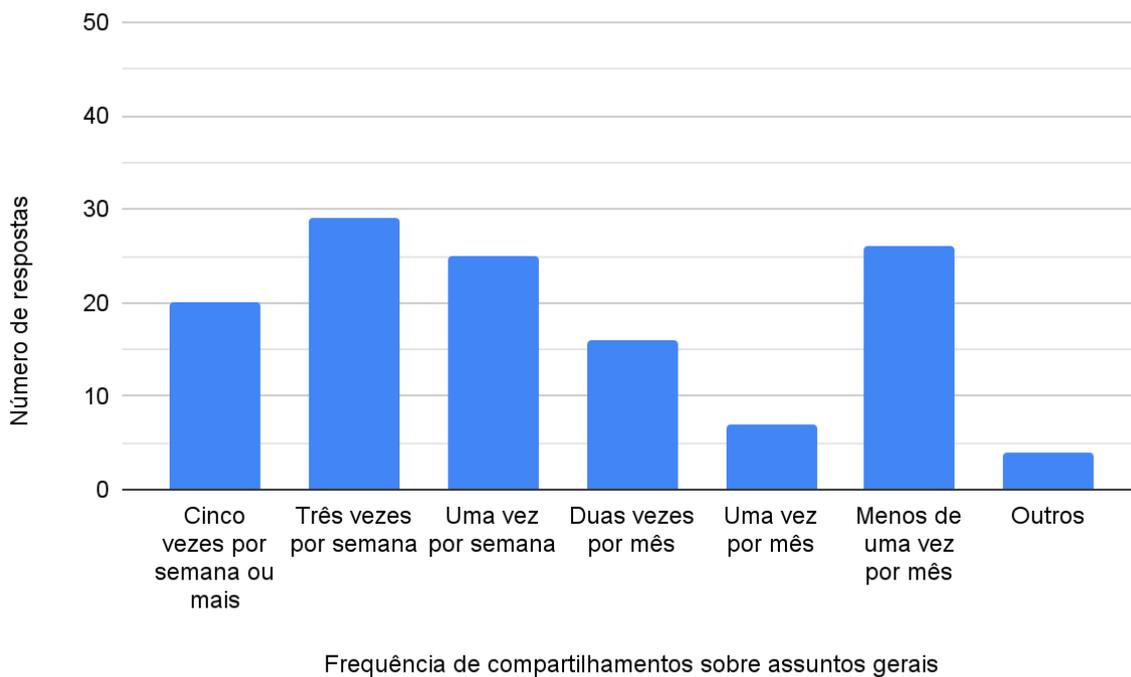


Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O gráfico 3 mostra que a maioria dos entrevistados afirmou ter até 500 seguidores, sendo 53 pessoas. Após, 32 pessoas disseram ter entre 500 e 1.000 seguidores e 30 disseram ter entre 1.000 e 2.000. Quem afirmou ter menos de 2.000 seguidores representa 90,55% dos respondentes da pesquisa de opinião.

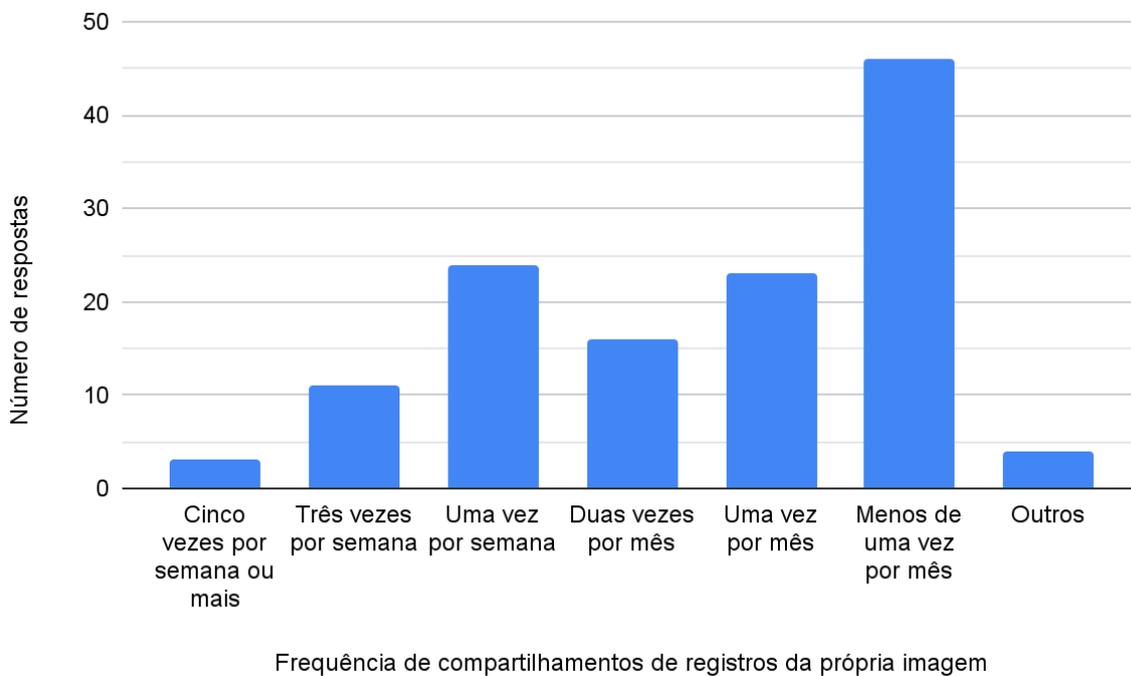
Em seguida, o questionário apresentou perguntas sobre a frequência de compartilhamentos no Instagram, distinguindo os conteúdos em assuntos gerais, registros contendo a sua imagem pessoal e registros contendo a imagem de filhas ou filhos. As respostas são ilustradas pelos gráficos inseridos a seguir.

Gráfico 4: Frequência de compartilhamentos dos entrevistados sobre assuntos gerais



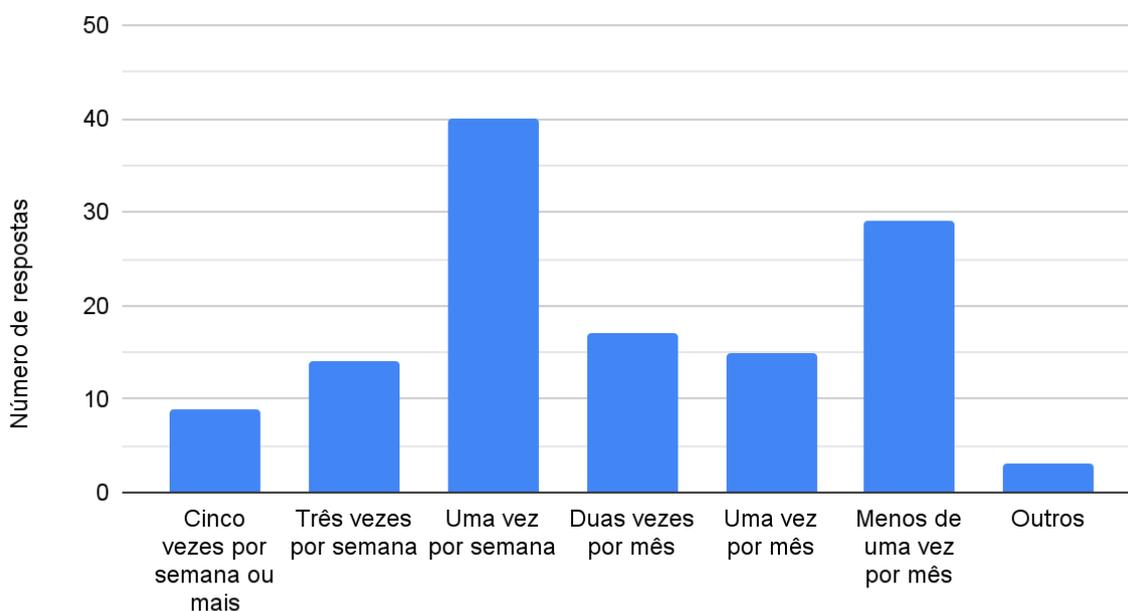
Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Gráfico 5: Frequência de compartilhamentos dos entrevistados de registros da própria imagem



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Gráfico 6: Frequência de compartilhamentos dos entrevistados de registros da imagem de suas filhas ou de seus filhos



Frequência de compartilhamentos de registros da imagem de filhas ou filhos

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Os três gráficos ilustram a frequência de compartilhamentos das mães e dos pais entrevistados. A partir deles, reconhece-se que a maioria dos pesquisados afirmou realizar publicações sobre assuntos diversos ao menos três vezes por semana, enquanto a maioria também afirmou postar a sua própria imagem menos de uma vez por mês. No entanto, esse último dado revela o quanto o compartilhamento de registros de filhas e filhos é mais habitual, ao passo que 31,49% afirmam postar fotos ou vídeos das crianças ao menos uma vez por semana. Isso significa que as imagens das crianças são compartilhadas quatro vezes mais do que os registros dos proprietários dos perfis.

Além disso, ao serem questionados sobre a proporção de imagens de si próprios em relação às imagens de suas filhas ou filhos, 58 pessoas afirmaram ter mais fotos das crianças nas últimas publicações de seu perfil pessoal, o que representa 45,66%. Ainda assim, 38 respondentes disseram que a quantidade de conteúdos é similar e 31 disseram que há mais fotos de si em sua conta.

Esta frequência de compartilhamentos das práticas cotidianas relaciona-se com o processo de mídiatização, apresentado no capítulo 2, que Silva Júnior (2018)

define como um fenômeno fomentado pela necessidade do indivíduo de representar a si mesmo para os outros. De acordo com o autor, a necessidade da exposição pessoal, com atualizações frequentes, reforça a imprescindibilidade do “ser visto” para “ser lembrado”.

A partir desse aspecto, a pesquisa de opinião buscou responder um dos objetivos específicos deste trabalho ao investigar as motivações de mães e pais ao compartilharem as vivências de suas filhas ou filhos através da rede social Instagram. Fazendo o uso de alternativas pré-definidas e com a possibilidade de marcação de mais de uma opção, 102 entrevistados alegaram ser motivados a realizar tais publicações para registrar momentos e experiências das crianças, como em um álbum de fotografias. O segundo estímulo apontado para tais ações foi a vontade de aproximar as crianças de familiares e de amigos, de modo que 64 pessoas marcaram essa alternativa. Além disso, 41 respondentes disseram querer compartilhar o cotidiano das crianças com seus seguidores e 30 disseram fazer do compartilhamento de conteúdos uma forma de dividir reflexões sobre os processos de parentalidade e de estilo de vida familiar. Nenhum dos entrevistados afirmou postar fotos e vídeos para ter a aprovação de familiares ou de terceiros. Também não houve respostas positivas sobre a utilização para a divulgação de produtos infantis, portanto, compreende-se que os entrevistados postam seus registros de forma comum e que não usam a imagem das crianças de forma publicizada.

Ainda na questão, apareceram relatos além das possibilidades de marcação pré-determinadas. Para manter o anonimato dos entrevistados, seus nomes foram substituídos por “PO”, referente à “Pesquisa de Opinião”, junto do número de envio de sua resposta. Uma pessoa disse que “a rede social se fez como única via possível de socialização (pandemia)” (PO79, 2022), já outra afirmou que “cada postagem possui um motivo específico, por exemplo, consciência sobre vacinação, comemoração do dia do gaúcho com traje típico” (PO55, 2022). Por fim, um dos entrevistados revelou que uma de suas motivações para postar conteúdos com a imagem das crianças é alcançar mais engajamento em suas publicações e obter maior número de curtidas no Instagram.

De acordo com Recuero (2010), que pontua conceitos apresentados no capítulo 3, as interações mediadas pela tecnologia podem contribuir para a criação de laços sociais, representando conexões interpessoais. Assim, como aborda Ribeiro et al. (2016), os indivíduos podem adaptar as suas ações no ambiente virtual

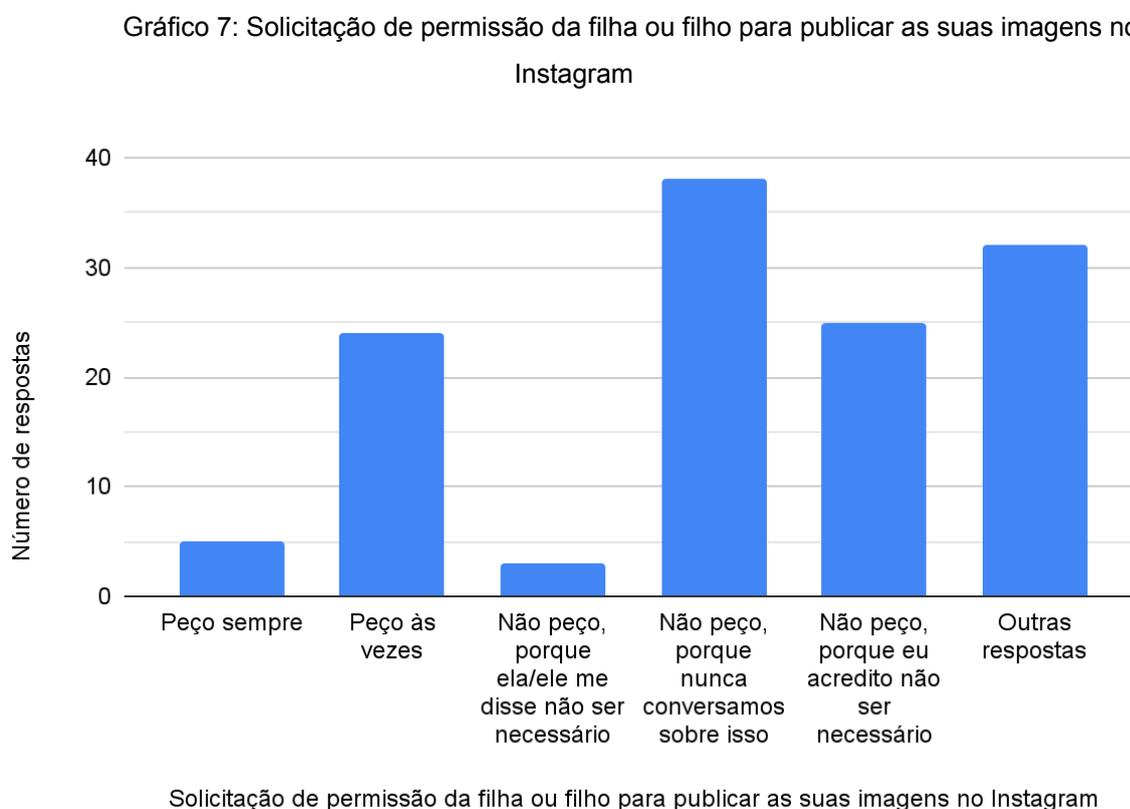
ou em suas reações reais na intenção de fortalecer esses laços e impactar nos processos de sociabilidade. Ao passo que os espaços de convivência virtuais surgem, são construídas também novas formas de relacionamento, seja entre pessoas próximas ou distantes.

Os entrevistados também foram questionados sobre as situações em que compartilham as imagens de suas filhas ou filhos. Nessa questão, em que era possível selecionar mais de uma alternativa, 106 afirmaram realizar a ação ao celebrar datas especiais, 96 ao fazer passeios ou viagens e 61 ao registrar as primeiras experiências das crianças. Tais dados reforçam a ideia apresentada no capítulo 3 de que as redes sociais fazem com que os indivíduos busquem exibir vidas divertidas, cenários bonitos e momentos “invejáveis”, que extrapolam o corriqueiro. No entanto, 69 pessoas também disseram gostar de compartilhar as vivências cotidianas e 2 pessoas utilizaram a alternativa “outros” para frisar que gostam de compartilhar registros de todos os dias.

Para Eberlin (2017), ao divulgarem informações de caráter pessoal das crianças, as mães e os pais constroem um rastro digital que acompanhará suas filhas e filhos ao longo de seu crescimento e, muitas vezes, perdurará após sua maioridade. Sobre os aspectos da segurança e dos riscos digitais, 110 pessoas afirmaram já terem postado imagens que mostrassem o rosto da criança. Além disso, 98 respondentes disseram já ter compartilhado fotos ou vídeos durante a festa de aniversário de sua filha ou filho, mostrando a sua idade e, conseqüentemente, muitas vezes permitindo que quem visse a foto deduzisse a data de nascimento da criança. Inclusive, 68 pessoas afirmaram ter publicado a imagem do bebê ainda na maternidade, o que corresponde a 53,54% dos pesquisados. Ademais, 38 pessoas disseram ter feito publicações mostrando a localização da criança em tempo real (como em passeios, praças, espetáculos etc) e 37 afirmaram ter fotos da criança usando uniforme das instituições de ensino que frequenta. Ainda, 24 pessoas revelaram ter publicado ao menos uma imagem em que a criança aparece nua ou seminua, mesmo utilizando ferramentas digitais como emojis para esconder a região íntima, e 6 disseram ter publicado imagens da criança chorando ou em situações potencialmente constrangedoras. Por fim, 46 mães e pais afirmaram já ter feito tais publicações em perfis abertos a qualquer usuário da rede social.

Além disso, 83 pessoas afirmaram já ter feito ao menos uma publicação sem pedir a permissão de sua filha ou filho. Questionados sobre o seu hábito de solicitar

o consentimento das crianças, os respondentes deram as respostas ilustradas no gráfico abaixo.



Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O gráfico 7 mostra que apenas 5 pessoas sempre pedem a permissão de sua filha ou filho antes de realizar compartilhamentos de fotos e vídeos da criança no Instagram. Além disso, 24 tem o costume de pedir às vezes. Caso sejam unidas as respostas de quem disse não pedir permissão ou que utilizou a alternativa “outros” para partilhar os motivos para não solicitar autorização da criança, reconhecemos que 98 pessoas não têm o consentimento de sua filha ou filho. Tal dado representa 77,16%.

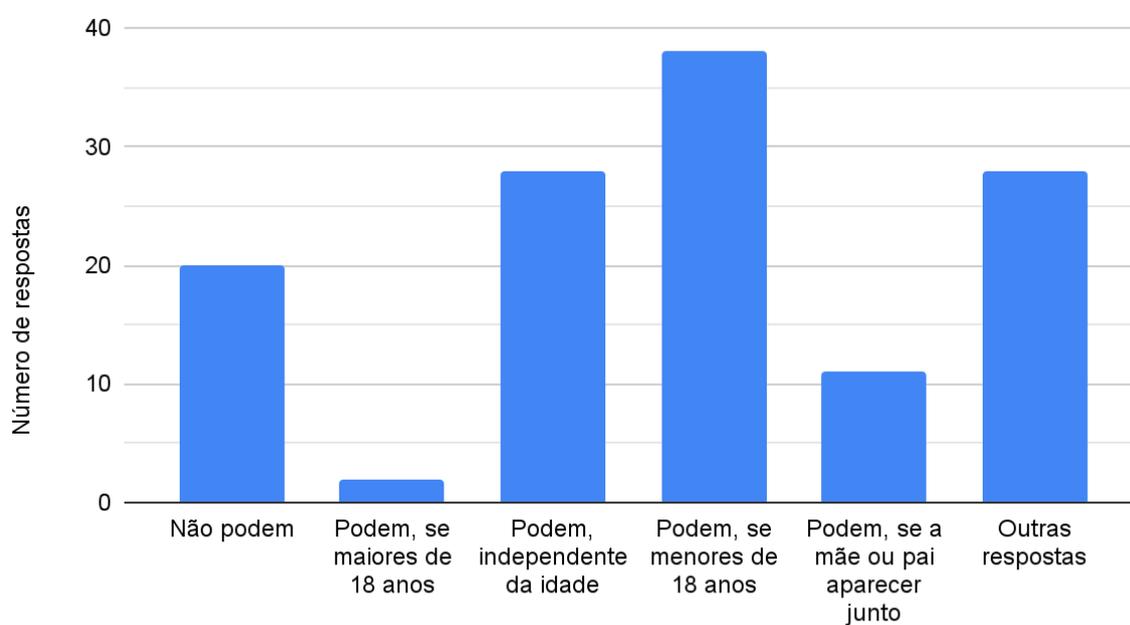
Conforme citado acima, a alternativa “outros” foi utilizada como forma de justificar o porquê da conversa sobre permissão não acontecer. A maioria das pessoas disse não perguntar porque sua filha ou filho ainda não tem discernimento sobre o assunto. A pesquisa de opinião recebeu cerca de 32 respostas com frases como “ela tem só 6 meses e não se comunica através de palavras ainda” (PO86, 2022), “não tem idade suficiente para compreender” (PO26, 2022), “quando tiver

idade, será sim questionada se quer ou não aparecer” (PO39, 2022), “assim que entender um pouco melhor sobre imagem pessoal, vou pedir permissão” (PO91, 2022), “ela tem só 6 meses e não se comunica através de palavras ainda” (PO86, 2022). Desse modo, é possível definir que, reunindo os casos em que as crianças são muito pequenas para debater o tema e os casos em que as mães e pais responderam nunca ter tido essa conversa com a criança, 70 pessoas reconheceram nunca ter abordado o assunto com suas filhas ou filhos.

Assim, conforme evidenciado por Steinberg (2017, apud Bolesina e Faccin, 2020), as pessoas que deveriam proteger os direitos das crianças acabam violando-os, contribuindo para a exposição exagerada de informações e representando potenciais ameaças à intimidade, à vida privada e ao direito à imagem.

No entanto, questionados sobre o assunto, os pesquisados apresentaram as respostas ilustradas pelo gráfico abaixo.

Gráfico 8: Resposta dos entrevistados à pergunta “na sua opinião, mães e pais podem compartilhar fotos ou vídeos de suas filhas ou filhos nas redes sociais sem pedir permissão?”



Permissão de mães e pais para compartilhamento de registros de suas filhas ou filhos nas redes sociais

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

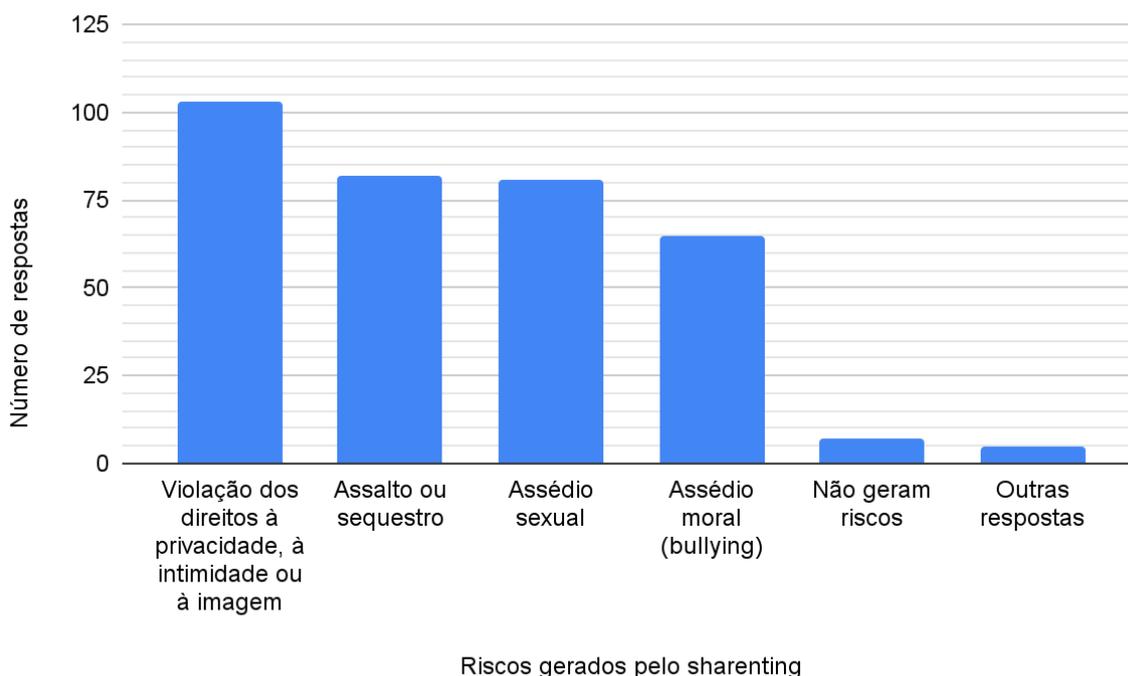
O gráfico 8 mostra que 20 entrevistados negam que mães e pais tenham o direito de compartilhar fotos e vídeos de suas filhas ou filhos sem a permissão deles. Isso representa apenas 15,74% dos respondentes. Ao todo, unindo os diversos motivos pré-determinados, 79 pessoas disseram que as mães e os pais podem tomar tal atitude.

Ademais, por meio da alternativa “outros”, 28 entrevistados trouxeram outros argumentos para responder a questão. Como respostas afirmativas, surgiram relatos como “sim, se a criança ainda não [tem] condições de dar permissão e não forem postagens vexatórias, exposição explícita” (PO38, 2022); “sim, desde que não exponha a criança a nenhuma situação vexatória ou que coloque a segurança da criança em perigo e apenas até que a criança tenha capacidade de entender a situação, a partir de então, deve pedir sua permissão” (PO68, 2022); “sim, enquanto não houver negativa, e resguardando a criança” (PO34, 2022) e “sim, mas se a criança não gosta ou não quer os pais precisam respeitar” (PO44, 2022).

Já alguns dos entrevistados utilizaram o termo “depende” em seus retornos, dizendo que “depende do tipo de foto” (PO24, 2022), que “depende se for perfil aberto ou fechado e do tipo de seguidor que irá visualizar” (PO72, 2022) e que “é uma prática que depende muito da maturidade de cada família/criança” (PO150, 2022).

Também houve quem não soubesse responder por nunca ter refletido sobre o assunto: “nunca pensei sobre isso” (PO121, 2022), “nunca tinha pensado por esse ponto de vista” (PO54, 2022), “nunca tinha refletido sobre” (PO146, 2022), “não tenho uma opinião formada ainda porque não tinha pensado nisso antes” (PO153, 2022). Dessa maneira, uma das pessoas afirmou ter mudado de opinião depois da pesquisa (PO135, 2022).

Contudo, após os entrevistados terem respondido à pergunta anterior, foram questionados sobre os possíveis riscos que o *sharenting* pode causar. Suas considerações são apresentadas no gráfico a seguir.

Gráfico 9: Riscos do *sharenting*

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Conforme o gráfico 9, 103 pessoas consideram que o *sharenting* pode violar os direitos à privacidade, à intimidade ou à imagem da criança. Além disso, 82 respondentes disseram acreditar que a prática pode resultar em casos de assalto ou sequestro, 81 que pode resultar em casos de assédio sexual e 65 em casos de assédio moral, como o *bullying*. Apenas 7 pessoas afirmaram que o compartilhamento de fotos e vídeos de filhas e filhos não gera riscos. Na alternativa “outros” apareceram respostas como: “Podem utilizar a foto para memes ou para mensagens que não se tem o controle do conteúdo” (PO21, 2022); “Acho que em algumas situações se for dar muitos detalhes de tudo facilita a localização” (PO106, 2022); e “Acredito que tudo é contexto. No meu caso, o perfil é fechado (não era quando eu não tinha filhos) e meus seguidores estão 99% no Brasil, enquanto eu estou na Austrália. Logo, é diferente caso eu estivesse no Brasil (me refiro a riscos à segurança)” (PO48, 2022). Uma pessoa utilizou o espaço para dizer que “o risco existe em tudo, o importante é não ser paranoico” (PO24, 2022).

Por fim, as mães e os pais foram questionados sobre já ter tido contato com o termo “*sharenting*”: 114 pessoas disseram nunca ter ouvido o termo, 5 disseram já

ter ouvido, mas que tinham conhecimento sobre o assunto e 8 afirmaram conhecer o significado termo.

## **5.2 Análise do grupo focal: resultados qualitativos**

Com base na pesquisa de opinião e em seus resultados quantitativos, foi desenvolvido um grupo focal com 8 mães de crianças menores de 12 anos, respondentes do questionário e com disponibilidade para participar do encontro realizado de forma virtual no dia 10 de setembro de 2022, das 10h às 11h30. A única participante que não abriu a sua câmera de vídeo em nenhum momento da entrevista foi a GF1, no entanto, ela explicou que estava enfrentando problemas técnicos e reforçou - mais de uma vez - que gostaria que as outras participantes estivessem vendo a sua imagem também.

O perfil de cada uma das participantes é apresentado abaixo. Para manter o anonimato das entrevistadas, os seus nomes foram substituídos por “GF”, referente à “Grupo Focal”, junto de um número para distinção.

GF1: Mulher cisgênero, nascida em 1980, residente de Porto Alegre/RS, mãe de uma criança de 5 anos. Sua renda familiar mensal é de três a cinco salários mínimos. Sua conta pessoal no Instagram tem de 500 a 1.000 seguidores.

GF2: Mulher cisgênero, nascida em 1987, residente de uma cidade do interior localizada fora do estado do Rio Grande do Sul, mãe de uma criança de menos de 1 ano e de uma criança de 9 anos. Sua renda familiar mensal é de mais de cinco salários mínimos. Sua conta pessoal no Instagram tem até 500 seguidores.

GF3: Mulher cisgênero, nascida em 1989, residente de Porto Alegre/RS, mãe de uma criança de 2 anos. Sua renda familiar mensal é de mais de cinco salários mínimos. Sua conta pessoal no Instagram tem de 1.000 a 2.000 seguidores.

GF4: Mulher cisgênero, nascida em 1983, residente de Porto Alegre/RS, mãe de uma criança de 1 ano. Sua renda familiar mensal é de mais de cinco salários mínimos. Sua conta pessoal no Instagram tem de 500 a 1.000 seguidores.

GF5: Mulher cisgênero, nascida em 1984, residente de uma cidade fora do Brasil, mãe de uma criança de 2 anos. Sua renda familiar mensal é de mais de cinco salários mínimos. Sua conta pessoal no Instagram tem até 500 seguidores.

GF6: Mulher cisgênero, nascida em 1989, residente de Porto Alegre/RS, mãe de uma criança de 8 anos e de uma criança de 11 anos. Sua renda familiar

mensal é de três a cinco salários mínimos. Sua conta pessoal no Instagram tem de 500 a 1.000 seguidores.

GF7: Mulher cisgênero, nascida em 1988, residente de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, mãe de uma criança de menos de 1 ano. Sua renda familiar mensal é de mais de cinco salários mínimos. Sua conta pessoal no Instagram tem de 2.000 a 5.000 seguidores.

GF8: Mulher cisgênero, nascida em 1982, residente de uma cidade do interior do Rio Grande do Sul, mãe de uma criança de 4 anos. Sua renda familiar mensal é de três a cinco salários mínimos. Sua conta pessoal no Instagram tem de 500 a 1.000 seguidores.

A realização do grupo focal iniciou com as boas-vindas ao grupo, agradecendo a participação de cada uma das presentes. No primeiro momento, todas foram convidadas a apresentarem-se brevemente, contando umas às outras os seus nomes - ou como gostariam de ser chamadas - e a idade de suas filhas ou filhos. Ao falarem sobre si, algumas delas também compartilharam as suas idades e profissões. Além disso, comentaram o nome de suas filhas ou filhos.

Embora não tenham sido questionadas sobre o assunto, a maioria das participantes abordou em suas falas iniciais os motivos de terem aceitado participar do grupo focal, ressaltando a importância de tratar sobre o assunto e de refletir sobre as ações que levam à prática do *sharenting*, bem como sobre as problemáticas e riscos dessas atitudes. Algumas das entrevistadas abordaram não conhecer o termo e nunca ter refletido sobre o assunto. No entanto, a partir de suas respostas à pesquisa de opinião, perceberam a importância desse debate, como pode ser visto na seguinte fala de uma das participantes.

Achei o tema muito interessante, porque é uma coisa que a gente faz sem raciocinar. Sempre tive receio das redes sociais, nunca saí compartilhando coisas, assim, uniformes escolares, que pudesse identificar a criança... Sempre tive esse receio mas nunca pensei pelo aspecto de estar mostrando a imagem, expondo o meu filho sem consentimento dele. Nunca tinha parado para pensar nisso e olha que eu sou advogada. Realmente nunca pensei nisso. Eu achei muito interessante refletir sobre esse assunto e repensar a forma que a gente faz esse compartilhamento nas redes sociais. [...] Então, eu acho que me fez refletir bastante essa questão e o que fazer para poder, não sei, talvez, mitigar essa exposição, diminuir ou fazer isso de uma forma que seja menos invasiva com a imagem das crianças. (GF2, 2022).

Na primeira pergunta focal, conforme orientado por Costa (2014), as entrevistadas foram estimuladas a explorar conceitos amplos, abordando as suas sensações ao navegar pela rede social Instagram, vendo fotos e vídeos das pessoas que seguem e/ou interagindo com terceiros. A seguir, serão apresentadas as respostas sobre esse primeiro tópico: os sentimentos.

O ordenamento de falas foi espontâneo e GF5 abriu a sessão de respostas. Por morar fora do país, ela afirmou utilizar a rede social para ter contato com as notícias do Brasil e, logo no início de seu relato, abordou não concordar com algumas publicações de suas amigas. No entanto, relacionou esses pensamentos reprovadores ao fato de que reside em um país em que considera que a privacidade é preservada com mais força. Assim, ela reconhece que essa influência a faz ter pensamentos em contrapostos:

Talvez, porque às vezes eu tenho essa vontade, tipo “putz, que legal”, sabe? Tem tanta gente, tantos amigos, tanto a família, que poderia ter mais contato comigo, saber mais da minha vida, se eu postasse mais, se visse mais, e aí eu acho que são muitos aspectos. Mas é isso, o sentimento que eu tenho é que algumas coisas eu entendo, tipo, vejo [*e penso*] “putz, que legal. Nossa, a fulana, a vida dela tá assim... Poxa, que legal sabe?”, mas tem outras que eu fico [*pensando*] “não, será que o filho dela vai gostar depois que crescer?”, porque são uma geração que já nasceu com uma câmera na frente, sabe? Eu vejo isso pela minha filha que já nasceu com a câmera do WhatsApp ali. (GF5, 2022).

Igualmente ao relato de GF5, GF2 trouxe a sensação de proximidade de amigos e parentes como um dos sentimentos experimentados durante o uso do Instagram. Essa percepção já foi abordada anteriormente, conforme os estudos de Recuero (2010), sobre a criação de conexões interpessoais fomentadas pelas interações mediadas pela virtualidade. Segundo Ribeiro et al. (2016, apud Silva Júnior, 2018), as redes sociais inclusive estimulam a espetacularização das vivências, favorecendo os processos de troca de informações em uma comunicação incessante e infinita.

GF2 também utilizou seu momento de fala para externar a preocupação que sente em relação à segurança, principalmente de seus filhos. Ela abordou que, internamente, sente uma cobrança em postar cada vez mais, expondo-se mais. A entrevistada ainda apontou a sensação de curiosidade:

Às vezes, eu posto uma foto e tal, mas eu acho que eu me sinto como uma curiosidade com a vida dos outros. Eu gosto de fazer algumas postagens

minhas para familiares que estão mais distantes, mas sempre com essa preocupação realmente da segurança, essa proteção. Mas nunca tinha pensado na questão da exposição da imagem. (GF2, 2022).

Retomando as ideias de contradição apontadas no primeiro relato, GF3 disse ter sentimentos bons ao acompanhar a rotina de amigas e de sua família através da rede social, mas que os sentimentos de inveja e de raiva também a acometem, principalmente ao ver “aquelas famílias de margarina maravilhosas, aquelas viagens para praia, aquelas coisas assim” (GF3, 2022), mas ela complementa que tem ciência de que tais situações são “só um recorte. A vida da pessoa não é 100% assim” (GF3, 2022). Relacionando seus pensamentos à opinião de GF3, GF8 apresenta o seu ponto de vista:

Aproveitando a fala da GF3, eu acho que quando a gente vê o Instagram é uma forma de a gente estar mais próxima das pessoas, de a gente fazer parte de alguma forma da vida daquela pessoa. E, em algum momento, eu seguia muitas influenciadoras e eu parei de seguir, porque isso estava me fazendo mal. A minha saúde mental estava ficando prejudicada porque a minha vida era muito distante da vida daquelas pessoas. Por vários motivos, né? Porque é o trabalho delas, por uma questão financeira também, né? Porque a pessoa ganha, sei lá, cinco milhões por mês e outra é porque que nem GF3 falou, é só um recorte, né? Aquele story foi pensado, aquele feed foi pensado, aquela foto da viagem foi pensada. (GF8, 2022).

Nesse momento, GF4 concordou com as opiniões compartilhadas, afirmando também sentir incômodo com conteúdos que parecem perfeitos e que são muito distantes de suas experiências, dizendo ter deixado de seguir alguns perfis que fugiam de sua realidade. Conforme apresentado durante o referencial teórico deste trabalho, Silva Júnior (2018) apoia-se em Ribeiro et al. (2016) para apontar que, por meio das conexões de rede, as pessoas exibem situações em que gostariam de ser vistas, pensando e produzindo a sua identidade digital como um espetáculo. Assim, os teóricos também defendem a ideia de que os perfis virtuais não representam a integralidade das vivências cotidianas.

Trazendo novamente à tona os sentimentos positivos, GF1 falou sobre as risadas que dá ao ver o conteúdo de certos perfis, os quais ela segue justamente com essa intenção. No entanto, também diz ficar com raiva ao perceber os recortes

idealizados, citados pelas outras participantes. Com isso, ela abordou a ambivalência de seus sentimentos.

Para mim é uma sensação muito ambivalente. Eu gosto e ao mesmo tempo desgosto. Eu às vezes quero postar, às vezes eu me sinto inclusive meio chamada a postar, quando eu começo a ver todo mundo postando... Eu já tive, inclusive, essa questão, né? Eu tenho um coletivo de mães e pais em que a gente se juntou para cuidar das crianças na primeira infância, então, a gente trata da infância, das crianças desde sempre e a nossa coordenadora, [como a] GF5, morava na Alemanha e ela trazia muito isso de como na Alemanha era essa questão do consentimento, da privacidade e tudo mais, e na época eu me questionava. Ela nos questionava: “O que os filhos e as filhas de vocês vão pensar quando eles crescerem e tiver tudo ali o que vocês registraram?”. E, por um tempo, eu pensava: “Bah! O que meu filho vai pensar se ele não estiver ali e os outros estiverem?”. (GF1, 2022).

Sobre o aspecto dos registros das crianças no Instagram, GF8 comentou: “Uma outra coisa da criação dos filhos que acho que a gente gosta de postar - as que gostam e que postam - tem uma coisa do ego, mas não do ego de coisa ruim, sabe? Mas do lado de coisa boa... (GF8, 2022). Na busca por uma palavra que representasse tal sentimento, a entrevistada foi auxiliada pelo grupo, que definiu a sensação como orgulho.

Por fim, GF6 contou que utiliza a rede social para seguir pessoas que despertam a sua admiração, mesmo que não as conheça pessoalmente. Além disso, ela trouxe as suas percepções sobre o porquê não separar sua conta em perfil pessoal e perfil profissional, como fazem algumas das outras mães entrevistadas.

É tudo junto porque na minha concepção da minha vida está tudo junto, né? Então, por essa questão de estar tudo junto, eu posto muita coisa com os meus filhos, porque eles fazem muito parte da minha vida, eu estudo muito com eles junto, então está muito ligado uma coisa com a outra. Mas, recentemente, foi que eu tive uma mudança de refletir sobre o que eu postava e comecei a perceber que eu me limitava em postar algumas coisas que eu não achava que eram tão bonitas para serem postadas. [...] Sabe que eu acho que sem querer, às vezes, a gente acaba se colocando essas máscaras. (GF6, 2022).

A partir das contribuições das entrevistadas, percebe-se que o uso do Instagram é responsável por gerar sentimentos muitas vezes conflitantes. Foram citadas as sensações de proximidade de pessoas que estão fisicamente distantes, a admiração e a diversão gerada pelos conteúdos publicados na rede social, e sobretudo o orgulho ao compartilhar as vivências de suas filhas e filhos com outras pessoas. Em contraponto, foram apresentados sentimentos de incômodo, inveja e

raiva ao dar-se conta que muitas das publicações acessadas não representam a realidade. Ainda, foi trazida brevemente a preocupação em relação à segurança das crianças.

Após a apresentação dos sentimentos, as entrevistadas foram convidadas a compartilhar suas percepções em relação às publicações de amigas, amigos e pessoas comuns que fazem parte de suas redes sociais. Sobretudo, foram orientadas a pensar nas mães e pais que têm idades similares às delas. Conforme sugerido por Costa (2014), para abordar temáticas delicadas, a formulação da pergunta teve a intenção de desvendar as práticas do público visado a partir de respostas que partissem das vivências de terceiros, mas que potencialmente refletissem a opinião das participantes.

Iniciando a série de respostas, GF3 abordou a questão do *bullying*, dizendo que, por ter sofrido assédio moral na infância, tem essa preocupação e tem o costume de imaginar quais serão os “*bulliyings* do futuro” (GF3, 2022). A participante trouxe o exemplo da realização da lavagem nasal nas crianças, que pode ser considerado nojento para ser registrado, mas que se tornou um hábito compartilhável.

Quando mostraram as primeiras criancinhas lavando o nariz com a seringa e saía um monte de meleca do nariz, eu pensava: “Meu Deus, essa pobre criança vai ser chamada de ‘ranhenta’ da primeira série até o final do segundo grau, né?”. [...] Mas daí, agora, tem vídeo de todas as crianças lavando o nariz. Então, eu acho que já não vai fazer diferença, entendeu? Porque pelo menos no meu feed tem filho de todo mundo lavando o nariz e saindo meleca. Isso era uma coisa que me preocupava, que me incomodava no começo. Agora eu já acho que normalizou a meleca, todo mundo tem catarro. Está tudo bem. (GF3, 2022).

Refletindo também sobre os incômodos gerados pelos compartilhamentos de terceiros, GF5 disse que considera comedidas as publicações que têm acesso. No entanto, apesar de concordar com os relatos sobre os processos de desfralde das crianças, não considera adequadas a postagem de fotos da criança no banheiro. Também traz a questão do *bullying*, prendendo-se ao fato de que alguns perfis compartilham imagens de situações desconfortáveis ou em que as filhas e filhos estão demonstrando aversão a determinado contexto. “A criança está se expressando. [Então,] não posta. Talvez não seja legal para ela. Talvez, porque ela precisasse, naquela hora, ser acolhida e não ser postada” (GF5, 2022).

GF8 começa a sua resposta afirmando não ter grandes críticas às publicações que aparecem em sua rede social, mas sente-se incomodada com algumas, por exemplo, as imagens das crianças tomando banho, mesmo que as partes íntimas não estejam aparentes. Ela também comenta sobre não gostar de alguns conteúdos por julgamentos pessoais em relação às escolhas de cada mãe ou pai perante à criação de suas filhas ou filhos.

Eu não gosto porque eu sempre penso se fosse minha foto, né? Se fosse minha foto, eu também não gostaria que tapassem as partes íntimas e botassem uma foto minha tomando banho. E depois tem algumas outras fotos que me incomodam, mas daí é mais por julgamento meu do que efetivamente do que a pessoa está postando, né? Por exemplo, uma grande amiga minha postou há esses tempos uma foto dela fazendo a unha e a filha de 5 anos também fazendo a unha com esmalte para adulto. É um julgamento meu, sabe? Criança tem que usar produto para criança. Daí também já entro numa esfera mais minha, de questões minhas, do que da pessoa efetivamente que está postando. (GF8, 2022).

Retomando a fala de GF5, GF1 afirmou nunca ter visto registros de birra, o que acredita ser ótimo. No entanto, reflete novamente sobre os recortes de vida ideal utilizados nas publicações, que costumam mostrar as crianças sempre felizes, brincando, tendo falas interessantes etc. Ela aproveitou o espaço também para relatar que no dia anterior ao encontro focal repensou a atitude de *sharenting* que iria tomar e, assim, buscou entender qual seria o seu objetivo com aquela postagem. A entrevistada disse que "tem que cuidar para a gente também não começar a ficar muito exigente e chata com a gente mesmo" (GF1, 2022), no entanto, como GF8, ela também abordou em sua fala a necessidade da empatia e de colocar-se no lugar do outro. Por fim, ela contou a sua experiência familiar após o nascimento de seu filho.

Eu não gosto quando alguém me posta assim aleatoriamente, do nada. Então, assim, eu prefiro perguntar para alguém quando eu vou postar, perguntar se eu posso postar aquela nossa foto, sabe? Então, eu acho que é isso sempre. A gente está postando sem perguntar, né? As crianças são pequenas e não entendem ainda, então a gente posta. Eu tive que fazer tipo uma assembleia com a minha família quando o C1<sup>9</sup> nasceu, para que ninguém postasse ele recém-nascido, e que eu ia dizer quando. Porque daí "não pode agora, mas pode quando?", sabe? Então, assim, tinha que

---

<sup>9</sup> Para manter o anonimato das crianças, seus nomes foram substituído por C, junto da numeração atribuída a sua mãe. Neste caso, C1 é filho de GF1.

praticamente fazer uma assembleia, combinar, conversar e depois se reunir de novo para ver quando já podia. (GF1, 2022).

Já GF7 trouxe a temática sobre as mães e pais que utilizam a imagem de suas filhas ou filhos para ter ganhos na rede social, compartilhando momentos ruins das crianças ou momentos vexatórios para alcançar um maior número de visualizações, curtidas e compartilhamentos. Assim, o conceito de empatia também surgiu em sua contribuição:

Comentei com vocês que eu acabo postando algumas coisas sobre o desenvolvimento da C7, porque eu preciso compartilhar algo para que os pais saibam como fazer com as crianças, mas eu evito de todas as formas expor ela de alguma forma que eu não gostaria de ser exposta. Então, eu tenho esse cuidado e eu evito acompanhar perfis que exponham a criança desta forma. (GF7, 2022).

Por ter poucas amigas que têm filhas ou filhos, GF6 disse que não recebe tantos comentários ao compartilhar fotos com seus filhos, talvez por não entenderem “muito bem como é que funciona aquela rotina” (GF6, 2022). No entanto, as amigas que são mães geralmente gostam de suas publicações e utilizam delas para trocar experiências e apoiar suas formas de maternas. Assim, ela concluiu dizendo achar que a interação estimulada pelas publicações também faz com que ela tenha vontade de realizar ainda mais compartilhamentos.

Essa dinâmica é considerada por Silva Júnior (2018) como uma incessante busca por aceitação. Para ele, a busca pela aprovação de um olhar avaliador é intrínseca quando se refere ao “eu” no bios midiático. A expressão dessa validação é feita através da quantidade de curtidas, de comentários, de compartilhamentos e de interações positivas fomentadas a partir das fotos e vídeos publicados. Nesse contexto, o autor define que é possível que os envolvidos modifiquem ou ressignifiquem os seus valores sociais.

Na metade da entrevista, as participantes foram conduzidas para a pergunta focal do encontro, que buscava conhecer as motivações de mães e pais nativos digitais para o compartilhamento de conteúdos sobre suas filhas e filhos de até 12 anos no Instagram. Assim, as entrevistadas foram questionadas sobre o que acreditam motivar a prática do *sharenting*.

GF8 disse que acredita que, de modo romantizado, a motivação possa ser o sentimento de orgulho gerado ao compartilhar as vivências das crianças com

terceiros. Entretanto, realmente, acredita que a verdadeira motivação é a influência comportamental que conduz a sociedade para a virtualização das relações. “Não adianta, a gente vive numa era mega digital e, às vezes, a gente faz as coisas sem nem saber o porquê, né? O comportamento de massa, de modelar... A gente simplesmente faz porque está todo mundo fazendo” (GF8, 2022).

Contudo, ao final de sua fala, a participante contou que seu filho nasceu com uma deficiência física no pé e que ela e o marido abordam o assunto em suas redes sociais como forma de auxiliar outras famílias. Portanto, apesar de acreditar ser influenciada, também faz questão de frisar a consciência de certas atitudes.

Então, essa questão do pé, a gente acaba postando bastante, porque eu sei que, quando meu filho começou a fazer o tratamento, procurei muitas referências sobre isso. Então, essa questão específica do tratamento do pé dele a gente acaba postando, porque a gente sabe sim que vai ajudar, vai inspirar, vai trazer algum alívio para outras famílias. Então, isso é uma postagem consciente do porquê que é feita. O resto é meio que comportamento de massa mesmo. (GF8, 2022).

Para GF3, em alguns casos, a motivação do *sharenting* é a chance de ganhar dinheiro. Ao utilizar vídeos simples do cotidiano, alguns indivíduos conseguem elevar o seu estilo de vida a um padrão que, até então, era impossível para a família. Com referência às situações que acompanha, ela disse que percebe que mesmo que, às vezes, os envolvidos não tenham almejado a fama que conquistaram, ao deparar-se com ela, mães e pais avaliam o seu custo-benefício, considerando que a possibilidade de proporcionar às crianças coisas que não podiam antes é relevante. “Isso é uma coisa que eu também acho que, às vezes, pesa para as pessoas. Tipo, cada um acha que seu filho faz coisas muito incríveis e daí posta esse vídeo e vê se vai viralizar igual a Alice<sup>10</sup>” (GF3, 2022).

Tal ideia é reforçada pelo fato do Instagram ter seu conteúdo atualizado através da atividade de “prosumers”. De acordo com Cardoso e Lamy (2011, apud Brito, 2017), o termo é utilizado para designar as pessoas que ao mesmo tempo consomem informações disponibilizadas na rede social e criam seus próprios

<sup>10</sup> Alice viralizou aos 2 anos por gostar de repetir palavras polissílabas, consideradas difíceis para serem faladas por crianças de sua idade. Os vídeos foram compartilhados nas redes sociais de sua mãe, a brasileira Morgana Secco, que mora com a família na Inglaterra. Hoje, 1 ano após a fama repentina, o perfil de Morgana no Instagram reúne 4 milhões de seguidores e Alice já participou de diversos trabalhos publicitários.

conteúdos para que outros tenham acesso. Assim, a princípio, qualquer indivíduo com uma conta ativa na plataforma pode atingir o patamar de influenciador digital.

Complementando a fala de outras participantes, GF4 refletiu sobre os limites da exposição, já que a partir do momento em que a privacidade é colocada de lado, há sérios riscos de perder o controle em relação ao uso de imagens. Contudo, a entrevistada disse acreditar que, em geral, as pessoas também sejam motivadas a estarem presentes nas redes sociais para mostrar que estão bem. GF6 também percebe isso ao afirmar que as pessoas buscam “compartilhar as coisas boas da vida” (GF6, 2022).

Além disso, segundo GF6, a idade das crianças também interfere nas motivações das mães e pais. Para ela, a sua principal motivação é o desejo de compartilhar a sua própria vida e, dessa forma, também a vida de seus filhos, já que são parte de quem ela é.

Retomando as discussões sobre segurança, GF6 ainda disse que realiza os compartilhamentos com mais frequência através da ferramenta stories do Instagram, que disponibiliza as imagens no perfil por apenas 24 horas. Após, GF1 relatou a sua experiência com essa estratégia.

Uma das combinações que eu tinha comigo era só postar o C1 em stories, justamente para cair em 24 horas e não ficar os registros já que, enfim... E depois eu me dei conta que não. Eu achava que eu estava fazendo isso, aí, uma hora, eu fui olhar e ele estava no feed direto assim, sabe? E para vocês verem isso, né? A gente é engolida mesmo. (GF1, 2022).

De acordo com Bolesina e Faccin (2020), a sociedade contemporânea tem como característica a revelação voluntária de informações pertencentes à intimidade pessoal e à identidade pessoal, principalmente tratando do ciberespaço e das redes sociais digitais. Por isso, as pessoas têm exibido cada vez mais as suas experiências cotidianas na internet. Como abordado nos capítulos teóricos, a familiaridade com as plataformas fazem com que a vivência da parentalidade também esteja acontecendo em ambientes virtuais.

Dessa maneira, as participantes do grupo focal falaram sobre quais conteúdos costumam compartilhar no Instagram por meio do *sharenting*. Em geral, foram citadas as fotos em datas comemorativas, em passeios e visitas a lugares diferentes, junto de familiares e amigos - principalmente em momentos especiais de encontro - e durante suas novas experiências. Cenas do dia a dia também foram

trazidas como postadas com frequência, como um álbum de momentos contendo as brincadeiras, os aprendizados, a alimentação, - abordando a introdução alimentar na infância -, além de situações fofas ou engraçadas que mostram a naturalidade da convivência com as crianças.

Depois dos comentários sobre os assuntos compartilhados, GF6 afirmou postar os momentos que vive ao lado de seus filhos, mas que a sua filha de 11 anos tem feito com que ela refletisse sobre o imediatismo das publicações.

E aí, às vezes, é curioso, porque assim, às vezes, ela não quer que eu poste, não porque ela tem vergonha, porque ela não quer ser exposta. É porque ela quer contar aquele momento, sabe? [...] Ela não queria que eu postasse, porque ela queria ter um momento dela, de ela chegar para a vó dela, chegar para a dinda e contar o que aconteceu e ela mostrar as fotos e não aquele conteúdo chegar antes, sabe? Através de mim... Então, eu também percebo isso. Então, eu comecei a perceber que às vezes é uma coisa que eu gosto, que eu achei divertido, que foi legal, mas ela quer ter o prazer de ela contar aquele momento para as pessoas. E aí, então, eu tipo me seguro, não falo e deixo para ela, sabe? (GF6, 2022).

Conforme Renata Martins (2018, p. 33), em referência a Menezes (2013), “as identidades e as subjetividades das crianças” são “forjadas em um cenário das tecnologias digitais em rede”. Assim, há um processo de definição do seu “eu” por meio das concepções de terceiros. Entretanto, a fala de GF6 traz o foco à necessidade das crianças assumirem o protagonismo do momento em que compartilham as suas próprias experiências com os outros, representando-se como realmente são e não conforme são interpretadas.

Em sinergia com esse relato, GF1 e GF6 também comentaram que gostam de compartilhar situações vivenciadas pelas crianças por meio de pequenos textos. No entanto, conforme os estudos de Angela Farah (2009) em relação ao campo do Jornalismo, é “a imagem da criança que inspira nos leitores da sociedade ocidental pureza, alegria, encanto, ingenuidade” (p. 8). Dessa maneira, entende-se que fotos e vídeos são recebidos com maior entusiasmo pelos receptores, que tendem a apresentar reações mais intensas do que ao apenas ter contato com um relato.

Ao longo das respostas trazidas para a pergunta anterior, muitas das entrevistadas falaram ter revisitado os seus perfis para analisar as suas publicações. Então, a partir do relato de GF6, as participantes foram questionadas sobre a reação de desaprovação das crianças perante ao compartilhamento das imagens de sua infância quando já tiverem idade suficiente para compreender o *sharenting*.

Algumas das participantes sinalizaram acreditar que nenhuma publicação será desaprovada, enquanto outras disseram que acreditam que pode acontecer. GF3 contou que postou uma foto de sua filha andando de balanço e vestindo apenas uma fralda ecológica. O compartilhamento foi feito com o intuito de conscientizar outras famílias sobre o uso de fraldas mais sustentáveis, que não fossem descartáveis, mas ela imagina que talvez, quando crescer, a sua filha não goste de ter tido a sua intimidade exposta.

Para GF8, o fato de gostar ou não das publicações depende da fase em que está a criança. Ela comenta que acredita que na adolescência, o senso crítico de seu filho será maior e ele aprovará menos registros. Já GF1 considera que, por serem indivíduos diferentes, a probabilidade de desaprovação dos conteúdos publicados é bastante grande.

É sobre o gostar, né? E o não gostar das publicações, né? Porque somos seres diferentes e às vezes a gente não gosta de um detalhe de uma publicação. A gente está falando aqui, inclusive, né? Que a gente não gosta das publicações das outras pessoas. Então, acho que provavelmente sim, vai ter alguma coisa que não vai gostar. Não sei responder o quê, porque é isso, subjetividade, né? (GF1, 2022).

Buscando trazer outra perspectiva, GF3 retomou uma das primeiras falas de GF1, refletindo sobre a possibilidade da criança não gostar de nunca ter sido postada, sentindo-se desconfortável em relação às outras pessoas de sua faixa etária. Então, ela exemplificou, seguida pelo comentário de GF1:

Eu tenho uma amiga que não posta nada do filho dela. E, quando alguém vai postar, ela pede para botar uma carinha, assim, na frente da criança, um emoji. E aí, eu fico pensando em várias fotos nossas, assim, tipo várias mulheres adultas juntas, algumas crianças e o filhinho dela sempre tem um emoji na cara. Eu fico pensando se fosse eu essa criança, talvez eu ia me sentir muito complexada. (GF3, 2022).

Queria dizer que eu achei muito interessante o que a GF3 trouxe sobre o emoji na carinha dessa criança, né? A única na foto com esse emoji, né? “O que eu tinha que não podia mostrar, afinal de contas? Por que ou o que que acontecia comigo que eu não podia ser visto? Ou que medo absurdo você tinha em relação a mim que outras pessoas não tinham, né?”. O quanto isso também é bem profundo assim, né? Achei bem... Fiquei super reflexiva, assim, com isso também. (GF1, 2022).

Depois disso, GF5 comentou que, apesar de não ter o hábito de compartilhar fotos de sua filha, não impede outras pessoas de realizarem publicações pois tem receio justamente de que a falta de exposição gere impactos

negativos no desenvolvimento da criança. No entanto, ela disse que o fato de não ser vista postando as imagens em seu perfil pessoal contribui para que as pessoas peçam permissão para ela, mostrando respeito em relação a sua decisão.

No momento de encerramento do encontro, GF6 contou para o grupo como surgiram as suas reflexões sobre o *sharenting*. A entrevistada começou a perceber que, geralmente, as representações das crianças na mídia são desenvolvidas por adultos. Assim, ela começou a pensar se as suas postagens realmente condiziam com o que seus filhos pensavam ou se eram apenas um reflexo do que ela mesma pensava sobre as crianças.

E aí foi que eu comecei a pensar sobre. “Será que eu estou invadindo a vontade dela? Será que eu estou depositando nela os meus sonhos, as minhas expectativas e não realmente o que ela quer, sabe?”. Então, comecei a questionar sobre isso. E aí foi que eu comecei a também perguntar para ela sobre as coisas. Inclusive, perguntar sobre o que ela quer que eu poste sobre ela. (GF6, 2022).

O relato de GF6 converge com as reflexões de Oliveira Júnior (2021) perante a construção da infância no ambiente online. O autor aborda a espetacularização das vivências, como tratado também por Ribeiro et al. (2016, apud Silva Júnior, 2018), mas reconhece a necessidade de trazer para o meio virtual as subjetividades das crianças. Na fala da entrevistada, é perceptível que a mãe busca priorizar os pensamentos de sua filha, aproximando-a da construção de sua própria identidade digital, mesmo que mediada pela adulta.

GF6 também comentou o fato de não haver nenhum homem participante do grupo focal. “Isso é mais uma coisa, assim, que demonstra como é que a sociedade funciona, o quanto as mulheres estão à frente disso, o quanto as mulheres que se preocupam com isso e acabam tomando essa demanda” (GF6, 2022). As outras participantes concordaram, ironizaram a situação em um momento de descontração, mas lamentaram que fosse assim, já que consideram fundamental que os pais também estejam presentes em momentos de reflexão como sobre a criação das crianças e tenham as suas percepções sobre o *sharenting* mapeadas.

O encontro focal terminou após uma hora e meia de entrevista e as participantes apresentaram o desejo de manterem-se em contato para seguir pensando, juntas, sobre o assunto abordado. A pesquisadora agradeceu à presença das participantes novamente e a videoconferência foi encerrada.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, apresentamos o *sharenting* pelo viés da Comunicação, área responsável por estudar os meios em que ocorrem tal prática e os seus impactos na sociedade. Através de entrevistas com mães e pais de crianças de até 12 anos, obtivemos resultados quantitativos e qualitativos para responder a pergunta central desta pesquisa e os seus objetivos.

Nos capítulos teóricos, abordamos os conceitos de cibercultura e natividade digital, com o intuito de compreender as relações entre as transformações sociais desenvolvidas no ciberespaço e as características geracionais de pessoas que vivenciaram o surgimento e a intensificação do uso das redes sociais. Assim, a pesquisa de opinião desenvolvida identificou que 90% do público-alvo do presente trabalho já praticou o *sharenting* ao menos uma vez, salientando a intensidade desse fenômeno nas dinâmicas de mães e pais da Geração Y.

No entanto, apesar do compartilhamento de fotos e vídeos de filhas e filhos na internet já ter sido feito pela maioria dos entrevistados, 89% alegaram nunca ter tido contato com o termo “*sharenting*”. Portanto, percebemos que foi possível abranger o objetivo específico que visava promover o debate sobre esse conceito no levantamento do referencial teórico, mas também ao estimular a reflexão de mães e pais sobre as suas ações. Nos retornos que recebemos, tanto pelo formulário online quanto por interações diretas, notamos que essa foi a primeira vez que muitos dos participantes pensaram sobre o assunto, obtendo consciência de suas atitudes no momento em que respondiam o questionário enviado. Assim, foi possível compreender também que realmente há uma naturalização dos compartilhamentos das imagens pessoais na internet.

Por isso, este trabalho também teve como objetivo específico a identificação das características das pessoas nativas digitais em relação à exposição de suas filhas e filhos no Instagram. Fazendo uso das técnicas metodológicas de pesquisa de opinião e de grupo focal, buscamos entender com que frequência são realizados os compartilhamentos, quais são as suas principais motivações e quais as suas relações com os reais interesses das crianças.

A pesquisa também atingiu o seu último objetivo específico ao investigar quais conteúdos são compartilhados pelo público visado. Os temas centrais das publicações foram mapeados, identificando a disposição para utilizar o Instagram

como um espaço para o registro de vivências que acompanhe o crescimento das crianças e, ao mesmo tempo, atualize os seguidores sobre as suas experiências como mães e pais. Dessa maneira, notamos que há maior tendência à publicação de imagens referentes a momentos especiais, considerados mais relevantes para serem expostos. Essas imagens exibem datas comemorativas, passeios, viagens e novas experiências, ou seja, atividades que ultrapassam a rotina.

Esse processo também envolve-se com o fato de que as publicações nas redes sociais são fruto de escolhas que, consciente ou inconscientemente, constroem as nossas identidades digitais. Conforme apontado por Ribeiro et al. (2016, apud Silva Júnior, 2018), a virtualidade proporciona a espetacularização da vida, de modo que possibilite a performance de um cotidiano idealizado. Assim, mesmo que a rotina da família chegue até a internet - em maior ou menor intensidade -, seus fragmentos são selecionados, já que as redes sociais estimulam a busca pela aprovação por meio da conquista de curtidas e de comentários.

Além disso, as mães e os pais foram entrevistados com o intuito de responder a pergunta central e o objetivo geral deste trabalho, que traz à tona as motivações para a prática do *sharenting*. Ao realizarmos a pesquisa de opinião, reconhecemos que o principal motivo para os compartilhamentos é a vontade de manter os registros das filhas e dos filhos em um ambiente de fácil acesso, como um álbum de fotografias ilimitado e sempre disponível na palma da mão. Já uma motivação citada com frequência tanto na pesquisa quantitativa quanto na qualitativa foi a intenção de aproximar as crianças de familiares e amigos, permitindo que essas pessoas possam acompanhar o seu crescimento, mesmo que não estejam presentes no cotidiano familiar.

Durante a realização do grupo focal também foi expressada uma motivação que não havia sido citada até então: o sentimento de orgulho provocado ao compartilhar os registros das filhas e dos filhos no Instagram. Naturalizada como uma forma de demonstrar alegria com as experiências e as habilidades das crianças, essa sensação pode estar relacionada com mais profundidade ao próprio egocentrismo dos adultos do que com os interesses das crianças.

Conforme exemplificado por uma das participantes do grupo focal, a partir do momento em que as crianças adquirem consciência sobre o *sharenting*, elas passam a querer opinar sobre os conteúdos compartilhados e sobre a agilidade com que as informações chegam aos receptores. Isso intensifica a reflexão sobre a

importância de ouvir as crianças e oportunizar que elas mesmas relatem as suas vivências, a partir de suas próprias perspectivas e em seu tempo - que não é necessariamente o instantâneo proposto pelo Instagram. Conforme estudamos no Jornalismo, é fundamental que as crianças também tenham o direito de representarem a si próprias na mídia, como forma de construção de sua identidade.

Dessa forma, entendemos que é legítimo que as crianças estejam presentes no universo virtual e que não podemos excluí-las de um processo do qual também fazem parte como integrantes da sociedade. No entanto, a sua identidade digital deve ser construída de acordo com a sua própria personalidade, vontades e opiniões. Apesar de reconhecermos que as publicações são apenas fragmentos do nosso dia a dia, cabe aos responsáveis pelo *sharenting* buscar formas de defender os interesses das crianças, representando-as como elas realmente são e não conforme as suas idealizações parentais. Assim, se feita de maneira consciente e responsável, a prática apresenta um potencial de inclusão das crianças na virtualidade e de reconhecimento de sua individualidade.

Nesse aspecto, mesmo que as mães e os pais possuam o direito de compartilhar as vivências das crianças, já que elas são uma parte importante de suas vidas familiares, é primordial termos atenção para as maneiras com que a exposição se dá. Por estarem tão presentes nas nossas maneiras de nos relacionarmos socialmente, as plataformas digitais podem ser interpretadas como inofensivas, entretanto, não podemos esquecer que elas são capazes de contribuir para situações de assédio ou violência e, sobretudo, de violação dos direitos à privacidade, intimidade e imagem. Por isso, devemos garantir que as crianças não sintam-se desconfortáveis com os compartilhamentos - seja no presente ou no futuro - e devemos evitar as publicações que podem causar riscos à sua integridade moral e/ou física.

Como reflexões finais, acredito que, mesmo termos atingido os objetivos propostos pelo trabalho, essa pesquisa possa ir além. Por não haver separação de gênero, as respostas dos pais apresentam-se junto com a das mães, no entanto, os homens representam apenas 10% do público participante da pesquisa de opinião e não tiveram representações na realização do grupo focal. Portanto, consideramos ser interessante a elaboração de um procedimento que aborde as suas percepções de forma mais específica, já que eles também são agentes do *sharenting*.

Por fim, consideramos que é importante ressaltar que, apesar de recair constantemente nas mães e nos pais, a garantia dos direitos das crianças é uma função social, descrita pela Constituição brasileira de 1988. Assim, o compromisso com a segurança dos menores de idade é de todos nós e não deve se limitar apenas à realidade física. Com a intensificação do uso das redes sociais e da exposição da infância na internet, é essencial que toda a sociedade perceba-se como responsável pelas crianças, inclusive e cada vez mais, no ambiente digital.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Helena. **Estação juventude: conceitos fundamentais – ponto de partida para uma reflexão sobre políticas públicas de juventude**. Secretaria Nacional de Juventude Brasil. Brasília: SNJ, 2014. 79-89.

BOLESINA, I.; FACCCIN, T. de M. **A responsabilidade civil por sharenting**. Revista da Defensoria Pública do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, n. 27, p. 208–229, 2021. Disponível em: <<https://revista.defensoria.rs.def.br/defensoria/article/view/285>>. Acesso em: 27 ago. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Maria Eugênia Belczak. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006. 180-192

DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006. 62-83.

NOVELLI, Ana Lucia Romero. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006. 164-179.

GALINDO, Daniel dos S. **Convergência e divergência no consumo de mídias pelas gerações pós internet - p.79 a p.104**, in **Comunicação de Mercado & contemporaneidade** – organizado por Daniel Galindo e Vânia de Oliveira – São José dos Campos: Tachion Editora, 2016.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LEMOS, S. **Nativos digitais x aprendizagens: um desafio para a escola**. Boletim Técnico do Senac, v. 35, n. 3, p. 38-47, 19 dez. 2009. Disponível em: <<https://www.bts.senac.br/bts/article/view/236/219>>. Acesso em 13 ago. 2022.

MARTINS, Renata Soares. **Entre curtidas no Instagram: a exposição de crianças nas redes sociais e suas possíveis consequências ao desenvolvimento infantil**. 2019. 92 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2019.

OLIVEIRA, Wagner Tadeu de. **Publicidade como entretenimento infantil, mídias sociais e Sharenting**. 2021. Disponível em: <<http://revistaalabastro.fesp.org.br/index.php/alabastro/article/view/338>>. Acesso em 13 ago. 2022.

LÉVY, Pierre. **CIBERCULTURA**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 2ª ed., São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Tiago Ricciardi Correa. **Aura e vestígios do audiovisual em experiências estéticas com mídias locativas: performances algorítmicas do corpo no espaço urbano**. Tese - Escola da Indústria Criativa, Unisinos, São Leopoldo, 2014.

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. Tradução de Roberta de Moraes Jesus de Souza. Disponível em <<https://docplayer.com.br/2203029-Nativos-digitais-imigrantes-digitais.html>>. Acesso em 13 ago. 2022.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. 2ª ed., Porto Alegre: Sulina, 2010. (Coleção Cibercultura)

RIBEIRO, G. L. . **A Internet e a emergência da comunidade imaginada transnacional**. Sociedade e Estado, [S. l.], v. 10, n. 01, p. 181–191, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/43894>. Acesso em: 13 ago. 2022.

RIBEIRO, J. da C. L.; AMORIM, R. J. R.; NUNES, R. dos R. **Selfies, emojis, likes: representações voláteis e leituras líquidas na era digital / Selfies, emojis, likes: volatile representations and liquid readings in the digital age**. Texto Livre, Belo Horizonte-MG, v. 9, n. 2, p. 161–173, 2016. DOI: 10.17851/1983-3652.9.2.161-173. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/16733>. Acesso em: 27 ago. 2022.

RÜDIGER, Francisco. **Cultura e Cibercultura: princípios para uma reflexão crítica**. Rio de Janeiro: Logos UERJ, 2011. Disponível em: <[http://www.logos.uerj.br/PDFS/34/04\\_logos34\\_Rudiger\\_Cultura.pdf](http://www.logos.uerj.br/PDFS/34/04_logos34_Rudiger_Cultura.pdf)>. Acesso em: 13 ago. 2022.

RUEDIGER, Marco Aurélio; RICCIO, Vicente. **Pesquisa qualitativa em administração**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. 151-172.

SIBILIA, P. O universo doméstico na era da extimidade: Nas artes, nas mídias e na internet. **Eco Pós**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2015, p. 132-147. Disponível em: <[https://revistas.ufrj.br/index.php/eco\\_pos/article/view/2025](https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/2025)>. Acesso em: 27 ago. 2022.

SILVA, Ana Carolina Correia Pinto da; RIBEIRO, Igor Soares. **Revista Piá**. 2013. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SILVA, A. F. da; LÓS, D. E. da S.; LÓS, D. R. da S. **Web 2.0 e Pesquisa: Um Estudo do Google Docs em Métodos Quantitativos**. RENOTE, Porto Alegre, v. 9, n. 2, 2011. DOI: 10.22456/1679-1916.25141. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/25141>>. Acesso em: 06 set. 2022.

SIMONE DE AZEVEDO, D.; CAMPOS DA SILVEIRA, A.; OLIVEIRA LOPES, C.; DE OLIVEIRA AMARAL, L.; DO CARMO VIEIRA GOULART, I.; XIMENES MARTINS, R. **Letramento digital: uma reflexão sobre o mito dos “Nativos Digitais”**. RENOTE, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 615–625, 2018. DOI: 10.22456/1679-1916.89222. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/renote/article/view/89222>>. Acesso em: 13 ago. 2022.

TOMAZ, R. O. **Sharenting e engajamento nos perfis de celebridade: o caso @mariaalice**. RuMoRes, [S. l.], v. 16, n. 31, p. 253-278, 2022. DOI: 10.11606/issn.1982-677X.rum.2022.200399. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/Rumores/article/view/200399>>. Acesso em: 20 ago. 2022.

VERMELHO, Sônia Cristina; VELHO, Ana Paula Machado; BONKOVOSKI, Amanda; PIROLA, Alisson. **Refletindo sobre as redes sociais digitais**. Mestrado em Promoção da Saúde do Centro de Ensino Superior de Maringá (Cesumar). Maringá (PR) – Brasil, 2014.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE OPINIÃO

### **Pesquisa acadêmica sobre *sharenting***

Esta pesquisa faz parte do Trabalho de Conclusão de Curso da discente Maiara Dallagnol, concluinte do curso de Jornalismo na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (FABICO/UFRGS).

Esse questionário será utilizado para análise do fenômeno *sharenting*, que aborda a partilha parental, sobretudo através do compartilhamento de fotos e vídeos de filhas e filhos nas redes sociais.

A pesquisa é direcionada apenas para quem nasceu entre 1980 e 1994, é mãe ou pai de crianças de até 12 anos de idade e que tenham uma conta pessoal ativa na rede social Instagram.

As respostas são anônimas.

Dúvidas em relação a este formulário podem ser esclarecidas através do email [maiaradallagnol@gmail.com](mailto:maiaradallagnol@gmail.com).

### **Perguntas:**

1. Em que ano você nasceu?

1980

1981

1982

1983

1984

1985

1986

1987

1988

1989

1990

1991

1992

1993

1994

Não me enquadro no recorte desta pesquisa

2. Qual é a sua identidade de gênero?

Mulher cis (se identifica com o sexo designado ao nascimento)

Mulher trans

Pessoa não-binária

Homem trans

Homem cis (se identifica com o sexo designado ao nascimento)

3. Onde você mora?

Em Porto Alegre/RS

No interior do Rio Grande do Sul

Fora do Rio Grande do Sul, em uma capital

Fora do Rio Grande do Sul, no interior

Fora do Brasil

4. Qual sua faixa de renda familiar mensal?

Até um salário mínimo (R\$ 1.212 ou menos)

Entre um e três salários mínimos (R\$ 1.212 a R\$3.636)

Entre três e cinco salários mínimos (R\$3.636 a R\$ 6.060)

Mais de cinco salários mínimos (R\$ 6.060 ou mais)

5. Você é mãe ou pai?

Sim

Não, portanto não me enquadro no recorte desta pesquisa

6. Quantas filhas ou filhos menores de 12 anos você tem?

1

2

3

4

5 ou mais

7. Você tem filhas ou filhos de qual/quais idades?

\*É possível selecionar mais de uma resposta.

Menos de 1 ano

1 ano

2 anos

3 anos

4 anos

5 anos

6 anos

7 anos

8 anos

9 anos

10 anos

11 anos

12 anos

Tenho outra filha ou filho com a idade já selecionada

8. Você possui uma conta pessoal ativa na rede social Instagram?

Sim

Não, portanto não me enquadro no recorte desta pesquisa

9. Quantos seguidores você tem no Instagram?

Até 500

De 500 a 1.000

De 1.000 a 2.000

De 2.000 a 5.000

Mais de 5.000

10. Com que frequência você costuma compartilhar fotos e vídeos sobre assuntos gerais no feed ou nos stories do Instagram?

\*Não considere fotos e vídeos seus ou de suas filhas ou filhos.

Cinco vezes por semana ou mais

Três vezes por semana

Uma vez por semana

Duas vezes por mês

Uma vez por mês

Menos de uma vez por mês

Outros:

11. Com que frequência você costuma compartilhar fotos e vídeos com a sua própria imagem no feed ou nos stories do Instagram?

Cinco vezes por semana ou mais

Três vezes por semana

Uma vez por semana

Duas vezes por mês

Uma vez por mês

Menos de uma vez por mês

Outros:

12. Você já compartilhou fotos de alguma de suas filhas ou filhos na sua conta pessoal no Instagram?

Sim

Não

*Responda as próximas perguntas pensando em apenas uma de suas filhas ou filhos, caso tenha mais de um. Você poderá responder sobre as suas percepções sobre outros antes de finalizar o envio.*

14. Você irá responder a esta pesquisa conforme as suas ações relacionadas à sua filha ou filho de qual idade?

Até 4 anos

De 5 a 9 anos

De 10 a 12 anos

15. Você já compartilhou fotos de sua filha ou filho na sua conta pessoal no Instagram?

Sim, no feed e nos stories

Sim, apenas no feed

Sim, apenas nos stories

Não

16. Com que frequência você costuma compartilhar fotos e vídeos de sua filha ou filho no feed e nos stories do Instagram?

Cinco vezes por semana ou mais

Três vezes por semana

Uma vez por semana

Duas vezes por mês

Uma vez por mês

Menos de uma vez por mês

Outros:

17. Analisando as suas publicações mais recentes, qual é a proporção entre fotos suas e de sua filha ou filho no seu Instagram?

Há mais fotos minhas

Há aproximadamente o mesmo número de fotos minhas e de minha filha ou filho

Há mais fotos de minha filha ou filho

18. Você já recebeu algum benefício ou valor financeiro, ganhou um produto ou serviço com desconto ou de forma gratuita, ou realizou parcerias com marcas ou influenciadores, a partir do compartilhamento de fotos ou vídeos de sua filha ou filho no Instagram?

Sim

Não

19. Em quais situações você compartilha fotos da sua filha ou filho na sua conta no Instagram?

\*Assinale todas as alternativas que considerar verdadeiras.

Ao celebrar datas especiais

Ao fazer passeios ou viagens

Ao desenvolver atividades cotidianas

Ao registrar suas primeiras experiências

Ao dividir dicas sobre parentalidade e estilo de vida

Outros:

20. Quais motivações fazem você compartilhar fotos da sua filha ou filho na sua conta no Instagram?

\*Assinale todas as alternativas que considerar verdadeiras.

Para registrar momentos e experiências, como em um álbum de fotografias

Para aproximar minha filha ou filho de familiares e amigos

Para compartilhar o cotidiano de minha filha ou filho

Para divulgar produtos infantis

Para dividir reflexões sobre parentalidade e estilo de vida

Outros:

21. Assinale as ações que você já realizou, considerando fotos e vídeos compartilhados no feed e nos stories do Instagram.

Ao menos uma vez, já compartilhei fotos ou vídeos em que minha filha ou filho está:

\*Assinale todas as alternativas que considerar verdadeiras.

Na maternidade do hospital

Seminu ou nu (mesmo utilizando ferramentas digitais como emojis para esconder a região íntima)

Chorando ou em situações potencialmente constrangedoras (como negando comer algum alimento, fazendo "birra"...) )

Celebrando sua festa de aniversário e mostrando a sua idade

Vestindo uniforme ou deixando explícita as instituições de ensino que frequenta (incluindo atividades extracurriculares)

Nunca realizei nenhuma das ações acima

22. Assinale as ações que você já realizou, considerando fotos e vídeos compartilhados no feed e nos stories do Instagram.

Ao menos uma vez, já realizei publicações:

\*Assinale todas as alternativas que considerar verdadeiras.

Em perfis abertos no Instagram

Sem pedir permissão à minha filha ou filho

Que mostrassem o rosto de minha filha ou filho

Que contivessem o nome completo de minha filha ou filho

Que contivessem a data de nascimento de minha filha ou filho ou com a data de aniversário junto de sua idade

Que expusessem a rotina de minha filha ou filho

Que mostrassem a localização de minha filha ou filho em tempo real (como em passeios, praças, espetáculos, etc.)

Que visassem compartilhar experiências sobre vivências parentais

Nunca realizei nenhuma das ações acima

23. Você pede permissão à sua filha ou filho antes de compartilhar fotos ou vídeos dela ou dele no Instagram?

Sim, sempre

Sim, às vezes

Não, porque ela/ele me disse não ser necessário

Não, porque nunca conversamos sobre isso

Não, porque eu acredito não ser necessário

Outros:

24. Sua filha ou filho possui uma conta pessoal e individual no Instagram?

Sim, administrado por ela/ele

Sim, administrado por mim ou por outro responsável

Não

25. Na sua opinião, mães e pais podem compartilhar fotos ou vídeos de suas filhas ou filhos nas redes sociais sem pedir permissão?

Sim, independente da idade

Sim, se menores de 18 anos

Sim, se maiores de 18 anos

Sim, se a mãe ou pai aparecer junto

Não podem

Outros:

26. Na sua opinião, se mães ou pais compartilham fotos os vídeos de suas filhas ou filhos nas redes sociais sem devidos cuidados, podem gerar risco de:

Violação dos direitos à privacidade, à intimidade ou à imagem

Assalto ou sequestro

Assédio sexual

Assédio moral (bullying)

Não geram riscos

Outros:

27. Você já havia tido contato com o termo *sharenting*?

Sim, sabia o significado

Sim, mas não sabia o significado

Não

28. Você gostaria de participar de uma entrevista de aprofundamento sobre o assunto para contribuir com a pesquisa científica acadêmica?

Sim

Não

29. Deixe seu contato, caso esteja disponível para participar da entrevista de aprofundamento:

---

30. Estou ciente que as respostas a este questionário são parte de uma pesquisa científica acadêmica. Afirmo que todas as minhas respostas são verdadeiras e desejo formalizar o envio deste formulário.

Sim

Suas respostas foram registradas.

Obrigada por fomentar a pesquisa científica!

Caso tenha interesse em receber os resultados deste Trabalho de Conclusão de Curso ou queira conversar sobre o seu desenvolvimento, entre em contato pelo email [maiaradallagnol@gmail.com](mailto:maiaradallagnol@gmail.com)

**APÊNDICE B – ROTEIRO ENTREVISTA EM GRUPO FOCAL**

1. O que você sente ao usar o Instagram, vendo as fotos e vídeos dos perfis que você segue e interagindo com outras pessoas?
2. O que você pensa e que sentimentos você tem quando compartilha fotos e vídeos seus no Instagram?
3. Quais são as suas percepções sobre os compartilhamentos que as mães e pais que você segue fazem de suas filhas e filhos no Instagram? Principalmente daqueles que têm idades próximas a sua
4. Você já sentiu algum desconforto ao ver conteúdos compartilhados pelas mães e pais que você segue no Instagram?
5. O que você considera que motive as mães e pais que você segue a postarem conteúdos sobre as suas filhas e filhos no Instagram?
6. Quais conteúdos sobre sua filha ou filho você costuma compartilhar no Instagram?
7. Que sentimentos você tem quando compartilha fotos e vídeos de sua filha ou filho no Instagram?
8. Quais as suas motivações para postar conteúdos sobre sua filha ou filho no Instagram?
9. Você já compartilhou fotos e vídeos que pudessem identificar sua filha ou filho, seu cotidiano ou seus hábitos pessoais? Você sente que isso pode gerar algum risco para vocês?
10. Pensando nas fotos e vídeos que você já compartilhou sobre sua filha ou filho, você acredita que algum conteúdo pode ser desaprovado por ela ou por ele no futuro?

11. Você já repensou o compartilhamento de alguma foto ou vídeo de sua filha ou filho? Por que?
  
12. Qual a sua opinião sobre debater sobre o compartilhamento de fotos e vídeos de crianças? Você acha importante?

## APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA EM GRUPO FOCAL

M<sup>11</sup>: Bom dia! Então, repetindo, eu sou a Maiara. Eu sou estudante de jornalismo da UFRGS. Eu estou no meu projeto de conclusão de curso (meu TCC) e a minha pesquisa é sobre *sharenting*, que é o ato de compartilhar fotos e vídeos das filhas dos filhos nas redes sociais. Então, eu agradeço a presença de vocês nessa conversa. Ela vai ser gravada para ter o seu áudio transcrito e depois ter algumas frases, que vocês trouxerem como contribuições, incluídas nesse projeto de pesquisa, que é uma pesquisa científica acadêmica para que a gente consiga entender um pouquinho mais sobre esse processo novo, que a gente tem agora, de compartilhar com outras pessoas coisas que antes a gente não tinha facilidade e que agora a gente tem por causa da internet. Então, eu queria pedir para que cada uma de vocês abra o seu áudio e fale o seu nome, ou como que se chamada, e que idade tem os seus filhos ou suas filhas pra gente. A ideia é que seja uma conversa bem informal. Eu tenho algumas perguntas e aí quem for sentindo pode ir respondendo. É para a gente conversar em coletivo mesmo. É para que a gente consiga interagir, para que todo mundo consiga trazer um pouquinho da sua percepção. Tá bem? Então, a gente pode começar pelas meninas que estão com a câmera aberta, pela GF3.

GF3: Oi, gente! Bom dia! Eu sou a GF3, sou mãe da C3 de quase 3 anos. Eu nunca tinha ouvido esse termo, mas eu achei interessante o negócio da pesquisa. Eu não vou nem me atrever a falar [*o nome do termo*], que eu vou falar errado. Eu tenho 33 anos. É isso.

GF4: Oi, meu nome é GF4, sou mãe da C4. Também não conhecia esse termo. Eu não costumo compartilhar muita coisa dela na internet. Acho que eu compartilhei uma foto da gravidez e uma dela agora com 10 meses, mas fiquei muito mais atenta, assim, depois da pesquisa. Achei muito interessante. São coisas que a gente nem se dá conta, né? Achei muito legal. É isso.

GF5: Então, eu sou a GF5, eu tenho 37 anos e sou mãe de C5. A C5 está com dois anos e meio e está vindo outro. Eu tive a mesma sensação, assim, porque na

---

<sup>11</sup> Mediadora do grupo focal.

verdade eu não tenho nenhuma foto minha grávida em nenhuma rede social. E da C5 eu também não posto, mas também é uma coisa que eu conversei com meu marido sobre isso. Ele não tem nenhuma rede social, nenhuma mesmo, e aí foi uma coisa que a gente conversou. Mas eu não proíbo ninguém de postar se quisesse, tipo se tia, mãe, avó, enfim.

GF8: Meu nome é GF8, eu tenho 40 anos. Sou mãe do C8, que tem 3 anos e nove meses. Também não conhecia o termo e eu posto um pouco e meu marido posta muito. Me incomoda.

GF1: Oi, gente! Eu peço desculpas, eu tentei abrir meu vídeo e não consegui, porque eu estou pelo web, não pelo aplicativo do Teams, mas eu vou tentar baixar enquanto isso para vocês poderem me ver. Então, eu sou a GF1, eu tenho 42 anos. Eu sou mãe do C1 que tem cinco anos. Eu amei participar dessa pesquisa, porque eu pensei muito, muitas coisas. É isso.

GF6: Oi, me escutam? Meu nome é GF6, eu tenho 33 anos e sou mãe da C6.1 de 11 anos e do C6.2 de 8 anos. Eu me interessei muito pela pesquisa, achei extremamente interessante. Até porque eu já estou fazendo o meu projeto de TCC também e ele vai ser voltado para como as crianças são ouvidas dentro do jornalismo. Então, o meu foco com relação às crianças já é meu interesse de longa data e já me questiono sobre muitas coisas com relação às crianças sobre como tratamos as crianças. Venho modificando comportamentos ao longo dos anos e a pesquisa também me fez refletir sobre algumas coisas. Então, estou contente de estar aqui compartilhando com vocês.

GF7: Oi, pessoal! Bom dia, tudo bem? Eu sou a GF7, sou mãe da C7. A C7 tem 11 meses agora e achei bem legal. Foi uma prima minha que me mandou sobre a tua pesquisa, Maiara, e achei interessante responder, né? Porque eu faço bastante uso de redes sociais. Então, eu trabalho com Desenvolvimento Infantil, meninas, e eu posto muitas coisas sobre o desenvolvimento infantil, sobre riscos do Desenvolvimento Infantil... Então, quando eu engravidei da C7, o pessoal ficou alvoroçado, né? Queria entender como é que funciona o desenvolvimento, se eu ia postar alguma coisa sobre o desenvolvimento dela, dicas para estimular a criança...

Então, na minha rede social privada, eu tenho alguns álbuns da C7, né? Que eu vou fazendo compartilhamentos de momentos de cada mês dela, mas isso é algo pessoal nosso, para a nossa família. E no meu perfil aberto, eu posto alguns momentos de vez em quando sobre ela. Assim, as coisas que acontecem com a gente porque eu acho legal criar esse vínculo com as famílias que me acompanham, né? Então, hoje eu trabalho no atendimento de várias crianças e essas famílias acabam me buscando para entender um pouco mais sobre o desenvolvimento dos seus filhos, ter dicas de como eu faço com a minha criança. Então, eu achei essa pesquisa bem interessante exatamente por isso, né? Porque a gente pode usar essa parte da rede social para uma coisa boa, mas a gente também tem que pensar pelo outro lado, que nem sempre as pessoas vão estar de boa vontade ali para nos observarem, nos acompanhar.

GF2: Bom dia! O meu nome é GF2, eu tenho dois filhos: a C2.1 de 9 anos e o C2.2 que vai fazer 5 meses agora no dia 20. Eu estava, acho que no grupo de fraldas ecológicas, e fui convidada a participar da pesquisa. Achei o tema muito interessante, porque é uma coisa que a gente faz sem raciocinar. Sempre tive receio das redes sociais, nunca sai compartilhando coisas, assim, uniformes escolares, que pudesse identificar a criança... Sempre tive esse receio mas nunca pensei pelo aspecto de estar mostrando a imagem, expondo o meu filho sem consentimento dele. Nunca tinha parado para pensar nisso e olha que eu sou advogada. Realmente nunca pensei nisso. Eu achei muito interessante refletir sobre esse assunto e repensar a forma que a gente faz esse compartilhamento nas redes sociais. Eu fiquei um tempo parada na advocacia, estava trabalhando em outra área, voltei a trabalhar agora e comecei a movimentar meu Instagram. Eu trabalho na advocacia voltada para mulheres que sofreram violência obstétrica e acabava compartilhando muitas coisas dos meus filhos. Às vezes, a foto do bebê, uma rotina, trabalhando... E foi uma reflexão muito interessante, porque eu fazia compartilhamentos sem me preocupar com alguns aspectos. Então, eu acho que me fez refletir bastante essa questão e o que fazer para poder, não sei, talvez, mitigar essa exposição, diminuir ou fazer isso de uma forma que seja menos invasiva com a imagem das crianças.

M: Tá bem. Então, estamos todas apresentadas e eu vou começar com a primeira pergunta. É para ser uma conversa, não existe resposta certa, não existe resposta

errada. A gente pode concordar, a gente pode discordar, a gente pode trazer novos pontos. Mas, então, eu queria começar perguntando para vocês o que vocês sentem quando usam o Instagram, quando vocês estão interagindo com as outras pessoas, quando vocês estão vendo fotos das outras pessoas. Que sentimentos o uso dessa rede social traz para vocês?

GF5: Que pergunta complicada, né? Eu vejo bastante o Instagram e acabou que eu uso o Instagram muito. Não tanto para ver o que as pessoas postam, acabou que é a minha ferramenta de ter um contato com o Brasil, com as notícias do Brasil. Então, eu acabo seguindo muitas coisas no Instagram. E, às vezes, eu vejo algumas amigas minhas postando coisas que para mim são privadas. Eu não postaria, sabe tipo, e eu fico pensando... Acho que também por eu morar na Alemanha e aqui essa coisa de privacidade está para tudo, é muito forte. Em tudo tu precisa assinar que tu aceita que os teus dados... Essa proteção de dados é muito forte. E eu fico pensando “cara, o que que a minha filha vai pensar se eu postar alguma coisa dela?” e aí, lá no futuro, ela vai olhar para trás. Será que ela gostaria de ter sido exposta assim ou não? E aí eu fico pensando quando eu vejo alguns posts de pessoas, que para mim é uma coisa privada, que eu não sei se eu postaria ou não, mas eu não sei se eu sou influenciada por já morar aqui há muito tempo. Talvez, porque às vezes eu tenho essa vontade, tipo “putz, que legal”, sabe? Tem tanta gente, tantos amigos, tanto a família, que poderia ter mais contato comigo, saber mais da minha vida, se eu postasse mais, se visse mais, e aí eu acho que são muitos aspectos. Mas é isso, o sentimento que eu tenho é que algumas coisas eu entendo, tipo, vejo [*e penso*], “putz, que legal. Nossa, a fulana, a vida dela tá assim... Poxa, que legal sabe?”, mas tem outras que eu fico [*pensando*] “não, será que o filho dela vai gostar depois que crescer?”, porque são uma geração que já nasceu com uma câmera na frente, sabe? Eu vejo isso pela minha filha que já nasceu com a câmera do WhatsApp ali.

GF2: O sentimento que me traz ver o Instagram de outras pessoas é que é gostoso acompanhar a vida alheia, né? Me sinto principalmente próxima de amigos e parentes, que na rotina do dia a dia não tenho tanto contato. Eu falo que eu já tinha a preocupação de certas postagens, mas pensando na questão da segurança dos meus filhos de não divulgar aonde eu estou indo no horário que eu estou lá, não

divulgar a escola que eles estuda, essas coisas sempre tive essa preocupação. Eu gosto das redes sociais por conta do contato com outras pessoas e também de compartilhar fotos dos meus filhos com outras pessoas. E, sim, internamente há essa cobrança de postar mais, de expor mais, porque é como se fosse - pelo menos no meu caso - que eu querendo começar a criar conteúdo é uma vitrine no meu trabalho para mim. Eu acho que essa questão da vida é muita questão de uma vitrine. Mas eu tento me policiar. Até porque eu não tenho essa segurança de ficar mostrando rotina. Às vezes, eu posto uma foto e tal, mas eu acho que eu me sinto como curiosa com a vida dos outros. Eu gosto de fazer algumas postagens minhas para familiares que estão mais distantes, mas sempre com essa preocupação realmente da segurança, essa proteção. Mas nunca tinha pensado na questão da exposição da imagem. É claro que eu não posto uma foto da minha filha de fralda, eu nunca fiz isso, eu não acho que é adequado. Eu posto uma foto dela de roupa, brincando. Acho que tento sempre seguir esse limite.

GF3: Então, eu sinto sentimentos bons, assim, de acompanhar a rotina, às vezes de amigas e da família, de ver como estão, o que os filhos fizeram e tal, né? Eu gosto disso no Insta, né? A GF2 também falou de curiosidade e tem pessoas que eu sei que sempre postam coisas legais, mas eu também sinto inveja, sinto muita raiva no Instagram, gente. Vocês não? Eu sinto inveja quando vejo aquelas famílias de margarina maravilhosas, aquelas viagens para praia, aquelas coisas assim. E eu penso “gente, que raiva que dá” e daí eu penso “não, isso é só um recorte, a vida da pessoa não é 100% assim”, mas esse sentimento também me vem, com certeza.

GF8: Aproveitando a fala da GF3, eu acho que quando a gente vê o Instagram é uma forma de a gente estar mais próxima das pessoas, de a gente fazer parte de alguma forma da vida daquela pessoa. E, em algum momento, eu seguia muitas influenciadoras e eu parei de seguir, porque isso estava me fazendo mal. A minha saúde mental estava ficando prejudicada porque a minha vida era muito distante da vida daquelas pessoas. Por vários motivos, né? Porque é o trabalho delas, por uma questão financeira também, né? Porque a pessoa ganha, sei lá, cinco milhões por mês e outra é porque que nem GF3 falou, é só um recorte, né? Aquele story foi pensado, aquele feed foi pensado, aquela foto da viagem foi pensada. Então, no meu Instagram pessoal, hoje, eu só sigo pessoas conhecidas mesmo, que eu

encontro. Daí tem o meu Instagram profissional, que daí tem uma outra visão completamente diferente, né? Nele também eu sigo, tipo, o cara que dá aula de marketing jurídico - eu também sou advogada,

GF4: Queria só compartilhar, contribuindo com o que as meninas falaram, eu concordo plenamente com elas. Algumas coisas também me incomodavam assim porque parece que tudo é perfeito, lindo, e até na maternidade, sabe? Se tu ver as pessoas postando só coisas maravilhosas... A gente sabe que não é assim. Algumas blogueiras também, só que tem coisas que infelizmente não tem como tu fazer. Que nem as gurias falaram, é muito distante da tua realidade e parece que tu é um ET. Aí algumas coisas assim que fugiam da minha realidade também, parei de seguir e vou dar uma outra selecionada, porque essa questão que vocês estão abordando está me fazendo ver esse assunto, está me fazendo ver outras coisas. Sabe? Abrir mais ainda novos horizontes, digamos, para essas questões é bem legal. Estou muito feliz de estar participando também da pesquisa

GF1: Oi, gente! Desculpa mais uma vez, acho muito antipático vocês não estarem me vendo, mas eu não consegui *[abrir a câmera]*. Então, eu sinto muitas coisas. Adorei ouvir vocês. Eu sinto que eu fico super feliz. Eu sigo algumas páginas que eu dou bastante risada, de propósito assim, tem umas páginas que eu gosto muito por isso, né? E também sinto isso, às vezes eu fico com raiva. Às vezes, eu fico *[pensando]* "Meu Deus, que que é isso?"... Enfim, vendo esses recortes, né? E, às vezes, eu também sinto em alguns momentos uma ambivalência muito grande para mim no Instagram, eu gosto muito, mas por exemplo o Facebook sempre foi um local que eu nunca quis postar muito. Eu escolhi o Instagram para postar e, sobretudo, sobre o C1, né? Eu achava o Facebook muito perigoso e era muito nesse sentido do cuidado mesmo, da segurança do meu filho, das questões de pedofilia, de abuso, de sequestro, sabe? E era muito nesse sentido. Então eu sempre deixei lá como uma página meio vazia. Mas no Instagram, resumindo assim para não falar muito, para mim é uma sensação muito ambivalente. Eu gosto e ao mesmo tempo desgosto. Eu às vezes quero postar, às vezes eu me sinto inclusive meio chamada a postar, quando eu começo a ver todo mundo postando... Eu já tive, inclusive, essa questão, né? Eu tenho um coletivo de mães e pais em que a gente se juntou para cuidar das crianças na primeira infância, então, a gente trata da infância, das crianças desde

sempre e a nossa coordenadora, [como a] GF5, morava na Alemanha e ela trazia muito isso de como na Alemanha era essa questão do consentimento, da privacidade e tudo mais, e na época eu me questionava. Ela nos questionava: “O que os filhos e as filhas de vocês vão pensar quando eles crescerem e tiver tudo ali o que vocês registraram?”. E, por um tempo, eu pensava “bah, o que meu filho vai pensar se ele não estiver ali e os outros estiverem?”, então, para mim quando a Maiara trouxe e isso veio um bolo de tudo que eu já pensei e penso, e eu sinto sempre que é uma coisa ambivalente, são sentimentos ambivalentes e às vezes contraditórios em relação a isso.

GF8: Só para completar um pouquinho a tua fala - também não quero me estender muito, porque se me deixar eu começo a falar e não paro mais... Essa questão de tu ser “convidada a postar”, não é que te parece. Isso existe e tem uma teoria sobre isso: o comportamento de massas, que aborda muito bem os comportamentos de massa. E a segunda questão, que a GF5 falou e que a GF1 falou agora da Alemanha e da proteção de dados, a Europa como um todo tem uma legislação muito forte para proteção de dados que é a GTPR. No Brasil começou agora, faz uns dois anos, a Lei Geral de Proteção de Dados, né? Então, a gente ainda tem uma cultura muito a ser trabalhada nessa questão de proteção de dados e a imagem é um dado pessoal. Então, culturalmente a gente tá muito atrás e na legislação também. Tá muito atrasado nessa questão da proteção de dados pessoais. E também tem uma outra coisa da criação dos filhos que acho que a gente gosta de postar - as que gostam e que postam - tem uma coisa do ego, mas não do ego de coisa ruim, sabe? Mas do lado de coisa boa...

GF5: Orgulho?

GF8: Isso, orgulho! Eu e o meu marido, a gente teve que fazer fertilização in vitro para gravidez. Então, quando o C8 nasceu foi uma explosão de sentimentos de amor, sabe? E eu pensava “ah, não é possível que só eu vejo esse neném lindo, que as outras pessoas também tem que ver” e, na verdade, ele parecia um saco, né?

GF6: Eu uso muito Instagram, uso todos os dias, posto muito no Instagram e uso muito para me informar, sigo muitos perfis de notícias, enfim, e também sigo artistas

que eu admiro. Então, eu gosto de estar por dentro da carreira deles, então eu uso para isso também, e para seguir coisas do meu interesse, sei lá, uma página de receitas, eu gosto de seguir, porque dali às vezes vem uma ideia legal para uma janta, sabe? Então, eu uso muito. Assim, o Instagram é bem presente na minha vida. Então, eu gosto de usar, mas com relação aos sentimentos, eu posto a minha rotina porque eu gosto de compartilhar com as pessoas que me seguem ali, que são os meus amigos, porque eu não sou uma pessoa pública, mas ele é aberto - quem quiser, me segue. Mas isso é uma opção, porque como eu estou me formando em jornalismo, eu penso que eu preciso ter ali aberto para que as pessoas vejam, porque eu publico também muitos dos meus trabalhos, muito das coisas que eu faço na minha carreira profissional. Então, eu não separo os Instagrams como pessoal ou profissional. É tudo junto porque na minha concepção da minha vida está tudo junto, né? Então, por essa questão de estar tudo junto, eu posto muita coisa com os meus filhos, porque eles fazem muito parte da minha vida, eu estudo muito com eles junto, então está muito ligado uma coisa com a outra. Mas, recentemente, foi que eu tive uma mudança de refletir sobre o que eu postava e comecei a perceber que eu me limitava em postar algumas coisas que eu não achava que eram tão bonitas para serem postadas. E aí eu comecei a perceber que, tipo assim, por exemplo, eu moro numa casa que é uma casa de madeira, que já tá bem deteriorada, que tem cupim, que não tenho agora a condição de me mudar, é a casa que eu moro. E eu comecei a perceber que em alguns lugares da minha casa eu não tirava foto e aí eu comecei a perceber porque eu tava fazendo isso e eu percebi: “putz, é a minha casa e aí eu tô me limitando a não postar algo dentro da minha casa, porque eu acho que a minha casa não é tão bonita quanto as casas que aparecem no meu feed do Instagram, sabe?”. E aí eu comecei a pensar sobre isso e hoje eu já não tenho mais tanto esse bloqueio. Eu comecei a pensar “não, cara, é a minha casa, tô dentro da minha casa e é o meu Instagram e paciência, entendeu? É a minha vida e se eu quero postar a minha vida, eu tenho que postar a minha vida como ela é mesmo”. Sabe que eu acho que sem querer, às vezes, a gente acaba se colocando essas máscaras. Assim, na hora que a gente vai postar algo que vai que as pessoas vão ter acesso, porque às vezes no Instagram a gente nem tem mais vezes muito a noção de quem é que está olhando as coisas que a gente posta, então a única coisa que eu tomo um cuidado maior realmente quando eu vou postar são realmente coisas que eu penso que podem me prejudicar de alguma forma, da minha índole, o

profissionalmente, algo assim. Então, eu deixo pra minha vida íntima, para minha vida pessoal e não publico assim, né? Porque, por exemplo, todo mundo vai numa festa e bebe e tira foto com os amigos e tudo, mas eu não vou postar no meu Instagram eu bebendo com os amigos, já mais alterada alcoolicamente, porque eu penso que se eu estou ali também postando coisas da minha carreira, e eu quero que as pessoas me olhem com relação a isso, essa é uma coisa mais íntima para ser compartilhada com os meus amigos mesmo e não para outras pessoas. Então, eu tomo um cuidado nesse sentido e não posso tudo, mas eu posto bastante coisa.

M: Vocês trouxeram um pouco sobre seguir perfis de outras pessoas, de muita gente que é influencer, que mostram uma vida mais “perfeita”, mas eu queria entender também, quais são as percepções de vocês em relação aos compartilhamentos de pessoas comuns, de outras mães e de outros pais que têm idades similares às de vocês e que postam fotos das suas filhas e dos seus filhos. O que que vocês percebem? Vocês percebem mais pontos positivos, mais pontos negativos...? Vocês já se sentiram desconfortáveis com alguma publicação que vocês viram?

GF3: Olha, no começo, quando mostraram as primeiras criancinhas lavando o nariz com a seringa e saía um monte de meleca do nariz, eu pensava: “Meu Deus, essa pobre criança vai ser chamada de “ranhenta” da primeira série até o final do segundo grau, né?”. Eu sofri muito bullying na escola. Então, eu sempre olho as coisas e penso: “Meu Deus, isso aí vai dar bullying”, sabe? Eu fico, assim, tentando adivinhar os *bullying*s futuros. Mas daí, agora, tem vídeo de todas as crianças lavando o nariz. Então, eu acho que já não vai fazer diferença, entendeu? Porque pelo menos no meu feed tem filho de todo mundo lavando o nariz e saindo meleca. Isso era uma coisa que me preocupava, que me incomodava no começo. Agora eu já acho que normalizou a meleca, todo mundo tem catarro. Está tudo bem. Outra coisa: às vezes as fotos das crianças no penico ou no vaso... Tipo assim: “ai, fulano está desfraldando”.

GF5: Isso eu fico bem incomodada. Tipo, fala que teu filho está fazendo desfralde, legal. Fala como é esse desfralde, compartilha, todo mundo quer saber, sabe?

GF3: Mas não precisa foto no banheiro, né?

GF5: Isso eu também fico um pouco incomodada, mas em geral, eu vou te dizer que o feed de amigos até são comedidos. Geralmente são fotos comendo, praça, aniversário.... É OK assim, é tranquilo. E eu já pensei também nesse negócio do bullying ou a criança falando errado, ou a criança fazendo não birra, mas mostrando esses instantes de *[inaudível]* e de achar que é legal. Não, cara, a criança está se expressando, não posta, talvez não seja legal para ela. Talvez porque ela precisasse naquela hora ser acolhida e não ser postada. E isso me incomoda um pouco, às vezes, dependendo do vídeo, assim, da criança brava.

GF8: Meus amigos e minhas amigas que eu sigo as postagens, não vejo nada demais. Uma ou outra que eu penso “para que isso, né?”, tipo foto de banho, eu não acho legal. Eu me sinto incomodada mesmo que tenha ali tapando as partes íntimas, eu não acho legal. Eu não gosto porque eu sempre penso se fosse minha foto, né? Se fosse minha foto, eu também não gostaria que tapassem as partes íntimas e botassem uma foto minha tomando banho. E depois tem algumas outras fotos que me incomodam, mas daí é mais por julgamento meu do que efetivamente do que a pessoa está postando, né? Por exemplo, uma grande amiga minha postou há esses tempos uma foto dela fazendo a unha e a filha de 5 anos também fazendo a unha com esmalte para adulto. É um julgamento meu, sabe? Criança tem que usar produto para criança. Daí também já entro numa esfera mais minha, de questões minhas, do que da pessoa efetivamente que está postando. Me dá nervoso quando eu vejo as pessoas postando fotos de recém-nascido com luva, né? Então, de novo é uma questão minha e não de que o que a pessoa está fazendo é errado.

GF5: Como assim?

GF1: Eu não entendi também. O recém-nascido com o quê?

GF8: O recém-nascido com luva.

GF2: Mas o recém-nascido com a luva ou a pessoa está com a luva? Tipo assim, a pessoa que tocou em tudo toca a criança?

GF8: A criança.

GF3: Para não ficar com as mãos geladas, entendeu?

GF2: Eu também tenho pavor de recém-nascido com luva, para mim o bebê está preso. E eu tenho o mesmo sentimento: não colocava no meu filho, só colocava nele quando estava muito frio. Mas, fora isso, ele não usou, não.

GF8: Mas daí, é mais julgamento meu do que efetivamente o conteúdo do que a pessoa está postando, né?

GF1: Eu ia comentar que eu nunca vi ninguém postar nenhuma birra. Eu fiquei muito pensando sobre isso. O que é ótimo, né? Porque, né... Mas ao mesmo tempo também acho que está falando desse recorte, de vida perfeita, né? As crianças estão sempre felizes, falando uma coisa super interessante, brincando felizes e tudo mais, mas é isso, né? Eu sinto... Ontem eu quase fiz isso: eu ia postar uma coisa e eu fiquei - acho que justamente pelo nosso encontro de hoje - eu fiquei pensando qual era meu objetivo em postar. Tem que cuidar para gente também não começar a ficar muito exigente e chata com a gente mesmo, né? Aí eu disse "vou mandar só para a Maiara e dizer 'eu não podia evitar esse *sharenting*'", porque ele estava fazendo uma coisa muito fofa, muito, enfim... Dançando, cantando e tal. Só que eu não postei. Também não mandei para a Maiara. Mas muito disso, assim, que é isso de querer dividir, de querer esse ego - que não é esse ego ruim, né? que vocês estavam falando - que ao mesmo tempo é exibir, né? Mas é um exibir também pelo orgulho, pela vontade de compartilhar... Mas eu acho que a grande questão, que eu fiquei muito pensando, é justamente essa: Eu gostaria? Eu não gosto quando alguém me posta. Eu não gosto quando alguém me posta assim aleatoriamente, do nada. Então, assim, eu prefiro perguntar quando eu vou postar para alguém, perguntar se eu posso postar aquela nossa foto, sabe? Então, eu acho que é isso sempre, né? A gente está postando sem perguntar, né? As crianças são pequenas e não entendem ainda, então a gente posta. Eu tive que fazer tipo uma assembleia com a minha família quando o C1 nasceu para que ninguém postasse ele recém-nascido e que eu ia dizer quando. Porque daí "não pode agora, mas pode quando?", sabe? Então, assim, tinha que praticamente fazer uma assembleia,

combinar, conversar e depois se reunir de novo para ver quando já podia, sabe? Então, assim, algumas reflexões, né? Que vocês foram falando e foram me ativando aqui...

GF7: Estava aqui pensando enquanto vocês estavam falando: uma das coisas que me incomoda bastante, principalmente no Instagram, nesse compartilhamento de filhos, é quando as pessoas utilizam a imagem da criança para ter um ganho em rede social. Isso é uma coisa que me incomoda, né? Eu acompanho alguns perfis e já deixei de acompanhar alguns outros também de pais que compartilham momentos ruins da criança, momentos vexatórios para criança, para ter visualização, para ter like, para ter compartilhamento, esse tipo de coisa. Então, isso é algo que me incomoda e é algo que eu tento trabalhar nas minhas redes sociais. Comentei com vocês que eu acabo postando algumas coisas sobre o desenvolvimento da C7, porque eu preciso compartilhar algo para que os pais saibam como fazer com as crianças, mas eu evito de todas as formas expor ela de alguma forma que eu não gostaria de ser exposta. Então, eu tenho esse cuidado e eu evito acompanhar perfis que exponham a criança desta forma.

GF6: Eu tenho poucas amigas que têm filhos. Então, muitas vezes, quando eu compartilho coisas da minha vida, coisas com os meus filhos, as pessoas não comentam muito, talvez nem entendam muito bem como é que funciona aquela rotina. Tenho poucas amigas que têm filhos e são as únicas que comentam algo quando eu posto alguma foto ou falo de algo que aconteceu com os meus filhos, porque eu também falo muito da minha vida no Instagram. Claro que falo muito da minha vida, mas mesmo falando muito não é toda a minha vida. E, às vezes, eu até escrevo um textinho no stories. Tipo, eu não posto uma foto do que aconteceu, mas eu posso um textinho: “Ah, hoje busquei a C6.1 na escola e aconteceu tal e tal coisa e ela me falou tal coisa...”. E eu falo muito sobre as coisas que eles me dizem. Justamente porque eu tenho essa visão de que as crianças têm que ser ouvidas, que as pessoas têm que saber o que elas pensam, como é que elas têm a opinião delas com relação a assuntos, às vezes, sei lá, às vezes política, sabe? Que eles não entendem muito bem, mas eles entendem também muita coisa. E, às vezes, eles trazem umas opiniões muito... Tipo, que me fazem pensar “nossa, tu pensa dessa forma?”, porque às vezes falta um pouco de entendimento e te surpreende

aquele pensamento da criança. Então, eu escrevo, às vezes, textinhos no Instagram e falo de situações que aconteceram. E eu tenho uma amiga em especial, que ela é uma amiga de longa data, ela não mora aqui em Porto Alegre, então a gente fala muito pela internet pela questão da distância e ela sempre comenta quando eu posto alguma coisa dos meus filhos. E aí, ela traz situações que também aconteceram com ela, muito parecidas, tipo: “Ai, eu também passei por isso! O Fulano fez não sei o que comigo. Foi assim comigo!”... e aí ela também sempre comenta que tipo: “Ah, mas eu não tenho coragem de postar que nem tu. Ah, mas eu não posto assim que nem tu”, porque ela tem vergonha ou porque ela acha também que é muito exposição. Mas, por outro lado, por ela achar isso que é uma exposição, ela gosta de ver alguém que compartilha das mesmas dores e das mesmas alegrias, que é essa fase da vida aqui da maternidade, sabe? Então, a gente comenta várias vezes sobre isso. E aí, ela posta agora algumas coisinhas sobre a vida dela, sobre a infância das crianças, e eu sempre vou lá e comento também alguma coisa, apoio ela e tudo. Então, eu acho que também tem essa questão de, sei lá, eu acho que as pessoas ao teu redor interagirem contigo a respeito daquilo que tu está postando faz com que tu queira postar mais sobre aquilo e falar mais, sabe?

M: E o que é que, então, vocês acham que motiva as mães e os pais a postarem? Por que vocês acham que as pessoas postam? Vocês já falaram sobre orgulho, teve alguma fala sobre curtidas, interação, engajamento, proximidade... Mas me contem, o que que vocês acham que é a motivação? Por que agora é tão comum para a gente compartilhar as fotos? Por que que a gente vê uma coisa e tem vontade de postar?

GF8: Eu acho que, além dessas questões que a gente falou, de orgulho, enfim... Não adianta, a gente vive numa era mega digital e, às vezes, a gente faz as coisas sem nem saber o porquê, né. O comportamento de massa, de modelar... A gente simplesmente faz porque está todo mundo fazendo. E olha que eu me acho uma pessoa super crítica e pouco influenciável, mas na verdade eu sou mega influenciada mesmo sem perceber, né? Então, a gente faz porque tá todo mundo fazendo. Esses tempos eu falei uma frase para minha mãe, né? Que enfim me vinguei. Ela falou alguma coisa “ah, porque todo mundo faz”, daí eu disse “ah, mas tu não é todo mundo, né?”. Então, a gente faz porque todo mundo faz. A verdade é

essa. Alguns numa escala maior e outros numa escala menor. E eu, pessoalmente, acho que romantizando, tipo entra no negócio do orgulho assim, mas sendo bem ingênua, porque no fundo no fundo, eu acho que é esse comportamento de massa. E eu, particularmente... Meu filho tem uma deficiência física no pé e, depois que a gente postou algumas coisas, muitas pessoas vieram comentar assim comigo: “Ai, o filho de uma conhecida minha também nasceu assim, posso passar teu contato para ela?”. Então, essa questão do pé, a gente acaba postando bastante, porque eu sei que, quando meu filho começou a fazer o tratamento, procurei muitas referências sobre isso. Então, essa questão específica do tratamento do pé dele a gente acaba postando, porque a gente sabe sim que vai ajudar, vai inspirar, vai trazer algum alívio para outras famílias. Então, isso é uma postagem consciente do porquê que é feita. O resto é meio que comportamento de massa mesmo. Só para dar um exemplo para vocês. Eu fui olhar o Instagram da minha irmã, tá? Porque minha irmã não posta. Minha irmã não posta. Minha irmã tem cinco fotos no Instagram: três são do cachorro, uma é ela grávida e uma ela com o filho dela com ele com eles de costas, né? Então, a minha irmã não posta. O Instagram dela tem cinco postagens, ela não faz stories, ela não posta.

GF5: Mas eu fico [*pensando*] mas é esse comportamento de massa é quando eu vejo foto de outras pessoas compartilhando seus filhos, que dá esse orgulho e que dá vontade de “já que está todo mundo compartilhando, vou compartilhar”, sabe? E aí, eu tenho também a influência. E, tipo, acho que ajuda meu marido não ter nenhuma rede social. Ele é alemão, então ele vira e ele fala muito sobre essa coisa de privacidade. Tanto que eu acho que eu postei uma vez uma coisa que a gente fez, um ano de casamento. Eu fiz todo um negócio para postar e eu: “Ai, posso postar? Tu me autoriza?” [*e ele respondeu:*] “Tudo bem, eu te autorizo”. Aí eu postei, sabe? Mas eu nunca tinha pensado nisso de autorização das pessoas. Só que, ao mesmo tempo, todo o meu perfil é bloqueado e aquelas fotos que tem quando te marcam eu também tenho que autorizar. Então, porque não perguntar também pro outro, sabe? É uma coisa que eu peço autorização, mas na hora de postar não, sabe?

M: Sim. Quem mais quer contar o que acha que motive as mães e os pais a compartilharem? Pode ser outras mães e pais. Pode ser você como mãe... É o que você percebe. Quais são essas motivações?

GF3: Ah, eu acho que é uma coisa também que motiva é a chance de poder ganhar dinheiro com isso, né? Tipo, eu fico olhando a Morgana Secco com Alice, que fala as palavras difíceis. Tipo, a mulher postou uns vídeos da guriuzinha falando e daí do nada bombou e daí elas mudaram completamente o padrão de vida. Eu sigo bastante... Antes, eu seguia mais as coisas dela e eu via ela falando assim sobre isso, que tipo que ela sabe que ela está expondo a vida da Alice, né? Talvez de uma maneira exagerada. Mas que ela pensa que talvez seja um custo-benefício, porque ela tá podendo proporcionar muitas coisas que ela não poderia antes. Isso é uma coisa que eu também acho que, às vezes, pesa para as pessoas. Tipo, cada um acha que seu filho faz coisas muito incríveis e daí posta esse vídeo e vê se vai viralizar igual a Alice.

GF4: Até complementando a fala da GF3, tem esse esse lado da questão da Alice e da Morgana: também depois ela ficou super irritada, porque brasileiro não tem limite, né? O brasileiro tem isso também, né? E aí, o pessoal está fazendo muito meme, utilizando as fotos da Alice e ela ficou super irritada porque não estava autorizada. Só que tem isso também, né? A partir do momento que tu abre - como a GF5 falou - abre essa privacidade, tu perde o controle, né? Então, não tem muito o que fazer também, né? E eu acho, assim, que o que motiva também as pessoas a postarem tem muito além do comportamento de massa, né? Claro, tem muita essa necessidade que as pessoas também de... Eu não sei. Tem a necessidade de mostrar que está bem, sabe? Que dificilmente tu vê assim as pessoas postando alguma coisa mais triste ou ruim. É sempre as coisas boas, né? Tem muito esse recorte também. Eu acho legal quando a pessoa tem essa questão de não mostrar só o lado bonito, mostrar tudo, assim. Mas eu, no geral assim, não posto quase nada também. Eu não sou muito de rede social, mas eu acompanho bastante essa questão, assim, das pessoas que postam a vida toda assim, não tem muita privacidade. Isso é uma coisa que eu acho bem... Cada um, cada um, mas eu acho bem complexo, que nem no caso da da Alice, da Virgínia também, que posta foto da Maria Alice. Compartilha tudo. Daí, esses dias ela postou uma foto da Maria Alice

comendo um biscoito de maizena, daí uma nutricionista já deu um show lá. Enfim. Tem tudo isso, né, gente? A exposição é complicada, né?

M: Mais alguém quer falar sobre essas motivações? O que acha, o que que imagina, o que pensa sobre o porquê dessas fotos... O que a gente quer com isso?

GF6: Acho que também tem uma relação da da idade da criança assim, né? Porque eu vejo aqui em casa, que são um de 8 e outra de 11, né? E eu, quando vou compartilhar alguma coisa deles, eu percebo que a de 11 ela ama Tik Tok, então tipo, ela ama postagens e faz vídeo, quer gravar dancinha comigo e me chama para fazer dancinha com ela e coisas e ela adora; e o de 8, ele já é mais na dele, já não curte muito. Assim, eu pergunto “posso postar?”, tiro uma foto, mostro para eles [*e pergunto*] “posso postar?”. E aí, normalmente, a de 11 [*diz que*] pode e o de 8 [*diz*] “não, mãe”. Sabe? Eu percebo que tem essa diferença assim também deles. Apesar dele também gostar de internet, dele também gostar de YouTube, essas coisas, essa questão de postar foto tem essa diferença. Mas o que me motiva mais a postar é mais a questão de compartilhar a minha vida. Assim, eu vou compartilhando e eles estão ali junto, porque eles fazem parte da minha vida. E aí eu acabo tipo compartilhando. E tem a motivação também de “ai, que lindo esse teu trabalho, vamos tirar uma foto!”, aí, tipo, tira uma foto do trabalho. E aí, às vezes, daí explica como é que foi feito o trabalho, posta uma foto... Então, muitos stories assim... Isso tudo que eu tô falando, tipo é muito no stories, que é 24 horas e apagou, sabe? É difícil ser no feed do Instagram, assim, no feed do Instagram é algo mais para eu postar... pelo menos para mim, né? Quando eu posto, é algo tipo ou uma coisa muito marcante ou tipo uma foto que eu achei muito bonita, aí eu boto no feed, senão é tipo só mesmo stories. Faz tempo até que eu não publico alguma coisa no Face e tipo o que eu vejo mesmo de motivação, pelo menos pessoal minha, é essa assim mais de compartilhar o dia a dia e mais de muitas pessoas que eu sigo, assim, eu vejo que a motivação é mais de talvez postar algo que é bonito assim, né? Uma foto de um prato bonito, uma paisagem, umas mais assim... De compartilhar as coisas boas da vida assim, né? É raro a gente ver alguma coisa mais... Aquela pessoa triste... Teve um dia ruim assim, né? Que também é meio chato isso, né? Porque a pessoa não tem o direito também de ficar triste, de ter um dia ruim e daí, às vezes, posta algo e daí tipo alguém... As pessoas vão lá e [*dizem*] “ah, não fica

triste, vai melhorar, não sei quê...”, sempre querem que a gente esteja para cima, sabe? Aí quando está sumido das redes - para pessoa que posta muito, né? -, a pessoa está sumida das redes, aí fica uma coisa meio tipo “ah, será que a pessoa está bem sabe?”, porque ela tem que estar ali presente. Então, eu vejo também que essa motivação, assim, de mostrar as coisas bonitas.

GF1: Uma das combinações que eu tinha comigo era só postar o C1 em stories, justamente para cair em 24 horas e não ficar os registros já que, enfim... E depois eu me dei conta que não. Eu achava que eu estava fazendo isso, aí, uma hora, eu fui olhar e ele estava no feed direto assim, sabe? E para vocês verem isso, né? A gente é engolida mesmo, né? Eu jurando que eu realmente fazia isso. Aí um dia eu *[pensei]*: “Não, peraí, eu vou parar e eu vou olhar lá do início”. Comecei a olhar tudo, assim, e vi que não, eu estava me iludindo, que eu fazia isso. A intenção era essa, mas eu estava postando no feed, estava, sabe... Então, assim, também para mostrar isso: como a gente realmente é engolida, né?

GF8: Só queria dar essa contribuição: esse negócio do stories, que vocês estão falando que cai em 24 horas, vocês sabem que é uma ilusão, né? Porque não cai. Pode parar de aparecer na tua rede social em 24 horas, mas uma vez postado na internet, tu não tem mais como tirar esse registro. Até porque vamos pensar, assim, numa situação bem extrema, né? Um pedófilo, sei lá, né? Então, alguma coisa do gênero, embora eu acredito que os perfis de vocês que falaram devem ser privados, não, porque a GF6 usa para trabalho também, né? Então, deve ser aberto também... Vamos pensar numa situação assim extrema né? Um pedófilo: ele vai tirar print dessa postagem, né? Então, esse negócio de stories *[durar]* 24 horas é até a página dois, né? Não, não é bem assim... E só para fechar aqui minha fala, eu tenho um Tik Tok profissional, onde o meu vídeo com maior visualização de fala profissional foi 78.000 visualizações. Tá, mas na média cada vídeo meu tem 2.000 visualizações. Eu postei um vídeo do C8, porque dia 31 de agosto ele teve uma alta temporária da prótese e daí eu fiz uma montagem de fotos. Teve 350.000 visualizações, eu ganhei 200 seguidores em um dia, depois do vídeo dele. Eu postei porque para nós é uma vitória, né? O conteúdo para os pais que estão passando por isso, mas também porque, como tem uma deficiência física, tem um benefício previdenciário específico para pessoas com deficiência física. Então, também já usei as hashtags de

deficiente físico para alcançar as pessoas com esse problema, justamente também para poder oferecer para elas o benefício, mas olhem só, 200 seguidores em um dia...

M: Vocês falaram um pouquinho sobre o que vocês postam, mas agora eu quero saber: O que vocês postam das suas filhas e dos seus filhos, seja no feed, seja nos stories? O que é que tem sobre os filhos de vocês no Instagram?

GF8: Bom, no pessoal tem a questão do pé, do tratamento do pé, aniversário, Natal... Ele na árvore de Natal. E eu posto muita coisa dele no pessoal, né? Que também é fechado, né? Ele foi bloqueado. Muita coisa de quando a gente vai para a colônia, que daí é ele com os primos, ele com os bichinhos, que tem bastante bicho lá... Então, é isso assim que a gente posta. E o meu marido posta muita coisa dele. Meu marido ama rap, então, ele pede muito para ouvir rap também. Então, meu marido posta essas coisas mais ligadas à música. Até hoje ele foi para uma aula teste de tênis com o meu marido. Nem olhei no Instagram do meu marido ainda, mas deve estar cheio de foto dele na tal da aula teste de tênis.

M: Quem mais quer contar?

GF7: Aqui comigo, no meu perfil privado, então, no meu feed, eu tenho só as fotos de segmento ali, mês a mês da C7. Então, uma vez por mês, eu posto as fotos que eu faço dela, do acompanhamento. E nos meus stories eu costumo fazer também um álbumzinho, né, de alguns momentos do dia dela, ou da alimentação, ou do “bom dia”, ou de uma brincadeira que ela está fazendo... E no meu perfil profissional, eu às vezes posto alguma coisa da gente fazendo alguma atividade, uma brincadeira, ou se ela comeu algum alimento novo, para falar um pouco mais sobre a introdução alimentar... Eu posso lá nos meus stories. No feed do perfil profissional, eu não tenho nada dela.

GF3: Eu comecei a usar o Instagram no puerpério. Eu tive depressão pós-parto. Aí, quando a minha filha tinha uns 6 meses, eu comecei a publicar alguns textos que eu escrevi nesse momento, assim, de depressão. E foi bem bom. E eu escolhi o Instagram porque a maioria da minha família não usava, todo mundo usava só o

Face. Então, foi um momento de poder xingar a família sem eles verem e foi muito legal assim. Eu posto desde então. Eu não posto todo dia, assim, eu posto pouco no Instagram, mas o que eu posto geralmente tem a minha filha. Vim até olhar aqui e, desde o começo, eu já tinha fotos dela, porque foi isso, assim, eu comecei a usar mesmo ali a partir de quando ela nasceu. Tem bastante foto dela e isso, no começo, quando ela começou a ir na escolinha, eu recompartilhava as coisas que a escolinha postava, daí depois eu parei, porque eu fiquei com medo, né? Mas, não sei, às vezes, eu fico pensando assim o quanto isso é verdade de tipo “ah, temos que cuidar da segurança das nossas crianças e tal, não postar não sei o quê...” e o quanto isso é lenda urbana, assim... Às vezes, eu fico pensando: “Ai, será que é verdade mesmo? Tipo, que vai ter alguém que vai perseguir essa criança? Que vai até a escolinha onde ela tá? Que Deus o livre...” Então... E o que eu posto geralmente são fotos bonitinhas dela e ela conversando, tipo, ela falando, assim, coisas que eu acho fofinhas.

GF1: Também vim olhar. Eu posto aniversário, coisas engraçadinhas, assim, aprendizados, sabe? Uma coisa que se deu conta... Às vezes, eu também - se toca em mim, sabe? - eu me dei conta que ele se deu conta disso... Aí eu, às vezes, faço um texto, porque eu também gosto de escrever e tal. Mas é mais isso, assim. Algumas coisas de convivência também, sabe assim? Uns momentos super especiais, quando revê um amigo que não via há muito tempo, quando está com a avó, que é alguém que ele ama muito, sabe? Eu acho que são esses recortes, assim, que a gente... Mas é por aí. São momentos e normalmente coisas realmente né uma coisa que ele adquiriu assim nova uma coisa que eles se dão conta uma brincadeira que ele adquiriu, uma coisa que ele se deu conta, uma brincadeira que está muito legal e que eu, às vezes, me afasto para olhar, assim, então porque eu também gosto muito de não intervir quando não precisa, né, para entender, para observar e tal. Eu acho que é meio por aí, assim. Sobre a questão dos stories ali: sim, até foi bom tu pontuar isso, GF8, mas é que eu acho que falando, não de segurança, né, mas falando do dia a dia das pessoas que estão ali olhando... Essa era a minha ilusão, de pelo menos não ficar ali para todo mundo ficar olhando aquilo ali toda hora, sabe? Pros seres comuns assim, né, para nós, comuns, não aparece mais. Então era mais nesse sentido.

GF6: Eu posto muitas coisas. Fui olhar agora aqui também para lembrar. Nós brincando, nós desenhando, pracinha, trabalho escolar, alguma coisa engraçada que eles falaram... Tipo, até caiu o dente agora, eu fui lembrar aqui que tinha uma foto da minha filha com dente, segurando o dente com a janelinha aberta. Então, assim, momentos que eu vivo com eles, posto às vezes em versão de texto também. Tipo, não posto a foto do momento, mas posso um textinho ou algo que aconteceu, escrito. E antes, quando eles eram menores, eu postava mais, porque eu não perguntava tanto. Agora, eu já costumo já perguntar para eles se eu posso postar, se eu não posso... E se eles aprovam a foto, né? E a ouvir. E aí, acaba que eu estou tendo mais essa... Tipo, essa curadoria, assim, do que vou postar, né? E a minha filha, que já tem 11, ela já meio que me avisa já antes assim. Quando ela vê que eu estou com celular na mão, ela já fala “eu quero que tu poste” ou então às vezes ela fala “ai, eu só não quero que tu poste”, sabe? Daí eu fico comigo no celular, como uma recordação daquele momento. Dependendo da situação, do que foi que aconteceu, eu pergunto: “Posso mandar no grupo da família? Posso mandar para tua avó?”. E aí, às vezes, é curioso, porque assim, às vezes, ela não quer que eu poste, não porque ela tem vergonha, porque ela não quer ser exposta. É porque ela quer contar aquele momento, sabe? Já aconteceu muitas vezes, tipo, por exemplo, a minha filha, ela é escoteira, né? E aí, ela tem atividades nos Escoteiros. E aí, eu posto foto e tudo e aí tem o dia lá que ela fez o juramento lá para ser escoteira, receber o uniforme e tudo, e aí foi uma coisa que, tipo assim, ela não queria que eu postasse, porque ela queria ter um momento dela, de ela chegar para a vó dela, chegar para a dinda e contar o que aconteceu e ela mostrar as fotos e não aquele conteúdo chegar antes, sabe? Através de mim... Então, eu também percebo isso. Então, eu comecei a perceber que às vezes é uma coisa que eu gosto, que eu achei divertido, que foi legal, mas ela quer ter o prazer de ela contar aquele momento para as pessoas. E aí, então, eu tipo me seguro, não falo e deixo para ela, sabe?

M: Sim, interessante... Isso que a GF6 trouxe é um pouco sobre aprovação, né? Algumas falaram que revisitaram seu Instagram agora para ver o que posta e eu queria saber - claro que eu acredito que vocês nunca tenham postado nada pensando que possa ser desaprovado no futuro -, mas olhando para essas fotos, vocês acham que tem alguma publicação que vocês já fizeram que talvez a filha ou

o filho de vocês possam não concordar? Quando ele crescer, possa se sentir constrangido, incomodado ou inseguro?

GF8: Eu acho que não.

GF3: Sim, eu acho que sim.

M: E tu pode nos contar? Que publicações que tu acha que talvez ele possa não aprovar?

GF3: Tem tipo uma dela de bebezinha só de fraldinha andando de balanço. É uma publicação que eu fiz para falar das fraldinhas ecológicas e tal, que ela estava usando... Acho que essa é a única que ela está mais peladinha e está no feed...

M: Mais alguém? Vocês acham que, talvez, alguma foto que vocês já compartilharam pode trazer algum risco ou algum incômodo? Bem abertamente, assim, sem julgamentos, né? A gente está aprendendo juntas sobre isso...

GF1: Eu acho super difícil de responder essa pergunta, mas eu acho que a probabilidade é que sim. É sobre o gostar, né? E o não gostar das publicações, né? Porque somos seres diferentes e às vezes a gente não gosta de um detalhe de uma publicação. A gente está falando aqui, inclusive, né? Que a gente não gosta das publicações das outras pessoas. Então, acho que provavelmente sim, vai ter alguma coisa que não vai gostar. Não sei responder o quê, porque é isso, subjetividade, né? Mas quanto mais a gente postar, mais é a probabilidade vai ser, né, das crianças não gostarem de alguma. Então, ladeira abaixo para a gente que posta.

GF8: E também acho que o fato da criança gostar ou não gostar também vai depender muito da idade, né? Quando a criança chega na adolescência, com certeza não vai gostar de nenhuma postagem que a gente fizer. Acho que também tem a ver com o momento de vida da criança, né?

GF1: E também não ia gostar das fotos do álbum da família dos anos 1980, né?

GF5: Então, assim eu ia falar, tipo, todo mundo tem em casa aquelas fotos dos anos 1980, que se reunia todo mundo em casa para olhar o álbum de família. Só que agora está na internet. Agora, não precisa todo mundo se reunir. Todo mundo olha virtualmente. Mas a vergonha vai vir.

GF3: Eu penso também naquilo que alguém falou antes, que também pode ser que não goste de nunca ter postado nada. Tipo, eu tenho uma amiga que não posta nada do filho dela. E quando alguém vai postar, ela pede para botar uma carinha, assim, na frente da criança, um emoji. E aí, eu fico pensando em várias fotos nossas, assim, tipo várias mulheres adultas juntas, algumas crianças e o filhinho dela sempre tem um emoji na cara. Eu fico pensando se fosse eu essa criança, talvez eu ia me sentir muito complexada.

GF5: Eu sou uma pessoa que eu não posto a minha filha, mas eu não nego o que os outros postem. A minha irmã... Que nem, a gente foi para o Brasil, a minha filha é filha da pandemia, depois que minha filha estava com quase dois anos, conhecendo a família brasileira pela primeira vez, eu não vou deixar a minha irmã postar? Eu, como mãe, não vou postar, mas os outros podem postar, porque eu penso nisso também. No futuro... Ela estar com todos os primos e eu *[falar]* “ah, não deixo”. Traumatizar a criança...

GF8: A minha irmã que nem tu, GF5. Ela não posta, mas ela não proíbe que os outros postem, mas daí também como eu sei que ela não posta, eu também não posto muitas fotos com meu sobrinho, sabe?

FG5: O fato de eu não postar, automaticamente, gerou uma coisa das pessoas me pedirem permissão para postar fotos da minha filha. O que eu acho uma coisa assim maravilhosa. Eu acho super... E mostra um respeito em relação a minha decisão. Mas eu sempre acabo... Que eu sempre deixo, mas automaticamente as pessoas me pedem permissão. Eu acho tão legal. Estão respeitando o meu desejo, sabe, como mãe, de não postar, mas eu também não nego. Então, tá bom. E continuam pedindo, então tudo certo.

M: Mais alguém quer falar sobre isso? A gente já está chegando no momento final, então. Se alguém quiser contribuir sobre isso... Se não, eu já faço o encerramento.

GF1: Queria dizer que eu achei muito interessante o que a GF3 trouxe sobre o emoji na carinha dessa criança, né? A única na foto com esse emoji, né? “O que eu tinha que não podia mostrar, afinal de contas? Por que ou o que que acontecia comigo que eu não podia ser visto? Ou que medo absurdo você tinha em relação a mim que outras pessoas não tinham, né?”. O quanto isso também é bem profundo assim, né? Achei bem... Fiquei super reflexiva, assim, com isso também.

M: Sim. Eu ainda estou nesse processo de pesquisa, então, de entender quais são as motivações, quais são os cuidados necessários... Porque, realmente, as crianças de hoje são a primeira geração que tem a possibilidade de estar na internet desde a maternidade, desde sempre, desde o ultrassom. Então, é juntas aqui que a gente também tem essa possibilidade de ir entendendo e como a gente segue com isso, porque as crianças fazem parte da sociedade e a sociedade, agora, está se virtualizando. Então, a gente não deve excluir as crianças de um processo em que elas estão. A gente deve incentivar que elas estejam com a gente, mas a gente pode fazer isso por elas? Ou elas têm que ter idade suficiente para fazer isso sozinhas? Então, é uma linha muito tênue e que a gente vai, juntas, aqui principalmente, entendendo esse processo. Então, eu queria muito agradecer vocês pelas contribuições todas. Foi muito bom estar aqui com vocês e eu queria abrir também caso alguém queira trazer mais alguma contribuição, tenha lembrado de alguma coisa que ficou para trás ou enfim... Se quiserem falar sobre a importância de pensar nisso. Vocês trouxeram no começo, mas se essa conversa trouxe novas percepções... Enfim, um momento final para a gente concluir o que a gente pensa sobre esse assunto.

GF6: Eu comecei a pensar mais sobre isso acho que ano passado, quando eu comecei a pensar no meu projeto de TCC, que eu queria abordar as crianças dentro do jornalismo. E aí, eu comecei a ler alguns artigos sobre isso e conversar com algumas professoras que também estudam isso. E aí, em muitos artigos, eu vi que normalmente os pais falam pelos filhos que, normalmente, é um adulto representando a criança e isso começou a me incomodar muito, porque daí eu

comecei a pensar e, inclusive, alguns artigos também questionam isso de “será que o que eu estou falando por aquela criança realmente condiz com o que aquela criança pensa ou é o que eu penso sobre ela?”. E aí foi que eu comecei a pensar sobre. “Será que eu estou invadindo a vontade dela? Será que eu estou depositando nela os meus sonhos, as minhas expectativas e não realmente o que ela quer, sabe?”. Então, comecei a questionar sobre isso. E aí foi que eu comecei a também perguntar para ela sobre as coisas. Inclusive, perguntar sobre o que ela quer que eu poste sobre ela, porque é daí, estudando sobre isso, que foi que eu entrei nessa reflexão e então por isso que eu achei muito interessante a pesquisa e quando a Maiara perguntou ali no questionário se queria aprofundar, eu coloquei que sim, porque eu acho muito interessante esse assunto e acho que tem essa reflexão, assim, que eu faço na minha vida, que é sobre o que eu estou falando sobre o meu filho, que eu estou mostrando: É o que eu penso? É o que ele pensa de verdade? Sabe? Então, eu começo... Eu posto muito sobre o que eles pensam, justamente por isso, para mostrar o que eles pensam e não o que eu penso, sabe? E aí, aos poucos, que eu estou mudando esse comportamento, de colocar mais eles numa voz ativa, do que eles querem, do que eles acham que é interessante. Claro que sempre com ponderações, com referência à idade que eles têm, à consciência que eles têm para tomar determinadas decisões, né? Algumas coisas é “não e não”, pela questão da idade, mas muitas coisas eles podem decidir o que que eles querem, o que eles não querem. E entra um pouco nessa questão, assim, do que que eu publico, do que eu não publico, sabe? Mas é isso, assim. Só para complementar. Parabéns, Maiara, pela pesquisa. Muito interessante mesmo e acho que é algo que tem que ser discutido, né? E outro ponto também que eu acho relevante também a gente questionar que é: só temos mulheres aqui, né? Só temos mães, não temos pais, não temos homens, né?

GF5: Pois é, começou a entrar todo mundo e eu pensei “caralho, não tem um pai aqui?”.

GF6: É, não tem um pai falando sobre isso, né? Isso é mais um uma coisa, assim, que demonstra como é que a sociedade funciona, o quanto as mulheres estão à frente disso, o quanto as mulheres que se preocupam com isso e acabam tomando

essa demanda, mais... Não é por acaso, eu acho, que só tem mulheres, mães, aqui, né? E não tem pais...

M: Sim, a gente tinha um pai que acabou cancelando a participação dele, porque teve um outro compromisso de trabalho.

GF1: Eu pensei em uma piada muito chata...

GF8: Que estranho esse comportamento dos pais cancelarem as coisas... Nossa, é a primeira vez que eu vejo fazendo isso acontecendo *[sic]*.

GF1: Ele tinha confirmado, mas teve um compromisso de última hora... *[sic]*

M: E na pesquisa quantitativa também é muito pequena a taxa de pais que responderam.

GF1: Eu ia dizer que eu tinha um pai super legal, super presente, enfim, que é meu amigão, mas ele estava fora da amostra. Ele nasceu em 1979. Aí, depois eu te pergunto a escolha dessa amostra. Eu fiquei super curiosa, mas eu queria agradecer, foi muito legal ouvir vocês, gurias, e parabéns, Má, que seja um lindo TCC, uma linda formatura. Estou junto e estou à disposição, se precisar de mais alguma coisa. Eu também vou ter que sair meio correndo. Eu tenho que levar umas coisas para os meus avós e depois pegar o C1, mas é isso, então. Parabéns e muitas reflexões! Eu fiquei pensando várias coisas, porque continuar conversando sobre isso, aliás. Acho que seriam ótimas rodas de conversa, né? Nesses nossos tempos, esse tema. Então, parabéns por trazer essa provocação, essa reflexão. Obrigada, gente, e desculpa por eu não ter conseguido entrar com o vídeo.

M: Tudo certo, GF1, muito obrigada! Mais alguma contribuição? Mais algum comentário?

GF5: Eu gostei de escutar algumas que usam o perfil profissional para compartilhar algumas coisas das crianças, a GF8 que falou de compartilhar a deficiência, a GF2 também falou... E eu, durante o puerpério e como eu tenho minha filha que é

trilíngue, eu sou uma que procuro muito as redes sociais para isso: para para me identificar com algumas mães e identificar “será que eu estou fazendo certo para minha filha?”. E aí, tipo, eu acho que tem que ter um filtro, desse filtro de vida do comercial margarina, mas eu acho que também tu vê perfis que mostram a vida como ela e que estão na mesma situação que tu e isso é muito confortável. Então, a rede social tem isso. Tipo, tu [GF8] falou que ganhou 200 seguidores em um dia e eu fiquei pensando que tem um perfil que eu sigo de filhos trilíngues aqui, em alemão, e eu fui uma que caí nesse perfil e fui uma das que seguiu, entendeu? Eu seria uma dessas 200 pessoas que ia te seguir porque eu iria me identificar, sabe? Então, tem uma parte boa que é ver também... Tipo, que tu a GF6 falou que compartilha a voz da criança. Então é “nossa, então não é só a minha filha que fala isso, não é só minha filha que tem esse tipo de pensamento...”. Então tem a parte boa, sabe? Tem essa parte de mães que tipo a gente tem esse senso crítico de ver o que a gente vai postar, mas tem essa parte, tem esse lado muito bom. Então, parabéns mulheres, a gente é foda! E, Maiara, muito legal a tua pesquisa. Nunca tinha ouvido falar nesse termo, aí eu fui pesquisar o que era *sharenting* e eu acho que vai ser bem legal o que vai sair. É uma pena mesmo que não tenha uma amostra grande de homens. Eu gostaria de saber o que os homens pensam a respeito disso, sabe? Porque homens também são ativos em redes sociais, com os filhos.

GF8: Maiara, depois se tu pudesse compartilhar o Instagram da quem estava aqui na nossa conversa, porque eu gostaria de ler os textos da GF3, o que a GF5 fala, a GF7 que fala sobre o desenvolvimento infantil... Então, são conteúdos que eu consumo, então eu gostaria de ter acesso ao Instagram delas

M: Claro, quando a gente sair daqui, eu vou mandar mensagens para vocês e aí, quem se sentir chamada para criar essa nova rede de mães que pensam sobre isso... Que já pensavam, mas que agora pensam juntas!

GF5: Vou ficar muito feliz em ter mães nas minhas redes sociais, porque eu não tenho pessoas que são mães.

M: Aí a gente faz essas conexões. Sempre muito bom. É isso, gente, Muito obrigada por todas as contribuições que vocês trouxeram! Muito bom estar nessa roda aqui, mesmo que virtual. Obrigada!